



# À BEIRA DO URBANO

o espaço das águas no norte de são paulo

arthur cabral | tfg | fauusp | 2014



# À BEIRA DO URBANO

o espaço das águas no norte de são paulo

arthur simões caetano cabral

professor dr. vladimir bartalini (orientação)

trabalho final de graduação

são paulo | fausp | 2014

*A Edu, Lucília e Nara e à memória de Maria Lúcia.*

# Agradecimentos

Agradeço ao Vladimir pela orientação deste trabalho que transborda em muito um ano, pelas conversas e discussões que se dilatam no tempo, por todo o tempo compartilhado.

Agradeço à Marta Bogéa, que também orientou este trabalho e que tanto o incentivou desde seu começo.

A Catharina Pinheiro e a Raul Pereira por aceitarem o convite.

Aos conhecidos, colegas e amigos da Vila Mazzei, do Jaçanã, da Vila Zilda, pelos inúmeros momentos memoráveis.

Agradeço aos professores e aos amigos que me acompanharam e tanto me ensinaram ao longo de minha passagem por essa escola.

Aos colegas do DEPAVE, pelo apoio em todas as horas, pela compreensão depois de noites não dormidas.

Agradeço ao Felipe pela força dada com as maquetes eletrônicas.

Ao Gabs pela ajuda em todas as provas de cálculo, de estruturas.

Ao Murillo pelas conversas de um ano atrás à beira do córrego Carajás, pela sensibilidade em apreciá-lo, embora oculto.

Ao Rafa pelas andanças nas várzeas, pelas conversas sobre memória e preservação, pelos quadrinhos compartilhados.

Agradeço à minha vó Nair, pelos relatos que me trouxeram as águas aos sentidos.

Agradeço a meus pais e à minha irmã.

À Renata.



*Eu não sei aonde você nasceu, mas eu cresci entre o Jardim Fontális, o Corisco, a Vila Zilda, as Furnas, o Cachoeira e naquela época, sei lá, era 89 ou 90, era mais ou menos assim:*

*Lá tinha água de bica, sem caixa e torneira,  
desagua rica, lá da cachoeira,  
límpida, e os paralelepípedo a trepidar  
na madeira da roda das carroça,  
barulheira (nossa!)  
Sombra de laranjeira aqui,  
mangueira, pé de caqui,  
caixa de feira e moleque.  
Coro de lavadeira, na trilha,  
mulher aqui é pilar de família  
sem pé de breque.*

*Beira de brejo, rego, tinha  
nego quietim, pescando manjubinha,  
criame de porco, matador de galinha,  
caçador de preá, teú e ranzinha.  
Todo dia paz, gritaria e caminhão de gás,  
pré escola, Meu Bom, crepom e Tenaz.  
Máquinas de costura, chita e zaz-tráz,  
puramente, pura gente, jura, é quente, ah!*

Emicida - 1989





13	<b>Ocultamentos e desvelamentos</b>
13	Sobre os córregos ocultos na cidade de São Paulo
19	Sobre o território das bordas
23	Ao norte do Tietê, ao sul da Cantareira
37	<b>Os percursos - imersões nas bordas</b>
37	O ato de caminhar enquanto prática estética
61	Ao longo das bordas
141	Os espaços das águas
145	<b>O projeto - erupções das bordas</b>
145	Das caminhadas ao desenho
153	Pervasivo, como as bordas onde se situa
167	Descontínuo, alinhavado pelas águas
171	Praça da Ocupação
177	Escola Estadual ProfEunice de Frágoas
183	CEU Jaçanã
189	Fábrica de Cultura do Jaçanã
197	Igarapé Primavera
221	<b>Considerações finais</b>
225	<b>Bibliografia</b>

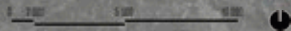








PIQUERI



# Ocultamentos e desvelamentos

## Sobre os córregos ocultos na cidade de São Paulo

Este caderno é resultante dos estudos realizados durante o ano de 2014 acerca da ocorrência de experiências de paisagem ao longo do vale do córrego Piqueri e em seus arredores, nas bordas ao norte da cidade de São Paulo. Tais estudos, desenvolvidos em âmbito de Trabalho Final de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, contudo, tiveram início com um encontro ocorrido há muito mais tempo, quando, para mim, o tempo apenas começava. Eu estava no primeiro ano da graduação, no início da primeira disciplina relacionada à paisagem, quando descobri que becos podem abrigar, ocultos sob seu espaço livre, cursos d'água ainda vivos. Descobri que as cidades herdaram muito do que há em sua conformação espacial de conformações anteriores, do sítio que as abriga, e descobri, também, que o fazer humano não é capaz de apagar, por completo, muitos dos traços da fisionomia dessa natureza primitiva. Nas primeiras aulas do Vladimir, na visita ao viveiro de mudas da Cidade Universitária, e nas aulas em atelier, fui informado de que paisagismo não é lidar, apenas, com plantas, mas que é preciso plantá-las para (re)conhecê-las. Fui alertado de que paisagem não é um objeto que se pode pegar com as mãos – embora possa admitir abordagens objetivas – nem, tampouco, um recipiente a ser preenchido por outros objetos. Ao longo das aulas de “Paisa”, descortinava-se, para mim (ainda que essa ideia não me fosse clara, naquele momento), o sentido da poesia que há na arquitetura enquanto processo de composição, de ativação de uma obra, em ato.

Em 2011, no âmbito da pesquisa sobre os Córregos Ocultos em São Paulo<sup>1</sup>, desenvolvida pelo Laboratório da Paisagem, Arte e Cultura, sob orientação do Prof. Dr. Vladimir Bartalini, desenvolvi o estudo de caso acerca da bacia do

<sup>1</sup> A respeito dos Córregos Ocultos em São Paulo, ver, entre outras publicações do LABPARC:

BARTALINI, Vladimir. *Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos*. Revista Arqtextos - Portal Vitruvius. Ano 09 - mar. 2009.

BARTALINI, Vladimir. *Palcos e bastidores. Ainda sobre córregos ocultos*. Revista Arqtextos - Portal Vitruvius. Ano 14 - set. 2013.

<sup>2</sup> CABRAL, Arthur.  
*Os córregos ocultos na paisagem urbana: o caso da bacia do Carajás*. Revista Anagrama. no.3 - 2012.

Córrego Carajás<sup>2</sup>, à margem direita do rio Tietê, na Zona Norte de São Paulo. Os vestígios dos corpos d'água que deixaram de integrar a paisagem das grandes cidades são o argumento desta pesquisa. Fragmentos que, observados com certa atenção, atestem a existência de uma condição natural anterior, sobrepujada por intervenções humanas, constituem sua matéria prima. Como numa prospecção, o levantamento desses indícios no tecido urbano já consolidado estabelece elos que possibilitam o entendimento de aspectos gerais de outrora.

As bacias de afluentes do rio Tietê da Zona Norte de São Paulo colocam-se como uma possibilidade interessante para a pesquisa acerca dos Córregos Ocultos. Quanto à geomorfologia, a topografia dessa região é bastante movimentada, conseqüente da formação de maciços cristalinos que antevêm a Serra da Cantareira já a poucos quilômetros após a área de várzea do rio Tietê, da qual resulta uma rede natural de drenagem relativamente complexa. Apartados do núcleo central da cidade, os bairros da Zona Norte, em geral, foram ocupados de início por chácaras que, gradativamente, deram lugar a sobrados os quais, por sua vez, foram substituídos por grandes edifícios residenciais e comerciais à medida que tais áreas passavam a inserir-se no contexto industrial metropolitano paulistano. Assim, por conta da particularidade tanto de seus aspectos físico-morfológicos, quanto de ocupação e transformação do solo, os bairros paulistanos situados a norte do rio Tietê guardam em si, entre peculiaridades de soluções urbanísticas distintas, indícios diversos da existência de cursos d'água sobrepostos por dispositivos antrópicos inseridos na paisagem. Todavia são, ainda, poucos e escassos os estudos sobre os efeitos da urbanização dos bairros da Zona Norte sobre os elementos de sua paisagem original e de sua rede de drenagem. Em 2012, em continuidade aos estudos de caso da margem direita do rio Tietê, analisei, sob a orientação do Prof. Dr. Vladimir Bartalini, a bacia do córrego Mandaqui, correspondente a parte dos bairros de Santana e Casa Verde.

A intenção de estudar os espaços relacionados às águas no extremo norte de São Paulo, assim, nasce de um interesse pela paisagem que perpassou minha trajetória ao longo da graduação. Se, por um lado, o entorno de Santana, nas áreas



drenadas pelos córregos Carajás ou Mandaqui, por exemplo, corresponde a bairros de urbanização recente, onde a grande maioria dos cursos d'água encontra-se tamponada, os arredores do vale do córrego Piqueri, por sua vez, correspondem às franjas da cidade, onde um tecido urbano incompleto, embora densamente habitado, esgarça-se, sendo permeado por chácaras, fragmentos de mata, córregos não canalizados, embora degradados. Apesar da convivência direta entre o urbano e o não-urbano estabelecido nessas bordas da cidade, raramente se tem a apreciação, enquanto paisagem, dos elementos que expressam este convívio. Entre elementos marcadamente antropizados e fragmentos de uma natureza ostensiva em sua presença, como desvelar experiências paisagísticas ao longo das bordas? A possibilidade de fazer emergir as relações estéticas associadas à paisagem nos arredores da Vila Zilda, bairro onde morei desde a infância, é a motivação deste trabalho.

O enfoque das etapas iniciais, conforme será visto, consistiu na investigação e na representação, em diferentes linguagens, dos principais aspectos que identificam os territórios estudados enquanto bordas entre o urbano e o não urbano. De maneira geral, reconheceu-se nesses territórios a coexistência das duas realidades: sem mediação, diversas feições do sítio natural se expressam fortemente junto a áreas urbanamente adensadas. Não há um limite claramente estabelecido entre os espaços pertencentes à cidade e as áreas adjacentes, não urbanizadas. A relação entre elas é de simultaneidade e ocorre, espacialmente, ao longo de bordas que não se podem traduzir em perímetros ou limites fechados. Embora pouco frequente no cotidiano destes espaços, o reconhecimento enquanto paisagem de fragmentos de uma natureza degradada mostra-se possível na medida em que tal natureza ali comparece ostensiva, embora negada pela urbanização.

Por meio da realização de diversos percursos ao longo do vale do Piqueri e em seus arredores, foram detectados pontos específicos onde os cursos d'água, fragmentos de vegetação ou, simplesmente, as formas do relevo se revelam enquanto testemunhos de uma natureza ainda existente, embora sobrepujada pela ocupação urbana. Ao longo de linearidades, entre ocultações e desvelamentos, o reco-

nhecimento e a representação desses lugares, por meio de fotografias, de textos, de mapas e de desenhos por observação, correspondem ao ponto de partida do projeto.

A intenção projetual que baliza tanto os estudos como as intervenções propostas estabelece uma forte proximidade com o que se pode entender como um parque. Tratando-se, todavia, de um projeto que tem, como premissa, dar expressão àquilo que já existe, mas que permanece latente, conclui-se, a partir do reconhecimento dos territórios em estudo, que não poderia se tratar de uma entidade espacial fechada, que ocupa um espaço determinado. O projeto corresponde, assim, à ideia de um parque sem corpo próprio e sem perímetro, um parque pervasivo, como as bordas nas quais ele se situa. Não um parque composto por órgãos que se organizam num sistema coerente, totalizável, mas por órgãos que, embora reconhecíveis em suas especificidades, se transmutam de modo a ajustarem-se a diferentes situações e a acoplarem-se mais facilmente a outros órgãos.





## Sobre o território das bordas

O objeto empírico do presente trabalho são as bordas entre o urbano e o não-urbano no norte da cidade de São Paulo, mais especificamente nos bairros de Jaçanã e Tremembé, ao longo dos cursos d'água da bacia do córrego Piqueri. A região, situada nos contrafortes da serra da Cantareira, apresenta relevo bastante acidentado e hidrografia complexa, fatores estes que, associados ao tipo de urbanização que ali vem se processando, acabam por conferir características muito particulares a este território limítrofe da cidade. A ocupação urbana, da qual são decorrentes a transformação e o ocultamento de diversos elementos do sítio natural, não dá conta, todavia, de apagar por completo os traços da natureza primitiva. Ao longo das referidas bordas, onde a urbanização é consolidada, mas incompleta, estes traços se expressam fortemente em lacunas do espaço urbano. O enfoque do presente trabalho consiste na experiência dessas expressões enquanto paisagem nos arredores do vale do córrego Piqueri (figura 01).

Ao propor a investigação das possibilidades de experiências de paisagem ocorridas ao longo das bordas do Piqueri e de seus afluentes, entende-se, no âmbito deste trabalho, paisagem como o espaço onde se reconhece uma ordem temporal característica da natureza e estranha à condição humana. A ideia de paisagem é estudada, nos termos de Rosário Assunto, enquanto espaço finito, mas aberto à infinitude, correspondendo à espacialização da temporalidade, negada pela cidade industrial <sup>3</sup>. A megalópole industrial, para o autor, é o espaço da não memória, dos prazos de validade constantemente vencidos e do tempo rigorosamente quantificado e consumido. Esse espaço, enquanto negação do infinito, opõe-se à temporalidade. Esta, por sua vez, é qualitativa: na temporalidade o presente não é uma subtração do passado nem o futuro um acréscimo ao presente. Ao contrário do ser temporâneo, o ser temporal é o passado que compreende o presente e o futuro, numa coexistência mútua e infinita das três esferas. De modo geral, nesses termos, entende-se o espaço da cidade industrial como o da negação de paisagem. Uma vez que os territórios estudados situam-se entre o urbano e o

<sup>3</sup> ASSUNTO, Rosário. A paisagem e a estética. In. SERRÃO, Adriana Veríssimo (org.) Filosofia da Paisagem – uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, p.356.



Ribeirão Tremembó

Córrego Piqueri

Córrego Cabuçu de Cima

ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMEMBÓ)

Figura 01: Foto aérea atual

FONTE: PM2P - SMDU - 2006 (editada)

0 50 250 500



não-urbano, numa coexistência simultânea entre as duas realidades, certas feições da natureza se expressam em sua temporalidade, revelando, entretanto, um contato direto com a condição temporânea do espaço urbano. O reconhecimento de tal contato traz à tona a experiência da paisagem que é própria dos espaços das bordas ao longo do córrego Piqueri e de seus afluentes.

Enquanto elementos condutores da investigação proposta, os cursos d'água foram escolhidos, entre outros fatores, por seu papel de esculptores do relevo original e por serem, ainda hoje, de um modo ou de outro, condicionadores das formas de ocupação do espaço na região. Seja pela complexidade da topografia e dos cursos d'água ali existentes, seja pelas características inerentes à forma como se processa sua urbanização, os bairros onde escoam o Piqueri e seus afluentes se colocam com grande interesse a este estudo, o qual deve ser entendido enquanto a parte inicial das intervenções projetuais que serão trabalhadas ao longo do segundo semestre.

Pela proximidade com a reserva florestal da Cantareira, do que decorrem não só as características de relevo e hidrografia já apontadas, mas também a presença significativa de vegetação; pelo fato de terem acolhido, há décadas não tão distantes, chácaras de produção e de recreio; e pela urbanização, relativamente recente, que se processa sob a forma de loteamentos majoritariamente populares e mesmo de ocupação informal, os espaços atravessados por estes cursos d'água definem-se antes como o lugar de mediação e de coexistência entre o urbano e o não-urbano do que como faixas estanques com limites claramente estabelecidos entre estas diferentes realidades. Sem perder de vista sua inserção no todo da metrópole, estes espaços de borda, assim, serão aqui analisados a partir dos aspectos que lhes são mais particulares.

Lugar do encontro espontâneo em áreas densamente povoadas como estas, e expressão das mais emblemáticas dos modos de habitá-las, os espaços livres das bordas norte da cidade propiciam, devido a uma urbanização “incompleta”, o contato com uma natureza que se apresenta de modo ambíguo: é degradada, mas ostensiva em sua degradação; não é chamada, mas comparece. Os córregos

contribuintes do Piqueri, a exemplo disso, quando não ocultados pela ocupação de suas margens, raramente têm sua presença reconhecida no cotidiano urbano, embora efetivamente façam parte dele.

O objetivo do presente trabalho consiste, assim, em detectar e trazer à tona, mediante intervenções projetuais, as possibilidades de apreciação estética e as afecções associadas à presença de uma natureza que compartilha com o urbano, permeando-se nele, as bordas da cidade. Tais intervenções, que serão trabalhadas ao longo da próxima etapa do presente trabalho, terão como premissa, assim, propiciar a abertura àquilo que já existe, mas não se apresenta ainda (ou se apresenta mal), mantendo-se latente nos interstícios de um tecido urbano que se esgarça em suas bordas.

Como procedimento para o desvelamento de uma paisagem possível nestas bordas, realizou-se diversos percursos, nos quais se procurou seguir as linearidades dos cursos d'água em diferentes horários e ocasiões. No que diz respeito à representação dos territórios percorridos, por sua vez, a elaboração de mapas, articulados a textos, fotografias e desenhos diversos, correspondeu a um modo de sintetizar a percepção dos trajetos empreendidos, intermediando olhar e espaço. A intenção, assim, era que os elementos de representação – gráfica e textual – não fossem, portanto, neutros, meros instrumentos de trabalho, mas que devessem expressar o que foi revelado pelo próprio caminhar, buscando representar afecções relacionadas à paisagem. A intervenção projetual, assim, inicia-se já com a cartografia dos espaços percorridos. Ao longo de linearidades – córregos, percursos, bordas – são reconhecidos tanto nexos como lapsos existentes.

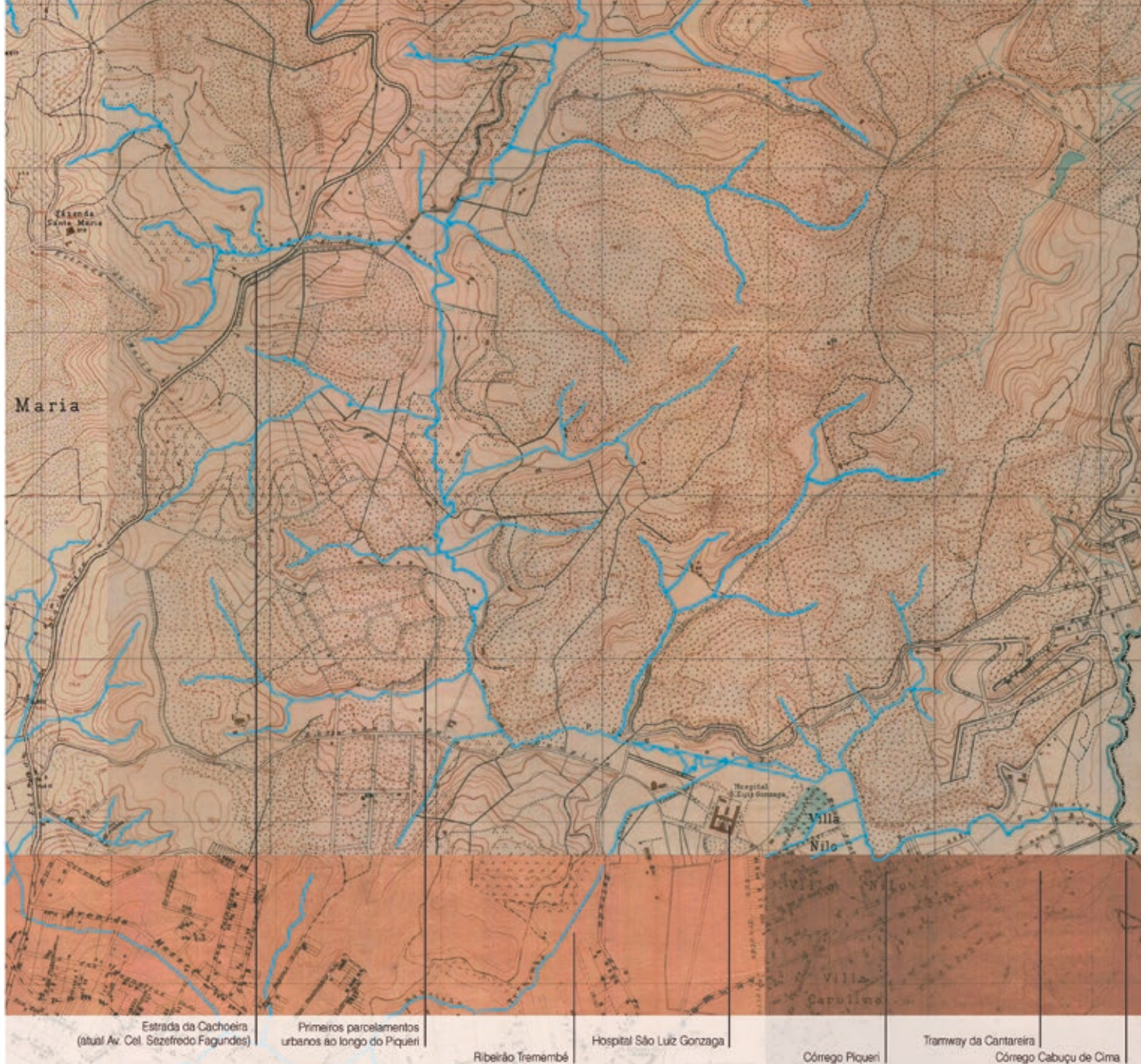


## Ao norte do Tietê, ao sul da Cantareira

A urbanização da área correspondente à bacia do córrego Piqueri, a exemplo de muitos outros bairros do extremo norte da cidade de São Paulo, é de consolidação recente e, por diversos aspectos, incompleta. Caracterizada pela autoconstrução, pela ocorrência de loteamentos informais e por áreas de favelas, a ocupação urbana dos bairros de Vila Zilda, Jardim Fontális, Jardim Joamar e suas adjacências ganha expressão a partir dos anos 1980. Contextualizada nos processos de periferação e do adensamento das áreas periféricas de São Paulo a urbanização efetiva desses bairros ocorre a partir do último quartel do século XX. Até essa época, a ocupação dos arredores do córrego Piqueri seguia um padrão muito semelhante ao observado no início do século XX. Entre estradas rurais, de traçado sinuoso ao longo das cotas não inundáveis do vales, fazendas e pequenas chácaras estendiam-se por morros e vales.

O fato das áreas situadas a norte da cidade de São Paulo possuírem topografia muito movimentada, onde os limites da Serra da Cantareira, por si só, corresponderiam a um obstáculo de difícil transposição, explicaria a menor e a mais tardia expansão da área suburbana da cidade à margem direita do rio Tietê. (AZEVEDO, 1958, 40). Segundo o geógrafo Aroldo de Azevedo, as áreas próximas à Serra da Cantareira, por muito tempo, tiveram sua ocupação e atividades limitadas a aprazíveis chácaras e residências de campo. Nelas, a horticultura e a extração de granitos, eram praticadas desde princípios do século XIX como forma de subsistência, da qual eventuais excedentes eram comercializados em feiras da cidade.

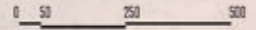
Ao analisar os arredores do córrego Piqueri a partir do levantamento Sara Brasil, de 1930, nota-se os modos de ocupação predominantes ao longo da maior parte do século XX (figura 02). Há sedes de fazendas e pequenas propriedades rurais demarcadas. O traçado viário dos primeiros loteamentos urbanos, embora visíveis enquanto projeto, colocam-se enquanto núcleos isolados, resultantes do parcelamento de uma ou outra propriedade rural. A sul do Piqueri, dado o



ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMEMBÉ)

Figura 02: Situação geral em 1930

FONTE: Mapa topográfico do Município de São Paulo - Sara Brasil S/A





Ribeirão Tremembé

Córrego Piqueri

Rodovia Fernão Dias  
Córrego Cabuçu de Cima

ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANA E TREMEMBÉ)

Figura 03: Foto aérea de 1958

FONTE: Geoportal (editado)

0 50 250 500



parcelamento mais antigo das terras da família Mazzei, a ocupação urbana é visivelmente mais consolidada. Nos arredores da linha do Tramway da Cantareira – traçado coincidente, na atualidade, ao de importantes avenidas da região – nota-se a presença do Hospital São Luís Gonzaga, uma das poucas edificações remanescentes dessa época.

Ao comparar os levantamentos dos anos de 1930 com as imagens aéreas de 1958 (figura 03) nota-se a confirmação de certos padrões de ocupação e as transformações que nele começavam a se processar. Ao longo das linearidades definidas pelos fundos de vale e divisores de água nota-se o traçado viário de novos parcelamentos. De forma fragmentária, a partir dos anos 1950, pequenos núcleos inauguravam uma ocupação urbana que, nos arredores do Piqueri, eram minoritárias em relação à presença de chácaras e lotes rurais.

Data dos anos 1950, justamente, o início do processo de metropolização de São Paulo. A exemplo do que ocorre em muitas cidades do mundo, tal processo é entendido, em termos gerais, a partir da conjunção entre industrialização, verticalização e periferação de determinados setores da cidade. Associadas a um notável crescimento populacional, diversas transformações levaram o espraiamento da mancha urbana a transpor vales e a dominar várzeas. Com efeito, ao analisar os sintomas e as possíveis causas das transformações que iniciaram a ocorrer em São Paulo entre os anos de 1930 e 1950, Richard Morse justifica a existência da referida tríade enquanto fio condutor das mudanças nos modos da vida urbana paulistana.

Os rearranjos decorrentes do processo de metropolização, segundo Morse, não se limitam às relações interiores à cidade, mas repercutem na região em que se insere: certos subúrbios, segundo sua ótica, passavam a ter funções especializadas, as quais eram determinadas em relação de dependência, dos pontos de vista econômico e social, à metrópole. (MORSE, 1970, p. 355) Duas décadas mais tarde, Juergen Langenbuch, ao comentar o acelerado processo de crescimento observado em São Paulo a partir de 1940, caracterizaria o processo de periferação

tomando como medida o potencial de expansão da área urbanizada – sobretudo informal e espontaneamente – sobre os subúrbios e áreas contíguas de maneira a aproximar-se de seus limites administrativos e a ultrapassá-los. (LANGENBUCH, 1971, p.178)

As transformações ocorridas na ocupação das imediações do vale do Piqueri durante as últimas décadas do século XX podem ser entendidas no âmbito do processo de periferização da metrópole paulistana. Com efeito, a partir dos anos 1980, pautada pela autoconstrução, por parcelamentos informais e pela invasão de terrenos ociosos, a urbanização transpõe o vale do córrego Piqueri e avança, precariamente, pelas áreas pouco valorizadas e desprovidas de quaisquer infraestruturas urbanas nos sopés da Serra da Cantareira. Ainda que pouco consolidada, a ocupação urbana da Vila Zilda e de seus arredores adensou-se rapidamente (figuras 04 e 05).

Apesar da impossibilidade do presente trabalho tecer uma análise devidamente aprofundada sobre os referidos processos de metropolização e periferização, não se poderia deixar de sublinhar que as transformações que deles decorrem não possuem efetividade apenas no interior do organismo urbano, em si, nem tampouco seus efeitos ressonantes restringem-se aos espaços externos a ele. Entre o urbano e o não-urbano, a passagem não é imediata nem unidirecional. Nos espaços de mediação, às bordas da cidade, onde permeiam as duas realidades, coexistem os modos de vida próprios a cada uma delas. Ao longo das bordas onde o córrego Piqueri e seus afluentes escoam encaixados a uma sucessão de morros é estabelecido o contato direto entre espaços urbanos adensados, ainda que de urbanidade incompleta, e uma natureza estranha à cidade, embora degradada.

Ao analisar a área em estudo a partir do Mapa Digital da Cidade, de 2004, no entanto, nota-se que o espraiamento dessa ocupação não é uniforme nem obedece a padrões rigidamente definidos: ora ao longo das baixadas, em áreas aplainadas de fundo de vale, ora nos topos de morro ou em áreas de declividade muito acentuada, a ocupação urbana dos arredores da Vila Zilda adensa-se em manchas

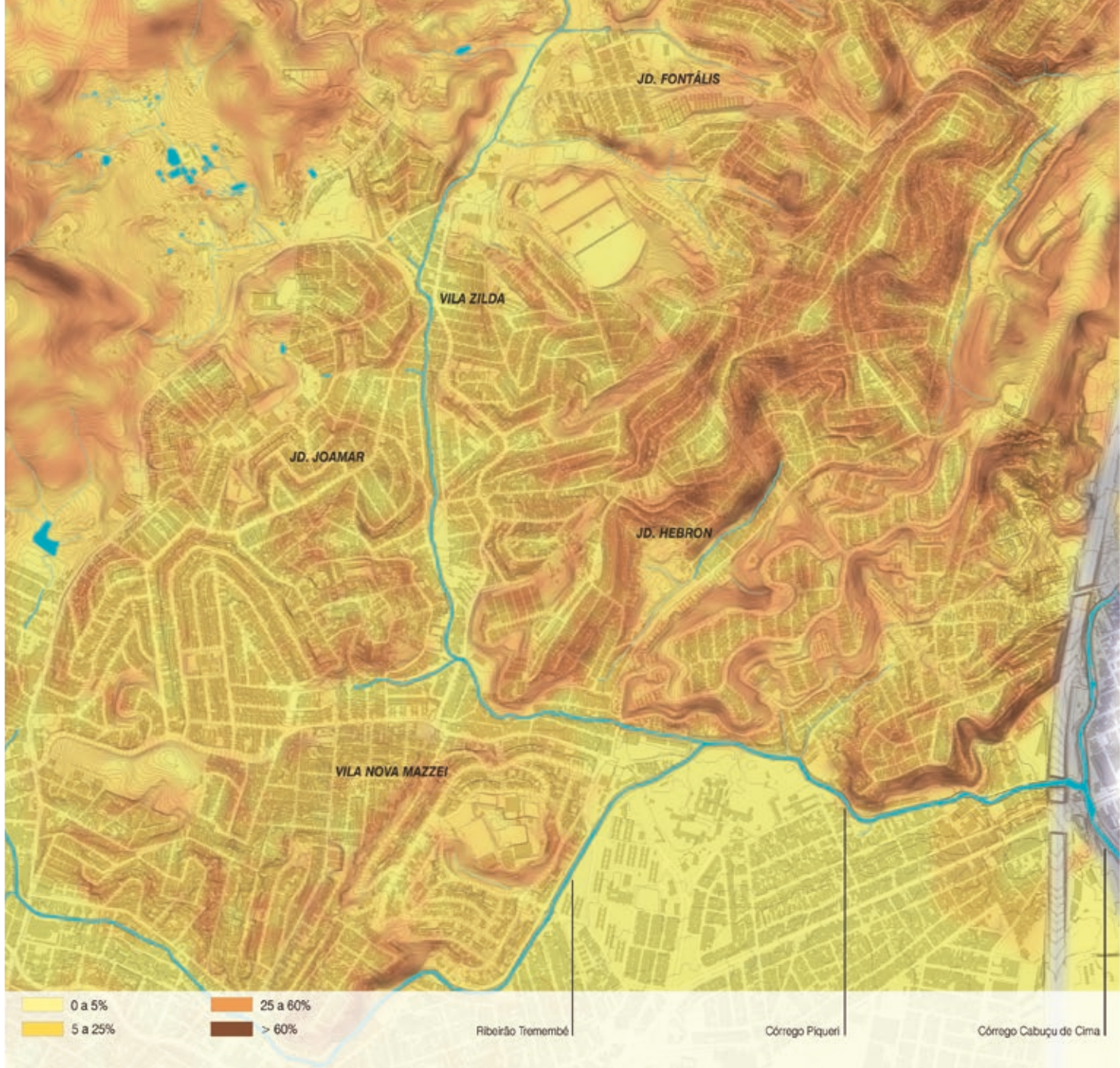


ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMEMBÉ)

Figura 04: Situação atual

FONTE: MAPA DIGITAL DA CIDADE - 2004 - 1:1000 - PMSP - SMDU (editado)





ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMEMBÉ)

Figura 05: Declividades  
FONTE: MAPA DIGITAL DA CIDADE - 2004 - 1:1000 - PMSP - SMDU (editado)

0 50 250 500



entremeadas, todavia, por vazios. Embora a razão de ser desses vazios não se revele a partir da análise desses mapas, nota-se o esgarçamento da ocupação urbana em direção às nascentes do córrego Piqueri, nos sopés da Serra da Cantareira. De maneira fragmentária, entre chácaras e pequenos sítios, a urbanização mostra-se incompleta ao longo de suas bordas, articulando-se diretamente com o não-urbano.

É possível depreender dos levantamentos cartográficos apresentados, ainda, os tipos de ocupação urbana que predominam na área em estudo. A concentração de pequenas construções alongadas denota o predomínio de residências unifamiliares frente a condomínios ou edifícios habitacionais – restritos a tipologias que se identificam, por intermédio dos levantamentos, como projetos de habitação de interesse social. Em decorrência da espontaneidade da ocupação registrada nos mapas é possível notar, também, a presença de lotes muito pequenos, com largura inferior, em diversos casos, a quatro metros. A ausência de recuos também pode ser percebida enquanto um indício da ocupação espontânea, pautada pela autoconstrução. Tendo em vista seu esgarçamento às bordas, onde permeiam áreas não urbanizadas, e o predomínio de construções unifamiliares, a expressiva densidade urbana dos arredores da Vila Zilda decorre, assim, da concentração de pequenos lotes nos quais as taxas de ocupação e os coeficientes de aproveitamento são elevadíssimos.

Cruzando as informações contidas no Mapa Digital da Cidade e o mapa de declividades, nota-se certo alheamento entre a ocupação urbana e as configurações do sítio natural. Ao longo das vertentes do Piqueri há áreas muito declivosas nas quais, todavia, as construções se adensam. O mesmo ocorre ao longo das baixadas, em áreas suscetíveis às cheias dos cursos d'água, onde há trechos de densidade habitacional muito elevada. Por outro lado, os espaços não urbanos que entremeiam as áreas adensadas nem sempre coincidem com localidades impróprias à ocupação urbana. Nas lacunas que caracterizam o território das bordas, tanto o espaço que se assume como cidade como o comparecimento de fragmentos de uma natureza estranha a ela são pervasivos: sendo ausente qualquer lógica sistê-

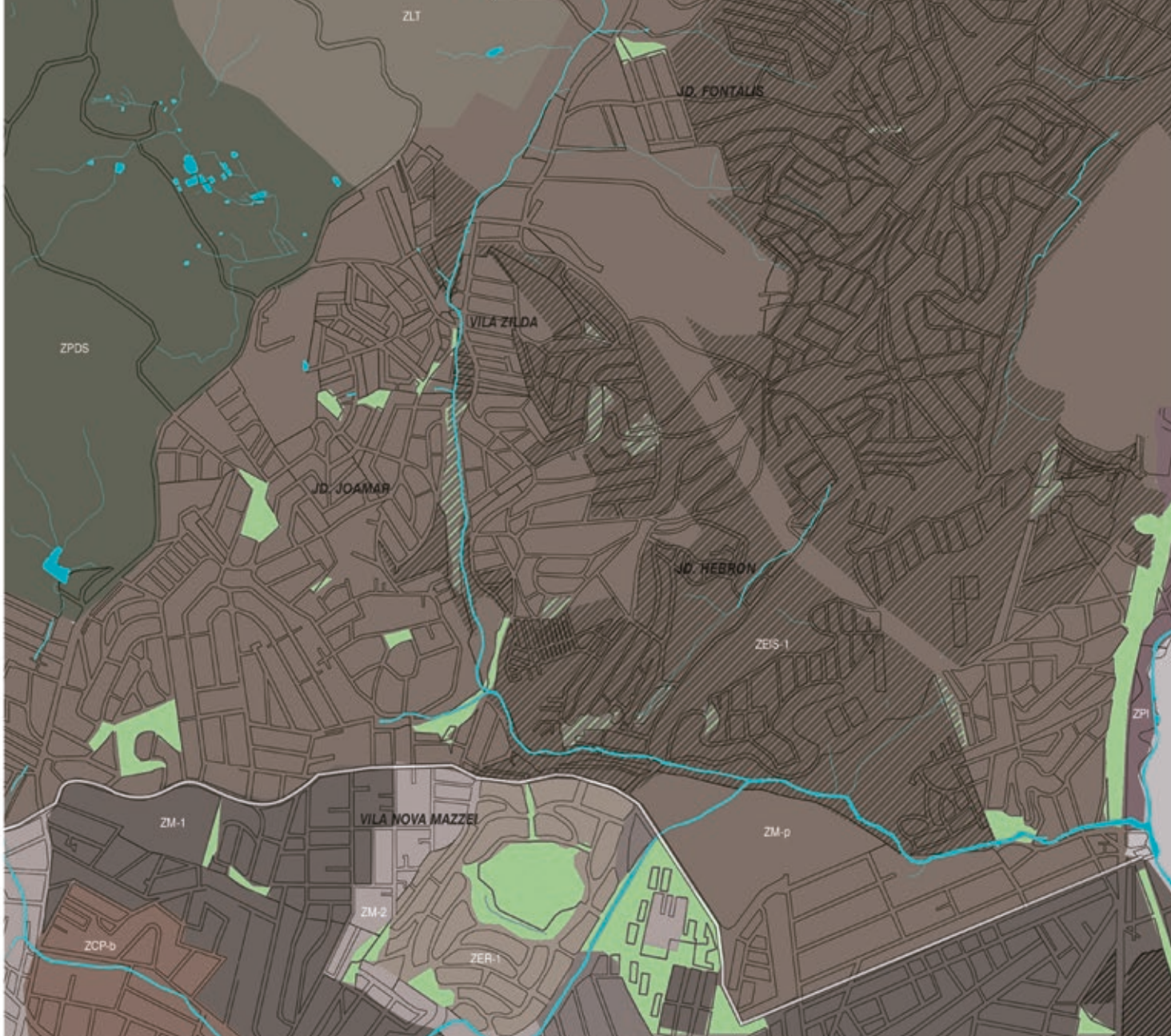


mica de urbanização, as feições do sítio natural ora se ocultam e ora se expressam no esgarçamento da cidade às suas bordas.

Ao analisar o mapa de usos e ocupação do solo estabelecido no zoneamento do Plano Regional Estratégico (figura 06) é possível estabelecer certos paralelos em relação ao levantamento das instituições de ensino existentes na Vila Zilda e nos bairros adjacentes (figura 07). A presença de áreas institucionais, em geral, e sua posição relativa às demais estruturas urbanas, compõem como um importante índice na análise de como se deu a urbanização de determinada localidade. No âmbito do presente trabalho, as instituições de ensino, em específico, são abordadas com vistas não apenas ao entendimento dos processos relacionados à urbanização da Vila Zilda e de seus arredores, mas também às possibilidades de intervenção que serão abordadas nas etapas subsequentes e que estabelecem fortes relações com esse tipo de instituição. Dispersas ao longo do vale do Piqueri, as escolas se situam, muitas vezes, nas proximidades de cursos d'água ou de praças e áreas verdes existentes. Todavia, devido à forma como foram implantadas, tais instituições estabelecem pouca ou nenhuma relação com seu entorno, encerrando-se em seus próprios limites. A intervenção projetual que será proposta, como se comentou anteriormente, pode ser entendida enquanto um parque aderente ao território das bordas entre o urbano e o não urbano e dilatável ao longo delas. As instituições de ensino, uma vez abrangidas no território desse parque, assim, podem compartilhar de seus espaços, aproximando as atividades lúdicas, recreativas e esportivas às experiências de paisagem.

Primeiramente, é interessante observar a correspondência entre o vale do córrego Piqueri e o limite da Macrozona de Proteção Ambiental. A norte da inflexão de suas águas em direção ao córrego Cabuçu de Cima, o predomínio da Zona Mista de Preservação Ambiental<sup>4</sup> denota, sob o ponto de vista do zoneamento, a presença de elementos naturais a serem preservados e que estabelecem algum tipo de relação com a cidade. Com efeito, o espaço das bordas do Piqueri caracteriza-se, entre outros aspectos, pela presença de fragmentos de mata e por boa parte dos cursos d'água não estar tamponada. No perímetro definido pela Zona

<sup>4</sup> As Zonas Mistas de Preservação Ambiental definem-se como porções do território destinadas à implantação de usos urbanos de baixa densidade de construção, com gabarito de altura máxima de até quinze metros para as edificações. (Zoneamento da Cidade de São Paulo – SMDU – PMSP)



- ZM-p** ZONA MISTA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL
- ZPDS** ZONA DE PROTEÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
- ZLT** ZONA DE LAZER E TURISMO
- ZESP** ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO

- ZM-1** ZONA MISTA DE MÉDIA DENSIDADE
- ZM-2** ZONA MISTA DE BAIXA DENSIDADE
- ZER-1** ZONA EXCLUSIV. RESIDENCIAL DE BAIXA DENSIDADE
- ZCP-b** ZONA DE CENTRALIDADE POLAR - TIPO b

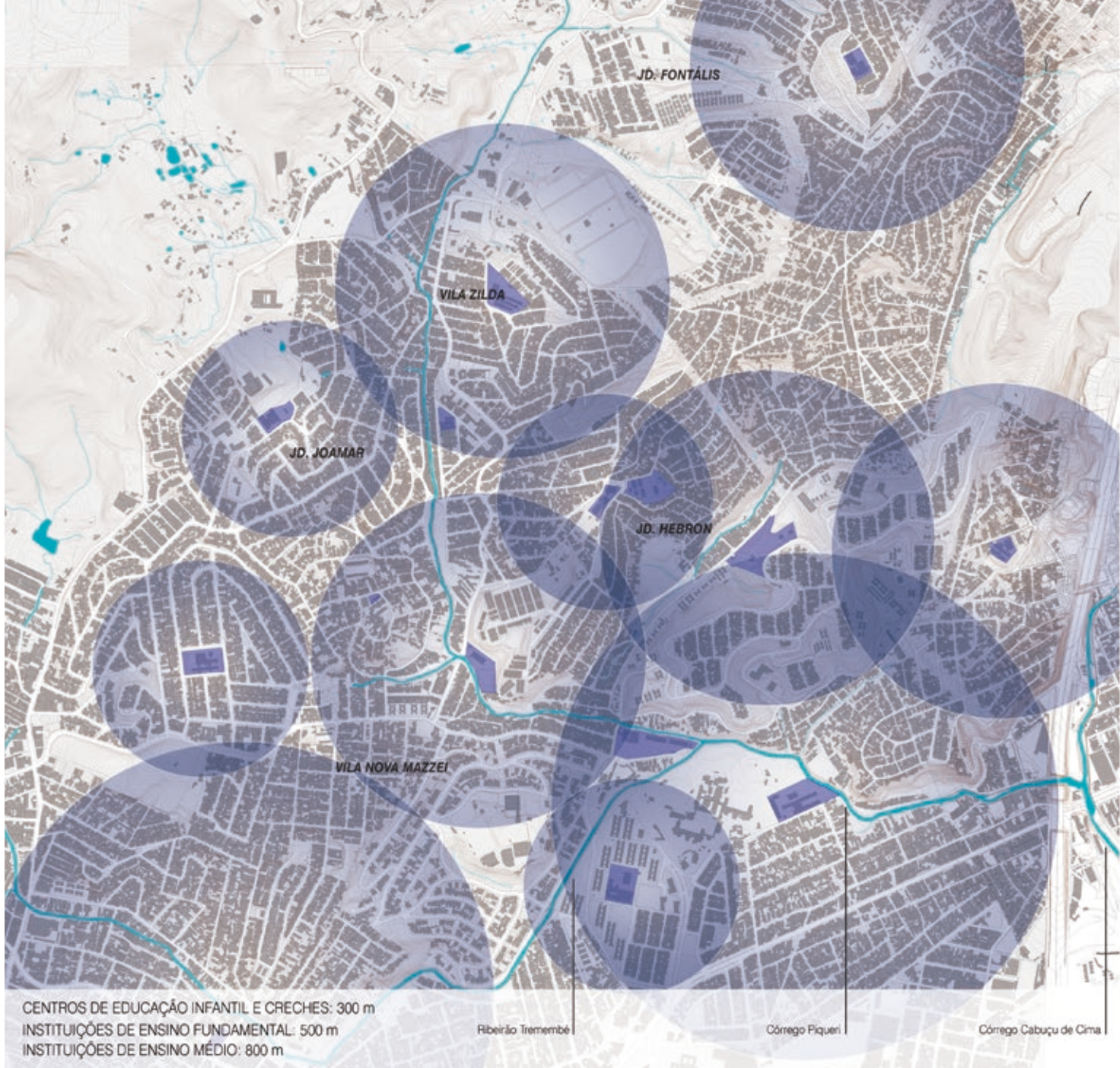
- ZPI** ZONA PREDOMINANTEMENTE INDUSTRIAL
- ZEIS-1** ZONA ESPECIAL DE INTERESSE SOCIAL - 1
- ÁREAS VERDES** PARQUES E ÁREAS MUNICIPAIS
- LIMITE DE MACROZONA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMEMBÉ)

Figura 06: Uso e ocupação do solo - Áreas Verdes

FONTE: PRE. SUBPREFEITURA JAÇANÁ/TREMEMBÉ - 2004 - PMSP (editado)





ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
 (DISTRITOS DE JAÇANÃ E TREMEMBÉ)

Figura 07: Raios de abrangência das instituições de ensino

FONTE: MAPA DIGITAL DA CIDADE - 2004 - 1:1000 - PMSP - SMDU (editado)

0 50 250 500



Mista de Preservação Ambiental, a demarcação de Zonas Especiais de Interesse Social é coincidente às áreas de favelas e de loteamentos irregulares existentes na área (é válido observar que algumas dessas favelas, como a de Vila Zilda, já passaram por projetos de urbanização, os quais, em geral, acarretaram na regularização fundiária, na implantação de infraestruturas urbanas e na remoção de moradias em situação de risco).

A sobreposição de áreas demarcadas como ZEIS a áreas municipais, por sua vez, denota a ocorrência de ocupações irregulares em áreas livres públicas. Isso ocorre, por exemplo, num trecho ao longo das margens do córrego Piqueri, em área que fora reservada à municipalidade, mas que, na atualidade, corresponde a uma ocupação bastante consolidada. A escassez de áreas livres públicas e a insuficiente abrangência de áreas institucionais decorrem, sobremaneira, da forma como a urbanização se processa, informalmente, no bairro de Vila Zilda e em seu entorno. À medida que ocorrem parcelamentos irregulares, visando ao máximo aproveitamento da terra para moradia, deixa-se de garantir a adequada doação de áreas livres e institucionais à municipalidade. As poucas áreas livres municipais e institucionais existentes ao longo do vale do córrego Piqueri se devem aos projetos de loteamento regulares, implementados nas últimas décadas do século XX, ou a eventuais desapropriações efetuadas pela municipalidade. Nota-se com nitidez que boa parte das áreas destinadas, por ocasião do parcelamento do solo, a usos públicos e institucionais, encontra-se próxima a cursos d'água ainda não canalizados ou tamponados.

A relação de proximidade entre a localização das áreas institucionais e dos cursos d'água é decorrente de uma série de fatores. Tradicionalmente, tem ficado a cargo do poder público a implantação de infraestruturas entre as quais as de saneamento básico em áreas urbanas. Do ponto de vista do mercado imobiliário, é mais rentável comercializar lotes em áreas onde já foram implantadas tais infraestruturas, o que valoriza os terrenos. Nas proximidades de cursos d'água, em áreas onde o poder público ainda não realizou a construção de galerias de águas pluviais ou de coleta de esgoto, por exemplo, o valor da terra tende a ser mais

baixo. Com isso, pode-se supor que é de interesse do loteador, sempre que possível, induzir que as áreas institucionais dos novos loteamentos, já que não são, portanto, comercializadas, fiquem nas proximidades de cursos d'água ou em áreas menos valorizadas.

\* \* \*

Embora os subúrbios da metrópole paulistana tenham sido abordados, historicamente, tanto pelo viés urbanístico-social quanto em obras de caráter memorialista, a experiência dos espaços limítrofes entre o urbano e o não-urbano parecem requerer outros modos de entrada. A dificuldade em lidar com tais espaços reside, justamente, em seu caráter fugidio e efêmero. À medida que a cidade espraia-se horizontalmente, suas bordas passam a ser amalgamadas ao esqueleto urbano, originando-se novas bordas, cada vez mais e paulatinamente, periféricas. A forma dessas bordas, por sua vez, ainda que não seja indefinida, também é essencialmente efêmera: reconfigura-se e amolda-se, incessantemente, aos modos de apropriação e vivência dos espaços a ela associados.

Ainda que condicionados de maneira profunda por processos tipicamente intra-urbanos de disputa da cidade, os espaços compreendidos às suas bordas, de maneira geral, propiciam o contato com uma natureza exterior ao meio urbano. No que se refere ao entorno do bairro de Vila Zilda, nas extremidades a norte da cidade, no entanto, as relações estabelecidas entre a urbanização e o sítio natural são particularmente complexas. Ali, a ideia de exterior e interior dilui-se num espaço ambíguo entre urbanidade e não-urbanidade. Nos contrafortes da Serra da Cantareira, como fora visto, onde há poucas décadas a ocupação restringia-se a chácaras de produção ou recreio, a urbanização atual espraia-se de forma aparentemente inconclusa entre morros e vales. Na medida do improvisado com que se constrói e se habita esses espaços, diversos elementos do sítio natural se expressam nos termos que lhe são próprios: ainda que degradada, a natureza vem à tona vigorosa em certos rasgos, lacunas aleatoriamente ocasionadas à medida que se ocupou, de forma urbana, essas terras. Insistentes, pois ignorados, elementos

diversos do sítio natural comparecem ambigualmente no cotidiano e nos modos de vida daqueles que habitam esses bairros. A experiência enquanto paisagem desses espaços foi estudada por meio de percursos diversos realizados ao longo dos arredores do vale do córrego Piqueri e será apresentada nos itens seguintes.

## Os percursos - imersões nas bordas

### O ato de caminhar enquanto prática estética

Dentre as atividades realizadas no âmbito do presente trabalho, a realização de diversos percursos, os quais foram registrados em textos, mapas, fotografias e desenhos, mostrou-se imprescindível para o reconhecimento de paisagens ao longo das bordas a norte da cidade de São Paulo. Enquanto ato relacionado à nossa capacidade sensorial, o andar foi aqui entendido como forma de imersão num território por onde se desloca, permitindo a experiência corpórea dos espaços percorridos. Se, por um lado, os levantamentos bibliográficos e cartográficos permitem a colocação objetiva de questões diversas acerca dos modos como se deu a urbanização das áreas em estudo, por exemplo, é a partir da experiência corpórea desses espaços, por outro lado, que se reconhece, afetivamente, os aspectos que caracterizam as paisagens dessas bordas. Associada fortemente à experiência da paisagem, assim, a prática das caminhadas foi abordada, historicamente, por diversos ramos das ciências e das artes. São apresentadas e contextualizadas neste item, ainda que de maneira breve, algumas das posições de diferentes autores que contribuem ao aporte teórico do ato de caminhar entendido enquanto prática estética.

O homem reconhece os espaços na medida em que os atravessa. O ato de caminhar está intimamente associado à capacidade sensorial humana. Longe de ser uma prática apenas mecânica ou fisiológica, o andar pertence à nossa dimensão sensível, por meio da qual nos situamos sobre a Terra e construímos o Mundo que nos envolve. À medida que caminhamos, nos é desvelado aos olhos, ao olfato, à pele, o contato com os lugares que habitamos. Pôr-se em movimento é, também, um ato estético de essência criadora, no qual espaço e caminhante modificam-se. No âmbito religioso, o ato de caminhar, enquanto mito, é reconhecido há milê-

<sup>5</sup> SCHELLE, Karl Gottlob. A arte de passear. São Paulo, Martins Fontes, 2001. p: 77

<sup>6</sup> São diversas e quase incidentais as origens das tipologias lineares de espaços livres voltados ao lazer e ao contato com a natureza. Na Itália, a desativação e o ajardinamento da antiga Muralha de Lucca apontam para a origem dos bulevares; o Passeio Real de Chiaia, por sua vez, configura-se enquanto uma área ajardinada à beira-mar, implantada no século XIX. Na França, os cours do século XVIII herdavam da prática do corso sua configuração espacial alongada. Na Inglaterra, o Saint James Park e o Pall Mall de Londres preservavam, no século XVII, linhas retas cruzando grandes áreas florestadas, características de antigas reservas de caça. Ainda que no século XIX tenham se propagado as squares, relacionadas à implantação de empreendimentos

nios e representado por danças, procissões, rituais. Nos campos da literatura, da filosofia, da arte, são diversas as abordagens que, historicamente, remetem ao andar sob a perspectiva particular de cada época. A partir do século XX, entretanto, quando diferentes experiências no campo das artes remontam aos significados do nomadismo primitivo, do homem enquanto ser andante, os percursos adquirem o estatuto de ato puramente estético e criativo. Seja em suas representações míticas ou literárias, seja enquanto forma autônoma de percepção estética e intervenção artística, o ato de percorrer espaços tem sido abordado e experimentado de maneiras muito variadas ao longo da história.

*“A natureza não é só diversa e cambiante porque se mostra diferente em cada lugar e modifica seus fenômenos num mesmo lugar. Também o espírito humano tem sempre necessidade de conservar seu sentido da natureza, para manter vivaz o interesse que tem por ela.”*<sup>5</sup>

No final do século XVIII, ao refletir sobre os diferentes modos por meio dos quais sociedade e natureza se relacionam, o filósofo Karl Gottlob Schelle eleva a prática dos passeios à condição de arte. O título de sua obra já o faz, e de maneira ambígua: a artisticidade relacionada aos passeios reside tanto nos locais percorridos, os quais na arte encontram inúmeras formas de representação, como também no modo como se passeia – é sobre esta última possibilidade que o autor busca aprofundar seu pensamento. No momento da ruptura definitiva entre homem e natureza e da emergência do pensamento moderno, no qual se buscava destilar a racionalidade visando à categorização dos mais diversos conhecimentos, Schelle se debruça sobre um aspecto prático e, segundo ele, não negligenciável da vida humana.

A difusão do gosto pela apreciação da paisagem dentro da cidade surge a partir de meados do século XVII. O passeio em áreas verdes começava, então, a seguir o costume florentino do “corso”: os passeios a pé, já há muito praticados enquanto deleite das elites nas horas mais frescas da tarde, começavam a conviver com os passeios de carruagem. Essa prática impulsionou a multiplicação de espaços onde o percurso junto a uma natureza editada tornava-se possível em



ambiente urbano. O Cours de la Reine, instituído em 1616 por Maria dei Medici, foi o primeiro representante em Paris de tipologias lineares<sup>6</sup> originadas a partir da ideia de percurso. Sua implantação junto ao rio Sena e a oeste do palácio das Tulherias configurava um ambiente murado, onde três alamedas de olmos, paralelas, articulavam-se em torno de um núcleo central, onde culminava o desfile das carruagens. (DOURADO, 2008: p. 20). No final do século XVII, por meio de decretos reais de Luis XIV, os baluartes em processo de desativação em Paris são transformados em alamedas arborizadas, os boulevard. O modelo de vias tripartidas inaugurado pelo Cours de la Reine, onde o passeio das elites parisienses era possível em espaços fartamente arborizados, começava a se estender por um sistema de passeios públicos ao redor da cidade (figura 08).

Para Schelle, no entanto, havia profundas diferenças entre os sentidos de passear a pé, a cavalo e de coche. No último caso, o filósofo recomendava à alta sociedade – a quem se dirige em suas reflexões – sempre carruagens abertas, tendo em vista a noção de sociabilidade que os passeios segundo essa modalidade propiciariam. Por outro lado, se os passeios a cavalo possuem um ritmo orgânico que se reflete nas impressões apreendidas da natureza, as caminhadas permitem a maior liberdade ao espírito. O movimento físico do corpo e o cansaço, relacionados ao ato de andar a pé, tornariam mais intensa essa prática. (SCHELLE, 2001: p. 74)

As diferentes características do sítio natural são evidenciadas, no pensamento de Schelle, em sua relação direta com o humano por meio da prática dos passeios. Ao descrever e distinguir montanhas e vales, o autor aproxima o foco das diferentes impressões que se tem quando se caminha por um e por outro ambiente e da forma como eles se relacionam com o caminhante. As montanhas, segundo o autor, propiciam a mais alta elevação do espírito em sua liberdade e imaginação. É possível, no passeio pelas montanhas, revelar novas paisagens, à medida que se sobe, e contemplar a beleza das alturas, durante a descida. No entanto, são os vales que nos oferecem abrigo e refúgio, por trás das fortalezas naturais, na medida em que povoamos a superfície da Terra e não os ares como os pássaros. Passear é

imobiliários, e parques públicos urbanos nuclearizados, as tipologias lineares, relacionadas a diferentes noções de percurso, perpetuam-se nas cidades ao longo dos séculos. Para um olhar mais aprofundado sobre o assunto, ver PANZINI, Franco. *Projetar a natureza - Arquitetura Da Paisagem E Dos Jardins Desde As Origens Até A Época Contemporânea*. São Paulo, Editora SENAC, 2013.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 12

uma arte que, de acordo com o pensamento de Schelle, permite, em sua perfeita realização, o reencontro com a natureza.

<sup>8</sup> Em princípios do século XIX, Schelle escreve vários trabalhos de caráter filológico e sobre a literatura francesa. Além disso, neste mesmo período, editou obras poéticas de Horácio e correspondeu-se com Goethe, a quem dedicou uma das obras editadas.

*“Uma vez de volta, quando nos encontramos novamente no sopé da montanha em que acabamos de subir e olhamos os objetos que a rodeiam, aparecendo do seu topo todos de tamanho reduzido, espantamo-nos de ver que tudo o que parecia até aí convergir e se aproximar do solo se entende, de repente e retoma seu relevo.” (SCHELLE, 2001: p. 94)*

A relação de proximidade estabelecida com a literatura é uma característica marcante na forma como se desenvolve o pensamento de Schelle. No preâmbulo de *A arte de passear* o autor avisa que “a filosofia deve se aproximar com confiança do campo da vida; longe de qualquer pretensão, ela deve se mostrar capaz de distrair as pessoas na hora de lazer, devendo até mesmo misturar-se aos prazeres de uma humanidade refinada [...]”<sup>7</sup>. Com efeito, o assunto dos passeios, segundo as reflexões de Schelle, aproxima-se intimamente do intelecto e encontra diversos ecos literários<sup>8</sup>. Significando antes um fim do que um meio, um ato resultante da idealização daquele que se predispõe à sua prática, o passeio permanece, sob essa ótica, inscrito em uma arte de viver.

<sup>9</sup> LA CECLA, Franco. *Perdersi, l'uomo senza ambiente*. Laterza, Bari, 1988. (Apud. CARERI, 2005:p. 46)

Segundo Careri, é apenas ao desvincular-se da religião e da literatura, no século XX, que o percurso assume a autonomia de ato puramente estético. As vanguardas modernistas, ao proporem diferentes abordagens do andar enquanto forma de intervenção urbana, remontam aos significados originários do percurso. Tais significados, por sua vez, residem na própria necessidade natural de mover-se no espaço. Satisfeitas as exigências indispensáveis à sobrevivência humana, o feito de andar se converteu em uma ação simbólica que permitiu ao homem primitivo habitar o mundo. Os espaços percorridos passam a ter seus significados modificados à medida que o percurso se converte na primeira ação estética (CARERI, 2005: p. 20). A história do andar proposta por Careri, assim, refere-se às experiências que, nos campos da arte, do urbanismo e da arquitetura da paisagem, contêm os significados simbólicos daquele ato criativo originário.

*“Perder-se significa que entre nós e o espaço não existe somente uma relação de domínio, de controle por parte do sujeito, mas também a possibilidade de que o espaço nos domine. São momentos da vida nos quais começamos a aprender com o espaço que nos rodeia [...]”*<sup>9</sup>

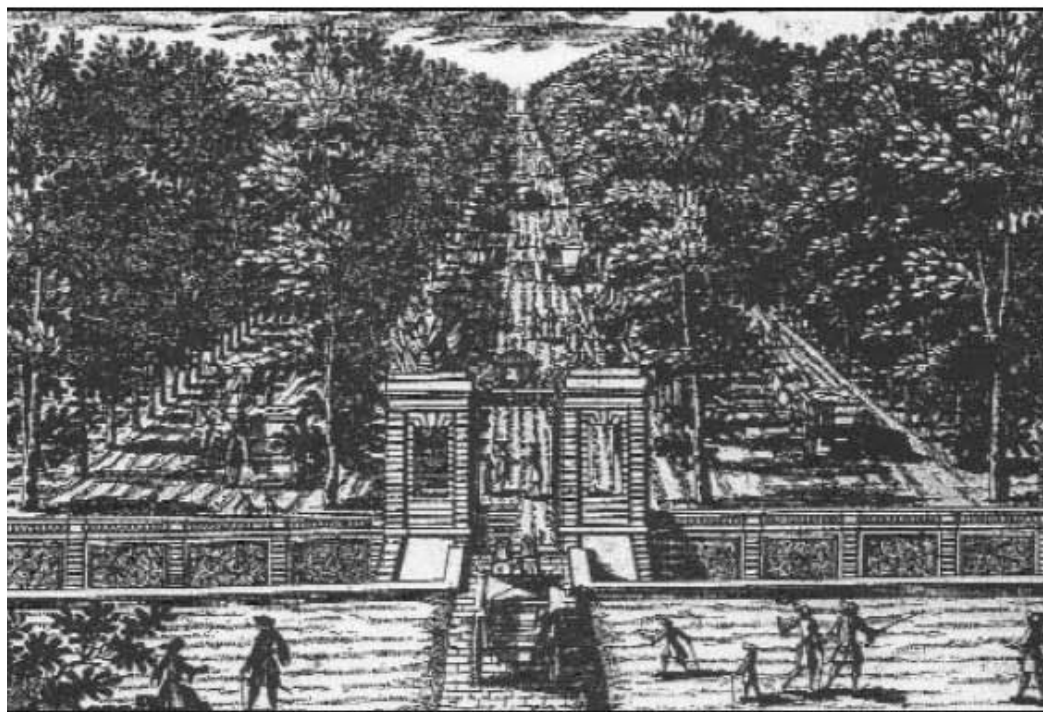
Em 1921, ao propor uma série de visitas-excursões por Paris, a vanguarda Dadaísta inaugura o interesse da arte pela negação dos espaços de renome, tradicionalmente reservados à arte, para reconquistar o espaço urbano. Trata-se de incursões realizadas em espaços banais da cidade. Uma vez que essas visitas significaram a construção de um ato estético conduzido pelo lugar da vida cotidiana, elas se constituíam enquanto meio, e não como finalidade. As visitas dadaístas, segundo a ideia de antiarte introduzida pela vanguarda, eram um dos fios condutores por meio dos quais a realidade era superada pela arte. Negava-se a ideia da representação da noção de movimento, de percurso, e se passava à sua realização efetiva em espaços reais (figura 09). A partir das visitas dadaístas o ato de percorrer o espaço passa a ser utilizado como forma estética capaz de substituir a representação e, em decorrência disto, todo o sistema tradicionalmente estabelecido de arte. (CARERI, 2005: p. 70)

Em 1924, um grupo de artistas parisienses organiza uma intervenção distinta no espaço real. O quarteto do qual fazia parte Andre Breton<sup>10</sup> não se orientou por um percurso previamente estabelecido no espaço urbano. A experiência constituiu-se de uma viagem errática por um vasto território natural na região central da França, ao longo de bosques, campos, trilhas e pequenas aglomerações rurais. É então que, ao reconhecer uma dimensão onírica no ato de caminhar, o grupo define a experiência como uma deambulação. À medida que se experimentava percursos no espaço sem qualquer forma de orientação, revelava-se o que os surrealistas chamaram zonas inconscientes do espaço. A intenção de superar os limites do real parecia acompanhar a vontade de retorno aos espaços vastos e desabitados, situados nos limites do espaço real (CARERI, 2005: p. 82). Na experiência do percurso empreendido pelos surrealistas parisienses o espaço emerge à condição de sujeito dotado de caráter próprio e humores suscetíveis a mudanças.

<sup>10</sup> O grupo era formado por Andre Breton, Louis Aragon, Max Morise e Roger Vitrac. Ao voltar da viagem empreendida junto ao grupo, Breton escreve a introdução de Poisson Soluble, que mais tarde será reconhecida como o Primeiro Manifesto do Surrealismo.

Figura 08: Cours de la Reine, em Paris

*Gravura em metal de P. Aveline, século XVIII. Bibliothèque Nationale, Paris. (reproduzida de Panzini, 1993, p. 50)*



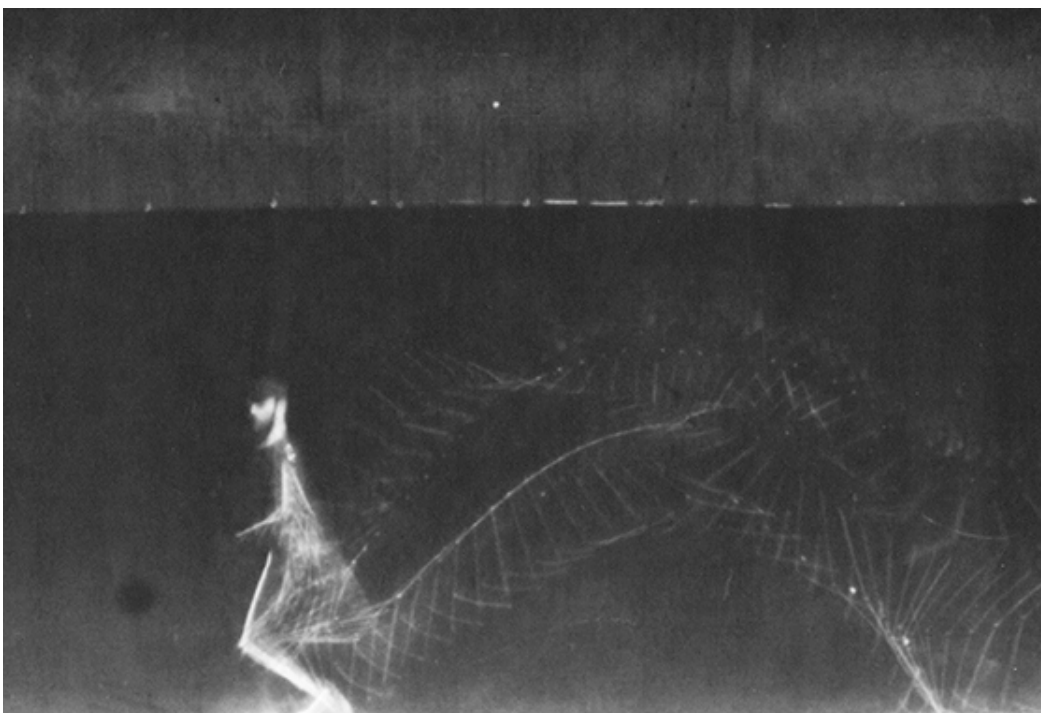


Figura 09: As incursões Dadaístas assumiam o percurso enquanto ação estética que substituíria a intenção de sua representação

*Étienne-Jules Marey, Études de la marche par la Chronophotographie, 1882. (reproduzido de artbite.fr, em 16.05.14)*

<sup>11</sup> BANDINI, Mi-  
rella. La vertigine del  
Moderno – percorsi  
surrealisti. Officina ed.,  
Roma, 1986.

O território percorrido é um território empático que, por meio da desorientadora experiência da deambulação, estabelece um intercâmbio recíproco com o caminhante e em dimensões que excedem a consciência.

Se, por um lado, as experiências dadaístas revelaram espaços onde o banal e o corriqueiro da cidade real ironizavam os ideais burgueses de modernidade, a prática dos percursos surrealistas nos arredores de Paris, por sua vez, dialogava com os fundamentos nascentes da psicanálise e reconhecia nos espaços atravessados a existência de territórios do inconsciente. Ainda que as viagens pelo interior da França não tenham apresentado continuidade, o ato de deambular em grupo pelas zonas marginais de Paris tornava-se uma das atividades mais praticadas pelos surrealistas nos anos seguintes. Segundo Careri, um dos pontos de proximidade entre as experiências deste período com as do Situacionismo, três décadas mais tarde, refere-se à intenção de dar forma à percepção do espaço urbano por meio de mapas. A elaboração de mapas influenciados baseados na percepção e nas variações que nela ocorrem ao longo das caminhadas, assim, visava à compreensão das pulsações que a cidade provoca nos afetos dos transeuntes (CARERI, 2005: p. 87).

*“[...] insistente similitude com o mar, com seu espaço móvel e labiríntico, com a vastidão. Paris se parece com o mar no sentido de colo de mãe e de liquidez nutricional, de agitação incessante, de globalidade.”<sup>11</sup>*

Dos mapas influenciados experimentados na década de 1920 à cartografia situacionista, a cidade é vista como um espaço de variações aquosas, como um líquido amniótico em constante transformação no qual é preciso perder-se, uma vez imerso, para constatar as relações afetivas que se estabelecem entre fragmentos de cidade à deriva e os transeuntes. A dissolução da aparente rigidez do espaço urbano só é desvelada a partir de um posicionamento e de uma atitude bastante específicos: não era suficiente admirar a cidade ao longe, nem tampouco estar imóvel em seu interior; o caminhar pelos espaços marginalizados da cidade, por sua vez, propiciava encontros inesgotáveis com o inusitado, trazia em vigência o ato estético de uma cidade que acolhe, mas que se reserva imprevisível até o

encontro seguinte.

Ao contrário da ideia de deambulação introduzida no surrealismo, entretanto, a Internacional Situacionista, a partir de 1957, propõe as mais variadas atividades coletivas que visam não apenas à definição dos espaços inconscientes da cidade, como também à investigação dos efeitos psíquicos produzidos pela urbanidade nos indivíduos que nela habitam. Apoiando-se nos conceitos da psicogeografia<sup>12</sup>, as derivas situacionistas propunham a experimentação de modos alternativos de habitar a cidade. Mais que um ato subjetivo no qual fosse possível percorrer espaços do inconsciente, as derivas partiam do entendimento do espaço urbano enquanto um terreno passional, embora dotado de uma dimensão objetiva. A construção de situações no cotidiano real das cidades, valendo-se dos acontecimentos urbanos mais inusitados, torna-se possível por meio da aproximação corpórea dos indivíduos em relação a tais espaços, mediante a realização de derivas.

*Assim, o modo de vida pouco coerente, e até certas brincadeiras consideradas duvidosas, que sempre foram muito apreciadas por nosso grupo – como, por exemplo, entrar de noite em prédios em demolição, zanzar de carona por Paris em dia de greve dos transportes, pedindo para ir a um ponto qualquer no intuito de aumentar a confusão, perambular pelos subterrâneos das catacumbas cuja entrada é proibida ao público – são decorrentes de um sentimento mais geral que corresponde exatamente ao sentimento da deriva. O que é possível pôr por escrito são apenas algumas senhas desse grande jogo. (DEBORD. In: JACKES, Paola Berenstein (org.) 2003, p. 90)*

A resposta do Situacionismo à cidade moderna contrapõe-se aos preceitos do urbanismo consolidado na primeira metade do século XX, propondo a experiência dos espaços urbanos não usuais de forma lúdico-criativa, a apreensão da cidade enquanto lugar do jogo e dos acontecimentos mais variados, espontâneos e efêmeros. À medida que as relações afetivas estabelecidas entre as pessoas e o espaço urbano passam a ser, para os situacionistas, o ponto de partida para o reconhecimento da cidade, a própria ideia de usuário e de usos da cidade é colocada em questão. O urbano deve ser apreendido por meio da vivência de seus

<sup>12</sup> « [...] estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos.» DEBORD, Guy-Ernest. Teoria da Deriva. In. IS no.2, dezembro de 1958. In: JACKES, Paola Berenstein (org.) Apologia da Deriva – escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

espaços. É colocada em posição hegemônica não apenas a percepção do espaço urbano por meio do andar, que, por si só, afastaria a ideia de usos e funções rigidamente estabelecidos, mas também a noção de aproximação corpórea à cidade, da vivência do urbano a partir de sua essência efêmera e mutável.

Em seu texto sobre a Internacional Situacionista, Paola Berenstein Jackes explica em que medida a crítica urbana proposta pelo situacionismo possui, ainda, validade na contemporaneidade:

*A Internacional Situacionista (IS) – grupo de artistas, pensadores e ativistas – lutava contra o espetáculo, a cultura espetacular e a espetacularização em geral, ou seja, contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade. O principal antídoto contra o espetáculo seria o seu oposto: a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura. O interesse dos situacionistas pelas questões urbanas foi uma consequência da importância dada por estes ao meio urbano como terreno de ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia, ou ausência de paixão, da vida cotidiana moderna. A crítica urbana situacionista permanece, assim, em sua essência, pertinente (JACKES, 2003: p. 13).*

O espaço urbano, por meio do andar, emergia enquanto terreno evocativo de novas formas de intervenção. Conforme enunciado por Guy Debord em relação às derivas, é possível pôr por escrito apenas algumas senhas desse grande jogo. Nesse sentido, a cartografia situacionista correspondeu à elaboração de mapas psicogeográficos baseados na experiência de perder-se à medida que se explora a cidade. No lugar das formas tradicionais de representação cartográfica, todavia, a noção de fluidez do urbano experimentada nas derivas reivindicava formas alternativas de registro. Na publicação de *The Naked City: Illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographie*, em 1957, Debord apresenta os bairros parisienses descontextualizados, tais quais continentes à deriva num espaço em branco. Fragmentariamente, as relações de proximidade e afastamento representadas entre as partes decorrem das tensões afetivas experimentadas no ato de perambular pela cidade. O sistema de setas introduzido entre os fragmen-



tos do tecido urbano irrompido pela deriva ocupam zonas brancas e, assim, supra a ausência de recordação dos trajetos percorridos no vazio, ou, em outras palavras, ao longo de amnésias urbanas (CARERI, 2005: p. 106). Na medida em que não há a representação de nenhum dos percursos realizados, Debord interpreta a completude da cidade como o resultado de conexões possíveis entre recordações fragmentárias (figura 10).

Na década seguinte, uma série de acontecimentos revolucionários levaram autores de diferentes áreas do conhecimento a se debruçarem sobre os problemas contemporâneos relacionados à cultura e à sociedade. As revoluções de maio de 1968, cujo caráter de insurreição popular superou barreiras étnicas, culturais, étárias e de classe, são consideradas amplamente entre cientistas sociais e historiadores o acontecimento revolucionário de maior importância do século XX. Com efeito, a greve geral instaurada na França a partir dos movimentos estudantis parisienses contou com a adesão massiva de milhões de trabalhadores de diferentes setores produtivos. Atento às manifestações anônimas, espontâneas e percíveis em curso naquele momento, Michel de Certeau escreve uma série de artigos nos quais toma por objeto não as reivindicações nem os atos de censura em resposta a elas, ambos bastante evidentes, mas sim os aspectos incertos que envolviam a essência das palavras e das marchas proferidas em ebulição. Seu olhar se volta, assim, à espontaneidade das práticas cotidianas e às trajetórias das operações culturais vigentes, cujas formas são descritas como insuspeitáveis, embora não indeterminadas. (CERTEAU, 2012: p. 13)

Em *A invenção do cotidiano*, Certeau defende o interesse pela cultura em operação espontânea. Diferentemente dos produtos culturais oferecidos pelos mercados de bens, as operações às quais o autor se refere são capazes de marcar socialmente as transformações levadas a efeito por meio de uma prática cotidiana. Nesse sentido, tanto a cultura erudita – restrita àqueles que a dominam – quanto à popular – embalsamada e inventariada por aqueles que, externamente, a estudam – não dão conta de abarcar os aspectos indecifráveis das táticas que constituem as marcas sociais. A ideia de cultura no plural, nesse sentido, é coloca-

<sup>13</sup> CERTEAU, Michel. La culture au pluriel, 2. ed., p. 244-245. In: CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012

da por Certeau enquanto possibilidade de revelar essas marcas relacionadas a práticas ordinárias. Seu procedimento permite o aprofundamento teórico a partir da sua sensibilidade estética, por meio da qual Certeau exprime sempre a capacidade de maravilhar-se diante dos acontecimentos cotidianos:

*O dia a dia se acha semeado de maravilhas, escuma tão brilhante [...] como a prática dos escritores ou dos artistas. Sem nome próprio, todas as espécies de linguagens dão lugar a essas festas efêmeras que surgem, desaparecem e tornam a surgir.*<sup>13</sup>

Ao refletir acerca das caminhadas na cidade, Certeau tem como ponto de partida a visão de Ícaro, de quem observa Manhattan do alto do World Trade Center. A cidade abarcada em seu conjunto por meio de um só olhar é descrita como um ente que se reinventa a cada instante, sem saber envelhecer. Desejada desde tempos imemoriais, nos quais não havia meios para realizá-la, a vista da cidade a partir do olhar divino permite ao planejamento territorial a aplicação de premissas funcionalistas, atentas à teorização geométrica do território. A partir do século XVI, com a transformação do fato urbano no conceito de cidade, a intenção de conceber planos urbanísticos assume a pretensão de construções panópticas, onividentes. As práticas do cotidiano, todavia, escapam às totalizações imaginárias do olhar.

A visão de sobrevoo da cidade não é outra coisa senão uma forma de representação, na qual é total o desconhecimento acerca das possibilidades de vivência do urbano. Certeau defende o retorno às práticas, invisíveis ao olhar isento da vivência do espaço urbano. É justamente abaixo dos limiares da visibilidade que ocorre o espaço praticado pelos caminhantes, enunciadores de um texto urbano que escrevem sem que possam lê-lo. Existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície ou cuja superfície se destaca, aquém do visível. O contato daqueles que habitam a cidade com o espaço por eles praticados é corpóreo e cego. Não é possível, de dentro do urbano, ter a dimensão das escrituras decorrentes da experiência de cada indivíduo. As redes decorrentes dessa múltipla escritura,

todavia, constituem-se num mapa de trajetórias em fragmentos, indefinidas e em constante mutação no cotidiano. É proposta, assim, a detecção das práticas estranhas ao espaço geométrico e invisíveis às construções visuais, panópticas e teóricas. (CERTEAU, 2012: p. 159).

Certeau entende que o acontecimento do espaço ocorre mediante a sua vivência. Na medida em que os indivíduos movimentam-se num determinado lugar, o espaço se realiza, se potencializa e se atualiza. Entendendo o ato de andar como forma de enunciação, cuja espontaneidade o torna familiar à fala, o espaço ocorre em prática à medida que é percorrido. Nesse sentido, uma rua geometricamente concebida dentro de uma lógica de tecido urbano prevista num projeto urbanístico, por exemplo, tem seu espaço praticado no que é percorrida e, assim, transformada pelos habitantes da cidade.

*“Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desde êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano[...]” (CERTEAU, 2012: p. 170)*

As dinâmicas de deslocamento, vigentes no ato de caminhar, correspondem ao trânsito entre os lugares e à falta destes. A imobilidade dos lugares, por sua vez, faz com que a experiência das caminhadas, enquanto ato coletivo, os re-signifique e os atualize constantemente. São efêmeros os dispositivos de realização do espaço: as práticas cotidianas, possibilitando um contato físico entre os indivíduos e os lugares que lhes faltam no ato de caminhar, pressupõem um enraizamento fugidio, um enraizamento que se move junto ao caminhante e que traz consigo a re-significação dos espaços atravessados. Os deslocamentos, de um lugar a outro, dos habitantes da cidade, geram reverberações constantes na transição entre espaço e espaço-praticado à medida que é posto em efeito o ato de andar.

Para Certeau, o lugar está intimamente relacionado ao relato feito a seu res-

<sup>14</sup> Gilles Tiberghien atribui as origens da land art americana a esta experiência vivida por Tony Smith. Da mesma maneira, pode-se atribuir a esta primeira viagem a experiência de diversas caminhadas pelo deserto e pelas periferias urbanas que seriam realizadas no final da década de 1960.

peito. Entendido no âmbito das artes do fazer, o relato corresponde a um modo de bricolagem do mundo, constituindo-se de seus fragmentos agrupados. A justaposição das lembranças residuais de um determinado espaço que fora vivenciado, por meio do relato, traz à tona o sentido que nele houve quando de sua vivência. Operando na ordem do não visto, uma vez que têm o poder de detectar presenças do que já não existe, os relatos permitem o afloramento das ações de demarcação nas práticas do espaço.

Contemporaneamente à reflexão de Certeau acerca da enunciação do andar enquanto prática cotidiana no espaço urbano, outras abordagens eram desenvolvidas em diferentes campos do conhecimento. Durante a segunda metade do século XX o andar passa a ser considerado pelas artes como uma forma de intervenção na natureza. O relato de viagem de Tony Smith, publicado em 1966 na revista *Artforum*, é considerado por diversos autores <sup>14</sup> como obra inaugural da tomada de consciência que, em pouco tempo, traria a arte para fora das galerias com vistas à reconquista da experiência do espaço vivido e das dimensões da paisagem. Sua experiência consistiu em percorrer com o automóvel, de forma não autorizada, as obras da New Jersey Turnpike – rodovia que era, então, construída na periferia de Nova York. O asfalto escuro, enquanto interrupção brusca, atravessava os espaços marginais periféricos à cidade. O relato de sua viagem coloca em questão a natureza estética do percurso. A estrada poderia ser considerada uma obra de arte, ou seria apenas um signo abstrato que cruza o espaço? Seria ela um objeto ou uma experiência? Deveria ser considerada como espaço, em si própria, ou a estrada seria apenas travessia?

As questões levantadas por Tony Smith são retomadas de maneiras muito distintas pelas investigações artísticas dos anos seguintes. Alguns escultores começam a trabalhar o tema do percurso não apenas como objeto, mas também como experiência. A obra de Carl Andre, nesse sentido, se propunha a realizar objetos que fossem capazes de ocupar o espaço sem preenchê-lo. A presença de sua escultura no interior do espaço tendia à sua própria ausência: assim como o asfalto na rodovia percorrida por Smith, a escultura de Andre determina um embasamento

de espessura mínima, uma possibilidade de percurso sobre o qual nada repousa e em torno do qual o espaço resultante é vivenciado pelo espectador (figura 11).

Se as experiências de Carl Andre, por um lado, visavam à escultura ideal a partir de sua redução à mínima presença possível, Richard Long, por sua vez, vai mais além. O próprio ato de andar, para ele, constitui a vigência da obra de arte. A experiência vivenciada do ato de andar, na obra de Long, permite a passagem do objeto à sua completa ausência e, assim, reaproxima o percurso errático, enquanto forma estética, do campo das artes visuais (figura 12). Segundo Long, a diferença entre seu trabalho e o de Andre reside no fato de que:

*“ele realiza esculturas planas sobre as quais é possível andar. São espaços onde o andar pode ser removido e realocado em outra parte. Ao contrário, minha arte é o próprio ato de andar. Carl Andre realiza objetos sobre os quais é possível andar, enquanto a minha arte se materializa andando. Esta é a diferença fundamental.”*<sup>15</sup>

Uma linha desenhada, simplesmente, pelo pisoteio da grama em um des-campado. A line made by walking, realizada por Long em 1967, consiste num traço efêmero desenhado sobre o solo, atestando a presença de uma ação que já é, todavia, ausente. O corpo que produziu a linha também não se apresenta, nem tampouco qualquer outro objeto. O próprio traço, sabidamente, deixaria de ser presente com o passar do tempo. Prolongando-se em direção a um arvoredo, é difícil distinguir o ponto final da linha reta, que parece tender ao infinito. Segundo Careri, todavia, esta experiência se situa a meio caminho entre a escultura, a performance e a arquitetura da paisagem. O fundamento das obras de Long é o andar por um espaço natural e sem tempo, uma paisagem eternamente primordial onde a presença do artista, por si só, constitui um ato simbólico. (CARERI, 2005: p. 148). Ao contrário de grande parte das experiências dos landartistas norte-americanos<sup>16</sup>, a ausência do tempo é experimentada por Long na escala do corpo humano. O único meio utilizado é o próprio corpo, limitado às suas possibilidades de movimento e de esforços. Os maiores percursos que se podem realizar são aqueles aos quais suas pernas apresentam resistência. Do mesmo modo,

<sup>15</sup> GINTZ, CLAUDE. Richard Long, la vision, le paysage, le temps. In Art Press, 104, June 1986. In: CARERI, Francesco. Walkscapes : el andar como práctica estética. Barcelona: Gili, 2005. p. 24

<sup>16</sup> Esta vertente da land art do final dos anos 1960 buscava a expressão da natureza por meio de grandes projetos ou intervenções megalíticas, as quais se valiam de notável aporte tecnológico para evidenciar as diferenças entre a escala humana e a terrestre em espaços inabitados, experimentando suas condições primitivas, anteriores à existência do tempo.

Figura 10: Entendendo a cidade como um oceano incerto, estar à deriva significava, para os situacionistas, andar sem rumo, à mercê d'água, com a possibilidade de descoberta de ilhas de urbanidade.

reproduzido de <http://www.frac-centre.fr/>, em 18.05.14





Figura 11: Carl Andre,  
Secant, 1977.

*reproduzido de [http://  
www.mixite.es/](http://www.mixite.es/), em  
18.05.14.*

Long não utiliza nenhuma pedra que exceda o peso que seus braços possam suportar. O corpo humano, por meio do andar, é o instrumento de percepção, nas obras de Long, das variações do tempo e do espaço.

Entendida no âmbito das artes relacionadas ao andar, assim, a obra de Richard Long se destaca pelas formas como, esteticamente, a experiência é traduzida sem que se recorra, todavia, à inserção de um dado objeto no espaço. Os mapas jamais foram elaborados pelas vanguardas modernas enquanto uma possível tradução das experiências de viagens ou deambulações. A cartografia psicogeográfica do situacionismo, por sua vez, se baseava na noção da deriva e, portanto, não colocava em questão, entre os fragmentos de urbanidade, a representação dos trajetos aleatoriamente percorridos. Confrontando-se com o problema da representação, Long, ao contrário, recorre aos mapas enquanto instrumentos expressivos. O corpo, para o artista, não apenas percorre o espaço, como também desenha em sua superfície. O andar, enquanto ação que intervém no lugar, resulta num desenho que pousa sobre o terreno e, portanto, pode ser traduzido em uma representação cartográfica. O raciocínio inverso também é válido: o plano cartográfico é utilizado por Long enquanto base de projeto de seus itinerários, a qual mantém, nas formas previamente desenhadas, um forte vínculo com o território que será percorrido. Na relação entre o corpo e os desenhos traçados por seu deslocamento no espaço, os mapas são entendidos enquanto tradução de territórios dotados de significados preestabelecidos, de sobreposições de diferentes épocas e momentos históricos, aos quais se acrescenta o traçado de uma nova experiência criadora (figura 13).

A land art trouxe à tona uma das mais fundamentais relações estabelecidas entre o homem e o território por ele habitado, na medida em que propôs o desvelamento, em diversas formas, do estranhamento do homem em seu habitar a Terra. Por meio da prática do andar experimentada pela land art nas obras de Richard Long, por exemplo, o homem retoma a possibilidade de ressignificação dos espaços atravessados. As origens arcaicas do paisagismo e das relações entre arte e arquitetura eram, assim, revisitadas por meio das experiências artísticas do final



dos anos 1960. Além disso, as relações entre os espaços e o meio arquitetônico eram reapropriadas pela escultura na medida em que ela passava a ser concebida no cerne da arte do andar.

Em 1967, Robert Smithson publica na revista *Artforum* Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey. Trata-se de um relato de viagem empreendida pelo autor ao longo de espaços vazios em subúrbios contemporâneos, onde é constatada a presença de novos monumentos, as ruínas de Passaic. Enormes canos, similares a uma fonte monumental, despejando descargas no rio, uma ponte com assoalho para travessia em madeira, uma caixa de areia monumental, a movimentação de terra decorrente da construção de uma rodovia são alguns dos monumentos descritos por Smithson. A ideia das ruínas ao reverso sugerida pelo autor decorre da constatação de que nas zonas baldias da cidade encontram-se abandonados ao esquecimento os futuros gerados pela própria cidade industrial. Ao contrário de evocar recordações do passado, os monumentos de Passaic provocam, sob essa ótica, o esquecimento do futuro.

*“Mas os subúrbios existem sem um passado racional e sem os ‘grandes acontecimentos’ da história. Oh, talvez haja algumas estátuas, uma lenda, e um par de curiosidades, mas não um passado, somente aquilo que passa rumo ao futuro. Uma Utopia sem base de sustentação, um lugar onde as máquinas estão ociosas e o sol converteu-se em vidro; um lugar onde a Passaic Concret Plant (235 River Drive) faz bons negócios com PEDRA, BETUME, AREIA E CIMENTO.” (SMITHSON, 2003: p. 127)*

Ao lançar-se nos subúrbios de Nova Jersey, Smithson recorre a territórios desprovidos de representação, a espaços cuja constante transformação decorre de certo esquecimento no tempo. Sua busca vai em direção a uma “nova natureza” das periferias industriais contemporâneas, na qual escala, espaço e tempo confundem-se. Sua crítica se refere ao modelo racionalista de compreensão e ação sobre o mundo, à ideia de que as expressões formais mais acabadas decorrem, necessariamente, das obras de arte e de arquitetura modernas. Os relatos de suas explorações confundem, propositadamente, as descrições físicas e suas interpre-

<sup>17</sup> TIBERGHIEU, Gilles. Lettre à Alexis sur L'Idée du bord. In: Les Carnets du paysage, no. 7, automne 2001, Ecole nationale supérieure du paysage, 2001: p. 20.

tações estéticas (figura 14). Tendo em vista seu repúdio às classificações sistemáticas de tudo o que há, assim como a toda e qualquer linearidade, seu discurso se situa, simultaneamente, em diferentes planos. Smithson descreve, assim, o dilaceramento da cidade contemporânea decorrente de seu crescimento desordenado e em detrimento de qualquer noção de paisagem como um turista entusiasmado ao descobrir monumentos históricos.

O ato de andar designa um limite em movimento. Enquanto um desenho no espaço, a caminhada define bordas móveis, fronteiras. As “marcas” (marques, no francês), entendidas, tradicionalmente, como os lugares limítrofes situados às bordas de um território, são definidoras de seus limites. A caminhada (marche, do francês) relaciona-se, igualmente, a uma noção de fronteiras. (CARERI, 2005: p. 16) Por meio do caminhar, com efeito, os lugares atravessados levam o caminhante a seus confins, respondendo à altura do ato mesmo que os perscruta. Para Gilles Tiberghien, todavia, a borda móvel oriunda das marchas nem sempre corresponde às fronteiras da forma. Há certa porosidade na linha desenhada pelo andar que a impede de estabelecer um limite ou um perímetro, fechado em si. As bordas nas quais praticamos, especialmente, as caminhadas, andam junto às franjas ou às zonas intermediárias. Assim como os limites, as bordas experimentadas no ato de andar estabelecem uma área de contato com o espaço vazio. Todavia, limites são estabelecidos a espaços já conhecidos, o que os difere profundamente da essência das bordas <sup>17</sup>. Ao caminharmos, nos colocamos à disposição do desconhecido sem a pretensão de reconhecê-lo ou delimitá-lo em sua totalidade. Na dimensão criadora do ato de caminhar, assim, as bordas que designam o espaço atravessado originam-se do contato, justamente, com aquilo que é estranho ao caminhante. Os contornos indefiníveis do espaço são tangenciados na vigência do andar enquanto ato.



Figura 12: Richard Long, A line made by walking, 1967

*reproduzido de <http://www.richardlong.org/>, em 18.05.14.*

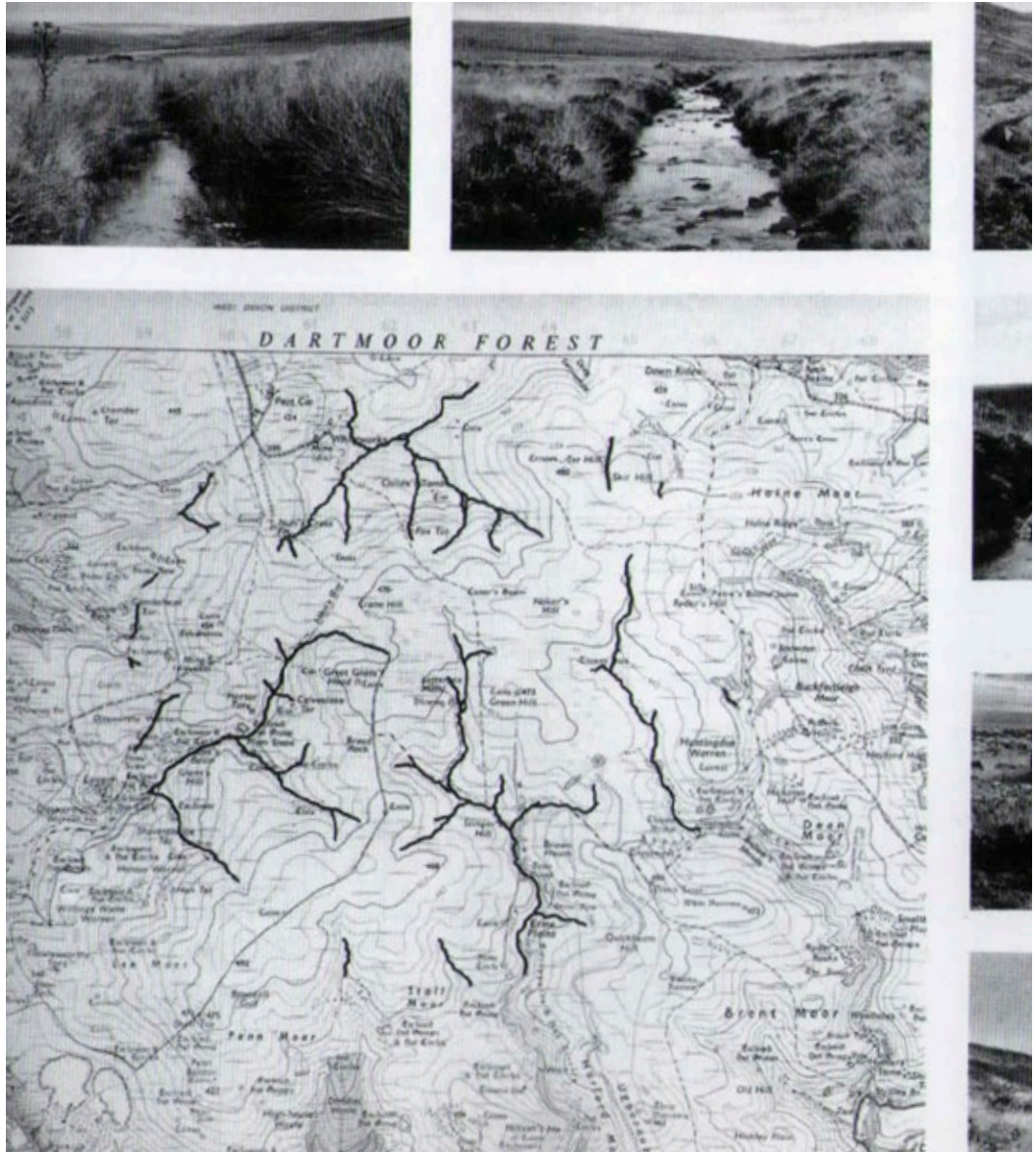


Figura 13: Dartmoor Riverbeds. A four-day walk along all the riverbed within a circle on dartmoor, 1978.

*reproduzida de Careri, 2005, p. 149*

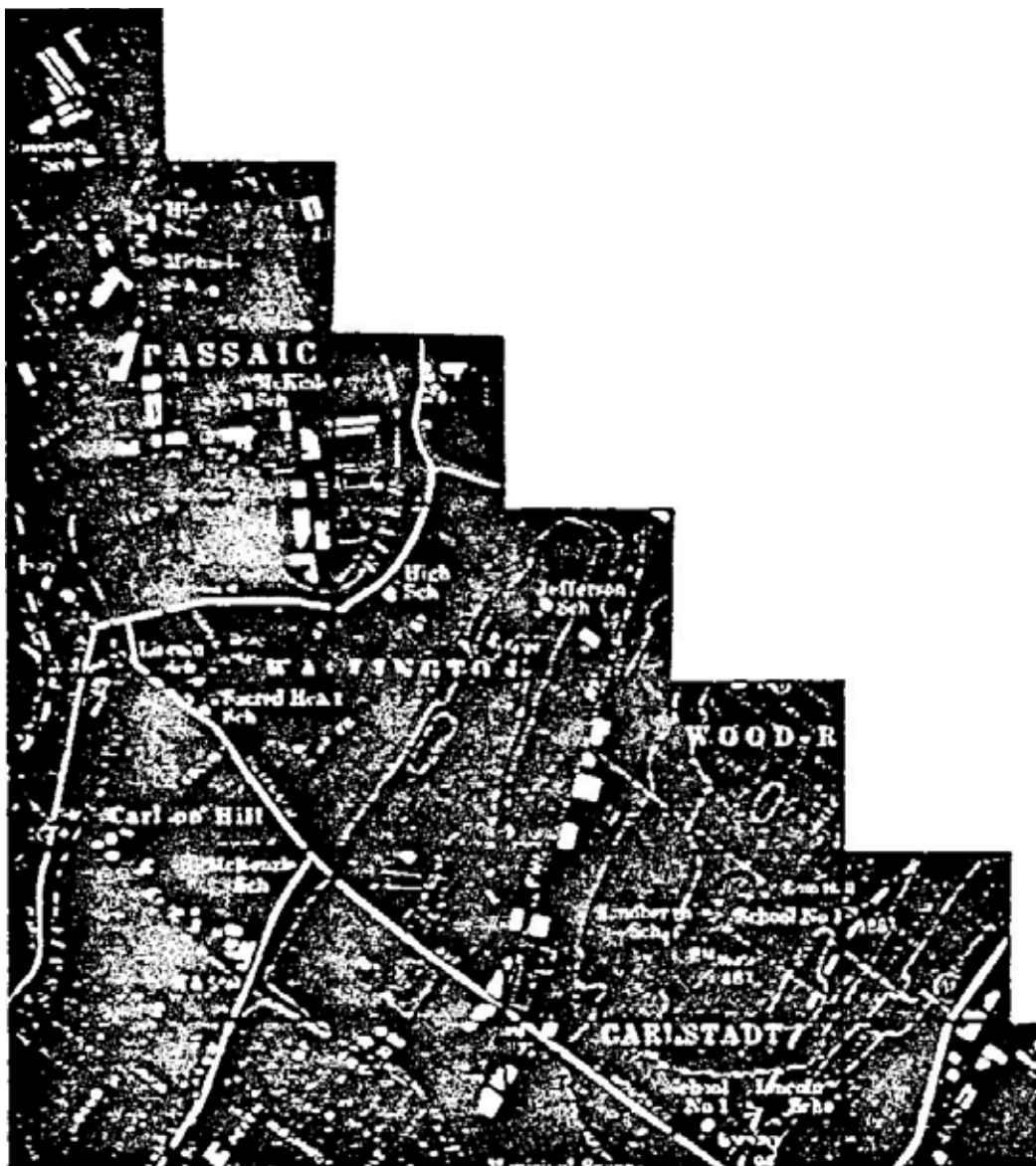


Figura 14: Robert Smithson, Negative map showing region of monuments along the Passaic River , 1967

reproduzida de <http://www.robertsmithson.com/> em 19.05.14



## Ao longo das bordas

Dentro da proposta metodológica do presente trabalho, a realização de diversos percursos ao longo dos arredores do córrego Piqueri e de seus afluentes foi entendida como modo de imersão nos territórios situados entre o urbano e o não-urbano e de reconhecimento dos aspectos que caracterizam as paisagens das bordas a norte da cidade de São Paulo. Por meio da experiência corpórea dos referidos espaços foi possível apreender os diferentes modos pelos quais coexistem as realidades de uma urbanização consolidada, embora dotada de lacunas que denotam sua incompletude, e as de uma natureza estranha à cidade e que, embora degradada, permeia o urbano de forma ostensiva.

De maneira geral, os percursos foram realizados sem que se estabelecesse, previamente, os itinerários a serem seguidos. Enquanto fio condutor das caminhadas ao longo das bordas, procurou-se seguir as linearidades dos cursos d'água, ora aproximando-se das áreas baixas, junto aos córregos, ora atingindo os topos dos divisores de águas, onde a vista do vale se torna mais abrangente. Realizados, propositalmente, em diferentes horários e ocasiões, os percursos foram compreendidos por trechos empreendidos a pé e outros em que, devido à sua grande extensão, optou-se pelo uso de ônibus ou carro.

Ainda que tenham sido realizadas diversas idas a campo ao longo da elaboração deste trabalho, contempla-se, aqui, a descrição de seis percursos específicos, realizados em momentos igualmente específicos. A escolha destes percursos, dentre tantos outros a serem registrados, por sua vez, se deu em função da ocorrência de experiências de paisagem muito marcantes associadas às águas no entorno do vale do Piqueri - o que, naturalmente, não foi constante nem homogêneo a cada vez que se saiu a campo. É válido ressaltar que a descrição de cada um dos trajetos, a seguir apresentada, inicia-se com o *mapa* associado ao apontamento da *data* em que se empreendeu a caminhada. Isso se justifica pelo fato de que, um mesmo percurso realizado em dias diferentes pode suscitar experiências absolu-

tamente distintas. Isolados, um mapa ou um calendário, sob essa ótica, não são suficientes para a descrição de um território em sua dimensão sensível. Uma vez combinados, contudo, condensam a síntese da experiência de deslocar-se.

Assim, por abarcarem o contato com diferentes expressões da paisagem das bordas ao norte de São Paulo, nos arredores do córrego Piqueri, serão descritos os percursos realizados em:

19 de dezembro de 2013, referido na figura 16;

08 de janeiro de 2014, referido na figura 24;

14 de janeiro de 2014, referido na figura 32;

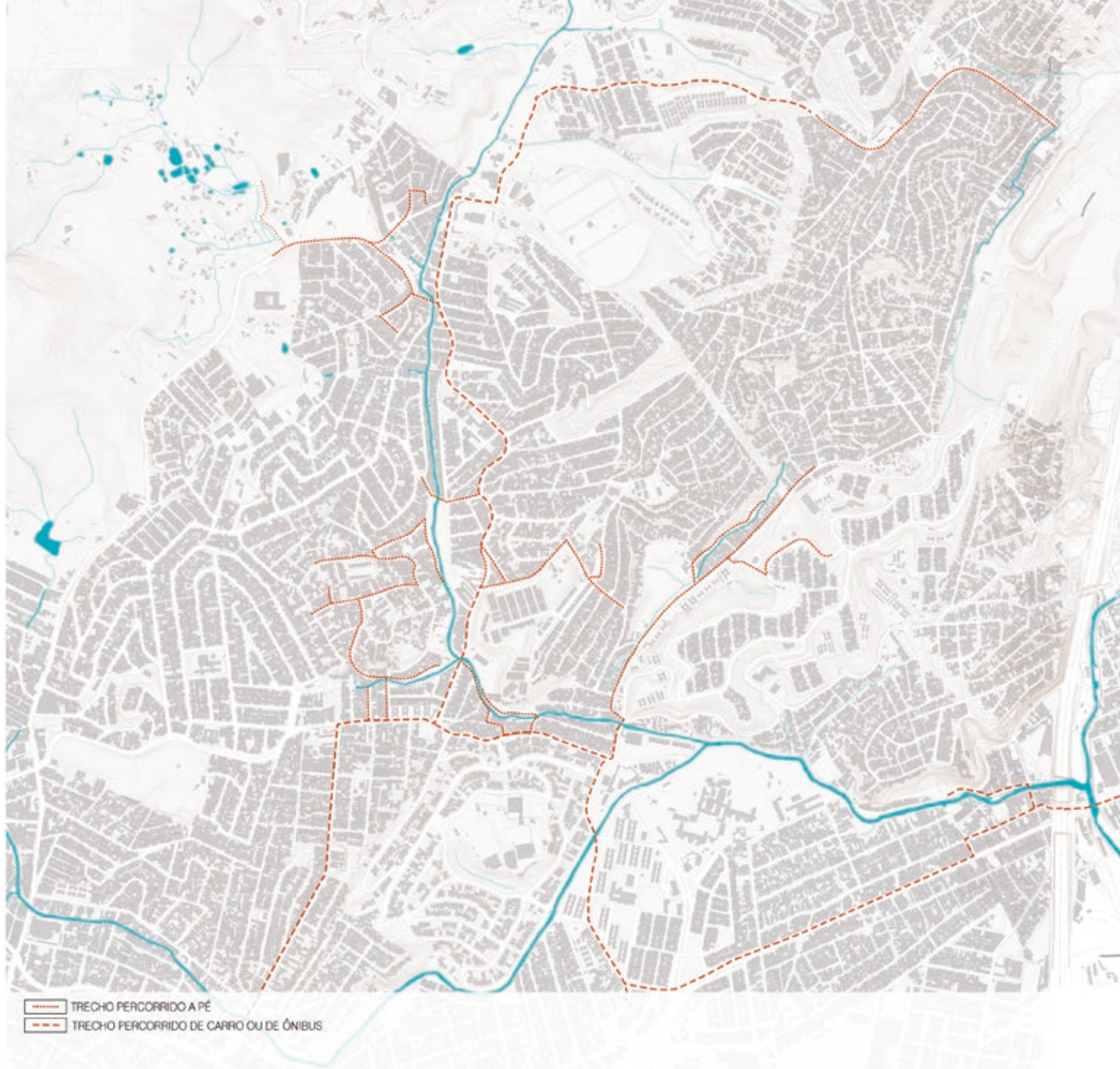
23 de janeiro de 2014, referido na figura 40;

25 de abril de 2014, referido na figura 47;

27 de abril de 2014, referido na figura 53.

É válido ressaltar, ainda, que os pontos dos percursos onde foram tomadas fotografias ou elaborados desenhos por observação encontram-se destacados nos respectivos mapas junto ao número da figura correspondente. São diferenciados, também nas representações cartográficas dos percursos, os modos como se percorreu cada trecho: por linhas tracejadas foram representadas as extensões empreendidas de carro ou de ônibus ao passo em que as linhas pontilhadas correspondem aos trechos percorridos a pé. A figura 15, por sua vez, apresenta, em vermelho, o conjunto de todas as linearidades percorridas ao longo das andanças aqui descritas.





ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMEMBÉ)

Figura 15: Conjunto dos percursos realizados  
FONTE: MAPA DIGITAL DA CIDADE - 2004 - 1:1000 - PMSP - SMDU (atualizado)

0 50 250 500





- ..... TRECHO PERCORRIDO A PÉ
- - - TRECHO PERCORRIDO DE CARRO OU DE ÔNIBUS
- ▶ PONTOS CORRESPONDENTES À TOMADA DE FOTOS  
OU À ELABORAÇÃO DE DESENHOS REFERIDOS NO RELATÓRIO

ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JACANÃ E TREMEMBÉ)

Figura 16: Percurso realizado no dia 19 . 12 . 2013

FONTE: MAPA DIGITAL DA CIDADE - 2004 - 1:1000 - PMSP - SMDU (editado)

0 50 250 500



Percurso de 19 de dezembro de 2013

Entrei no ônibus com destino ao Jardim Fontális por volta das duas horas da tarde. Era uma quinta-feira típica de dezembro, o dia estava quente e as ruas muito agitadas. Levava comigo lápis, papel e máquina fotográfica. Para realizar eventuais registros, trazia, também, um fragmento do Mapa Digital da Cidade, no qual constava a hidrografia, as curvas de nível e as quadras fiscais, junto aos nomes de algumas vias principais do bairro de Vila Zilda e seu entorno. Todavia, nenhuma linha, sequer, eu havia desenhado previamente sobre o mapa; nenhum percurso havia sido definido de antemão. Eu dirigia-me ao vale do córrego Piqueri sem um rumo exato. Embora eu conhecesse há muitos anos as ruas da Vila Zilda, por lá ter morado desde criança, me interessava, agora, a tentativa de recuperar algum tipo de estranhamento no percorrer o espaço das bordas. O andar, agora, já não bastava enquanto ato objetivo de deslocamento que eu fazia diariamente para ir e voltar da faculdade, nem tampouco meu olhar se contentava em me informar os nomes grafados nas placas das ruas ou confirmar os letreiros já sabidos dos ônibus. Minha intenção era reconhecer, nas bordas do Piqueri, as marcas da ocupação humana em sua relação direta com a terra, desveladas por meio de experiências de paisagem, muito embora latentes, no espaço cotidiano.

Dou o sinal e desço do ônibus em frente ao Sacolão do Jaçanã. As lembranças mais presentes que tenho deste lugar são, justamente, de dias de chuva forte, de enchentes. Avanço alguns metros em direção à Avenida Maria Amália Lopes de Azevedo e começo a notar que, de fato, encontro-me em um lugar relativamente baixo e plano. É intenso o fluxo de veículos em torno da rotatória de acesso à via mencionada: cada faixa é disputada palmo a palmo entre carros, pedestres, ônibus, ciclistas... Olho em volta e, no alargamento das vias, enxergo longe. O terreno se faz planície vasta tanto a leste como a oeste. A norte percebo, logo atrás das construções assobradadas, uma elevação no terreno. É para lá que decido seguir, caminhando pela avenida à algazarra das buzinas, do falatório em frente ao bar e

do carro de som anunciando as ofertas do açougue. Dobro a direita.

A viela onde entro é estreita. Das calçadas, ocupadas, em grande medida, pelos postes, pouco espaço sobra aos pedestres. De um lado e de outro, há apenas laterais de lotes. À frente, onde acredito ser o final da Rua País Natal, avisto uma encosta íngreme, densamente ocupada por casas muito juntas umas das outras. É impossível saber, do ponto onde me encontro, a lógica de circulação entre as casas, de que modo elas são acessadas e como são esses espaços. Observando ainda de longe, meu olhar é levado muitos metros encosta acima, ao longo de uma sucessão de janelas abertas ao barranco. Caminho pela viela e percebo uma curva à direita, inflexão da via nos sopés do morro. Há, no entanto, um espaço vazio, uma faixa de alguns metros entre a calçada e as paredes das casas mais baixas. Aproximo-me e descubro o córrego do Piqueri escoando caudaloso junto à rua, pouco antes de se ocultar por detrás dos fundos das construções.

Há um bambuzal à beira d'água. Nas margens do córrego, o mato se desenvolve às touceiras, espraiando-se pelas frestas da calçada mal cimentada. A Rua País Natal é densamente habitada, ainda que não haja verticalização. As casas são pequenas e, em geral, sem recuos. Quando muito, corredores estreitos me permitem notar que, em muitas delas, há puxados nos fundos, configurando lotes com mais de uma residência. Sigo até o ponto onde o Piqueri desaparece, a jusante, atrás das casas (figura 17). Há, ali, um muro parcialmente demolido, carros sobre a calçada, uma pilha de entulhos. Tenho a impressão de que o muro acabara de desmoronar, desfazendo-se aos cacos espalhados sobre o asfalto. A poucos centímetros, a vegetação típica de beira de rios parece alheia àquela realidade. Na outra margem do córrego, aos sopés do morro, a faixa ocupada pelo mato é mais larga. Há bananeiras entre as casas, as quais se afastam umas das outras. Em oposição à densidade habitacional da Rua País Natal, no fundo do vale, e das construções encarapitadas morro acima, a presença daquelas casinhas à beira d'água fica a meio caminho entre o urbano e o não-urbano.

Contrariando o sentido do curso das águas, decido prosseguir rio acima.

Volto à Avenida Maria Amália Lopes de Azevedo, procurando acessar alguma rua que permitisse maior aproximação ao fundo do vale. Há o cruzamento com uma avenida larga, alguns metros à frente (figura 18). Carretas carregadas com tijolos manobram, trancando o trânsito a fim de estacionarem num depósito. Homens entram e saem com carrinhos de mão igualmente carregados. A Avenida Antonelo da Messina segue plana por muitos e muitos metros. Já nos primeiros passos, todavia, me chama a atenção uma elevação expressiva no terreno do lado direito. Junto à calçada, um muro contínuo impede o acesso à encosta sobre a qual gramíneas e pequenas árvores se desenvolvem livremente. Ainda de longe, noto a presença de vários edifícios de quatro pavimentos, idênticos, no alto do morro. Há varais nas varandas, antenas de televisão: não há dúvidas de que se trata de um conjunto habitacional.

Volto com meu olhar para o nível da avenida. Alguns passos adiante e um cano calibroso emerge da calçada, avançando aéreo por vários metros antes de retornar à sua condição subterrânea. Ao me aproximar dali, me dou conta de que se trata de uma ponte onde o tubo da adutora cruza, de um lado a outro, o vale do Piqueri. Naquele ponto, o córrego é atravessado pela via movimentada, escoando com forte intensidade poucos metros abaixo dela. Sua presença, no entanto, raramente é apreendida pelas pessoas que ali circulam. A própria condição de ponte assumida naquele trecho pela Avenida Antonelo da Messina passa, ao largo, despercebida. Há uma viela improvisada à margem direita do córrego, espremida entre as laterais dos lotes e o talude úmido. O mato cresce alto, supera a altura do olhar ao longo desta margem, e mantém apenas sugerido o desenho do córrego. Na vertente oposta é o muro alto da Escola Estadual Prof. Eunice Terezinha de Oliveira Frágoas que separa córrego e pátio, espaço das águas e espaço do lazer e convívio (figura 19). Atravesso a avenida e, chegando ao outro lado da ponte, descubro uma inflexão no vale do Piqueri (figura 20).

Os quintais das casas se confundem ao espaço público, o que decorre, em grande medida, do desalinhamento de muros, ora avançando, ora recuando em relação ao córrego. A montante, em contato direto com a agitação da avenida,

há um espaço típico de curvas de rio. No ponto onde o Piqueri deixa de escoar para o sul e inflecte rumo a oeste suas águas tornam-se calmas, quase paradas. Um contribuinte desagua no córrego principal, numa afluição serena, a poucos metros da ponte onde me encontro. Há certo alargamento no terreno à margem direita do Piqueri e, rente aos muros desalinhados, a terra úmida é vegetada por árvores e arbustos. Na outra margem, as cores vivas de um graffiti vibram no muro cego de uma fábrica de produtos de limpeza. O talude do córrego desfaz-se numa faixa quase plana, tendendo à cota da superfície d'água. Sacolas plásticas, entulho, garrafas se espalham aleatoriamente entre a relva. Demoro a perceber, mas há no ar um cheiro forte de desinfetante – acho que é eucalipto. O portão da fábrica está entreaberto e alguns operários estendem o descanso do almoço tarde a fora, sentados na calçada. Jogam truco no meio fio e conversam, preguiçosamente. Faz muito calor e, como se não houvesse barranco de rio nem sombra de árvore para fazerem a sesta, divertem-se no asfalto, ao agito da avenida.

Continuo o percurso caminhando pela Avenida Antonelo da Messina. Em seu traçado sinuoso reside a marca do tempo em que era estrada de beira de rio, registrada nos levantamentos de Sara Brasil, de 1930, ao longo de chácaras. Oriente-me pela vista da Serra da Cantareira, sempre presente à minha frente: ando rumo ao norte. Do lado direito, noto, a cada esquina, o terreno elevar-se de modo acentuado. A via concentra, linearmente, uma área de comércio diversificado. As edificações são, em geral, assobradadas, abrigando residências ou serviços diversos nos níveis superiores. Apesar de estreitas, frente ao movimento intenso, as calçadas mal pavimentadas da avenida acolhem o convívio em escala de vizinhança. É por volta de quatro horas da tarde e me deparo com os pontos de ônibus cheios, onde a sobreposição de vozes funde as conversas mais diversas ao som dos veículos apressados. Algumas pessoas esperam as linhas que vão “à cidade”, como dizem; outras se afastam dela, como eu. Os mais diversos fluxos se cruzam e se tangenciam na Avenida Antonelo da Messina, via de encontro entre aqueles que habitam os arredores do córrego Piqueri.

Mais adiante há um trecho em aclive e a via se alarga. Há um botequim de

esquina, onde é grande a algazarra em torno de uma mesa de sinuca. Na entrada, um vendedor de espetinhos, com sua churrasqueira, não se preocupa em organizar a fila de clientes, que invade o meio fio. Percebo que, adiante, o terreno se apresenta em declive e a avenida volta a estreitar-se – encontro-me, portanto, num platô. Atravesso à esquina oposta e fico parado por alguns instantes na calçada espremida, minhas costas junto ao muro da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Do alto, recupero a vista da Serra da Cantareira e oriento-me no espaço. A leste é possível subir a encosta ao longo de uma ladeira estreita onde as calçadas se transformam em degraus. O horizonte nesta direção, todavia, encerra-se próximo, nos sopés do morro. Frente à inclinação acentuada do terreno, não é possível avistar o final da ladeira nem o seu topo.

Na direção oposta há uma baixada e o olhar avança longamente. A oeste do platô da Avenida Antonelo da Messina, após um declive bastante pronunciado, avisto o topo de outra elevação, outro morro habitado densamente. Não é possível apreender, deste ponto, o espaço intermediário, o vale que une os aclives opostos. A topografia movimentada da área, descrita nos mapas pela sinuosidade das curvas de nível, se expressa na experiência do espaço enquanto dobras de terreno. Entre pontos altos e baixos, todavia, o espaço se revela de maneiras distintas quando observado à distância e quando percorrido, presenciado. Há aspectos que reivindicam a presença corpórea e o percurso enquanto forma de apreendê-los. À medida que desço ao fundo do vale do Piqueri perco a referência espacial que tinha sobre o platô e me sinto perdido. No entanto, começam a ser desvelados, sob formas sensíveis, certos indícios que antevêm a presença do córrego.

Só é possível chegar à baixada da Rua Jordão Camargo de Oliveira descendo: percorro algumas quadras e, a cada esquina, descubro sempre vias ascendentes. O relevo preserva, em suas formas, o negativo do corpo d'água que as esculpiu. Continuo a descida, saltando os degraus da calçada nas entradas dos lotes. Embora muito habitada, a rua é silenciosa em comparação à Avenida Antonelo da Messina. Ainda de longe, avisto um pequeno largo, uma lacuna entre as casas e um guarda-corpo de ponte, em concreto. Aproximo-me e descubro, na lacuna,

o corredor definido pelos fundos das construções por onde escoam, espremido, o córrego Piqueri (figura 21). Curiosamente, junto à ponte, há um salão de cabeleireiros, uma mercearia, uma loja de roupas, outra de móveis usados. Nas calçadas em frente ao pequeno núcleo de comércio local é expressivo o movimento de pessoas: a ponte se configura, espontaneamente, como lugar de encontro, e não apenas de travessia. Na condição de uma pequena praça, o largo junto à ponte da Rua Jordão Camargo de Oliveira é apropriado enquanto espaço de permanência e convívio (figura 22). As águas do Piqueri, entretanto, confinadas entre os fundos das casas, permanecem negadas da paisagem nesse espaço cotidiano. Sob os tubos em balanço das calhas das casas, o córrego escoam vagaroso; o som que se ouve é um ronco baixo, mas constante, de água roçando mato, o que lembra aos mais curiosos de que ali persiste em curso um corpo d'água. Ainda que a ocupação urbana tenha voltado as costas ao córrego Piqueri e que seu reconhecimento paisagístico não seja frequente no cotidiano, sua natureza comparece de modo ostensivo entre o urbano e o não-urbano (figura 23).





Figura 17: Trecho em que o córrego Piqueri torna-se oculto por trás das construções da Rua País Natal

*Arthur Cabral, 2014.*



Figura 18: Os fluxos de veículos e pedestres são intensos na Avenida Antonelo da Messina

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 19: O muro da Escola Estadual Prof. Eunice T. de O. Fráguas separa o pátio das margens do córrego

*Arthur Cabral, 2014.*



Figura 20: Na ponte sobre da Av. Antonelo da Messina nota-se uma inflexão no curso do Piqueri

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 21: Os fundos das construções definem um corredor por onde o córrego escoar oculto

*Arthur Cabral, 2014.*

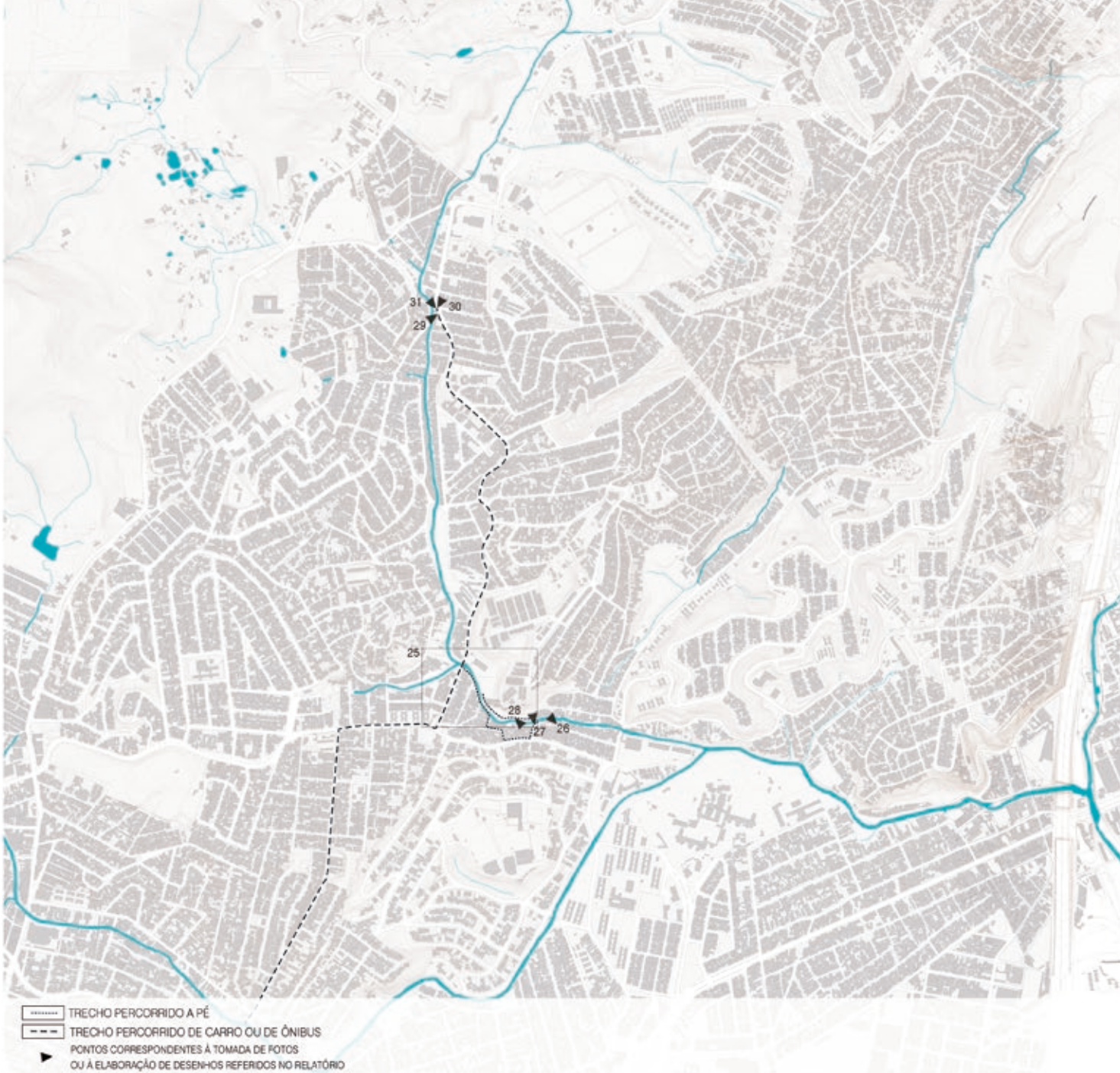


Figura 22: O pequeno largo junto à ponte da Rua Jordão C. de Oliveira é apropriado enquanto espaço de convívio

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 23: Entorno da ponte da Rua Jordão Camargo de Oliveira  
*Arthur Cabral. 2014.*





Percurso de 08 de janeiro de 2014

Retorno ao vale do Piqueri percorrendo um caminho distinto. Para transpor a colina que, marcadamente, divide suas águas das do córrego Tremembé, sigo pela Vila Mazzei, bairro vizinho, a oeste, do Jaçanã. A topografia acentuada se revela no espaço urbano em uma série de ladeiras. Ao descer a vertente direita do Piqueri, todavia, não é possível avistar o córrego. No trecho onde se supõe a presença das águas há, na Avenida Maria Amália Lopes de Azevedo, um conjunto habitacional com edifícios de quatro pavimentos e corredos de sobrados de uso misto. Atrás das edificações, a vista da vertente oposta com sua encosta íngreme, por sua vez, torna reconhecível o trajeto percorrido pelas águas não pelo fundo do vale, mas pela sucessão linear de topos. Tal trajeto, paralelo ao eixo da avenida, sugere que o Piqueri ou um de seus afluentes escoe a poucas quadras a norte, logo após as construções da Avenida Maria Amália. Se, por um lado, a presença do córrego é reconhecida por vestígios nos entremeios do espaço urbanizado, as formas do relevo esculpido por suas águas desvelam-se imponentes à medida que se atravessa os divisores de águas.

O trânsito na Avenida Maria Amália Lopes Azevedo está péssimo nesse começo de tarde de quarta-feira – estou habituado a percorrer essa via diariamente e não me surpreende o congestionamento. A avenida que liga o bairro do Jaçanã ao Horto Florestal, nos sopés da Serra da Cantareira, é um dos principais eixos viários no sentido leste-oeste deste setor da Zona Norte. Seu traçado é remanescente do tempo em que se chamava Estrada para Guapira (ou “onde o vale começa”, na língua Tupi, palavra que sobrevive, nos dias atuais, como nome de outra importante avenida e de um clube esportivo da região). Nos minutos de sinal vermelho percebo a agitação nas calçadas estreitas em frente ao comércio local. O fluxo de bicicletas entre os carros parados também é intenso. Com efeito, se as ruas do entorno se configuram como ladeiras, a avenida implantada à beira do vale apresenta declividades razoáveis aos ciclistas. Os pedestres, ao atravessarem a

avenida estreita, desviam-se das motos que se espremem entre as mãos de direção, cortando o congestionamento. Há carros parados sobre as calçadas e pessoas caminhando entre os carros. Abre o semáforo e, na aparente desordem, o tráfego se ajeita espontaneamente. Decido dobrar à esquerda e estaciono poucos metros antes da ponte da Avenida Antonelo da Messina sobre o córrego Piqueri.

Junto à ponte, há uma viela que avança por várias quadras à sua margem direita. Caminho entre as laterais de lotes e o mato que cresce alto rente às águas – não há casa que se acesse pela via. Avalio sua largura em pouco mais de três metros, sendo que não há calçada. Na margem oposta o muro da Escola Estadual Prof. Eunice Terezinha de Oliveira Frágoas avança, por muitos metros, rente ao córrego. Chego a um ponto, no entanto, onde há certa indefinição entre o espaço público e o pátio da instituição de ensino (figura 25). Há uma interrupção no muro da escola e muitas pessoas caminham por ali em direção à avenida. De onde me encontro, todavia, não consigo definir se se trata de outra viela semelhante à que me encontro ou se a faixa de terreno configura-se como um pátio pertencente à escola. A fim de atravessar o córrego e percorrer tal espaço, contorno o quarteirão e chego à ponte da Rua País Natal que eu havia avistado anteriormente, em outro percurso realizado (figuras 26 e 27).

A estrutura metálica vibra aos passos das pessoas que, dado à estreiteza, atravessam enfileiradas. As construções se avolumam à beira do córrego. Ao contrário do que ocorre na margem oposta, a viela de terra batida permite o acesso a muitas casas que se adensam morro acima. Percorro vários metros e avisto, por trás do mato, o muro da escola e o espaço ambíguo junto ao córrego. Uma vez transposta a estreiteza da viela (figura 28), a área do pátio se mostra imensa. Presumo que se trate, a rigor, de área institucional: apenas um alambrado separa aquele espaço da área onde se encontram as quadras esportivas e o acesso à edificação da escola. O fragmento do Mapa Digital da Cidade que trago comigo, a partir do traço do limite do lote, confirma essa hipótese. Todavia, a apropriação do espaço ocorre, notadamente, em âmbito público. Não há qualquer dispositivo que organize, especialmente, o “programa de atividades” ou os usos que, esponta-

neamente, ocorrem ali. O pátio é utilizado como via de acesso à Avenida Antonelo da Messina, como campinho onde crianças jogam bola e empinam pipa e como área de descanso à sombra de arvoretas que crescem junto a uma área gramada. Embora segregadas do córrego pela presença de um muro alto, as várzeas do Piqueri junto à Escola Estadual Prof. Eunice Frágoas têm sua natureza manifesta em poças turvas, na vegetação característica de margens de rios, na vista das encostas íngremes ao redor do vale.

Decido seguir a montante ao longo da Avenida Antonelo da Messina. O traçado sinuoso da via, ao longo de diversas curvas, aclives e declives, propicia afastamentos e aproximações em relação ao fundo do vale. Percorrendo sua vertente esquerda, a leste das águas, procuro pontos onde haja o encontro entre o córrego e o espaço agitado da avenida. Noto uma baixada no terreno, pouco antes da via alargar-se consideravelmente. O semáforo fecha, estaciono o carro e caminho até o cruzamento com a Rua Eduardo Sandoz. Há uma padaria na esquina com um pequeno toldo aberto sobre a calçada. O sol é forte e um grupo de pessoas aproveita a nesga de sombra enquanto a conversa flui animadamente em frente ao comércio. Do outro lado da avenida há um ponto de ônibus, uma banca de jornal e uma figueira. Embora o espaço não seja dotado de qualidades convidativas à permanência – não há bancos, há pouca área sombreada, o espaço de circulação se sobrepõe ao do estar – o pequeno largo é apropriado como lugar de encontro enquanto uma forma inusitada de praça. Noto uma mureta junto à calçada; aproximo-me e descubro que se trata de uma ponte na Rua Eduardo Sandoz sobre o Piqueri (figuras 29 e 30). Junto ao largo da Avenida Antonelo da Messina, dado uma curva no curso das águas, tem-se o contato direto com o córrego (figura 31). A aparição, todavia, é pontual: a montante e a jusante as construções interpõem-se entre a avenida e as águas, que voltam a seu ocultamento ao fundo dos lotes.



Figura 25: Entorno da ponte da E. E. Prof. Eunice T. de Oliveira Frágoas

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 26: Ponte para pedestres sobre o córrego Piqueri permite o acesso à Rua País Natal

*Arthur Cabral. 2014.*

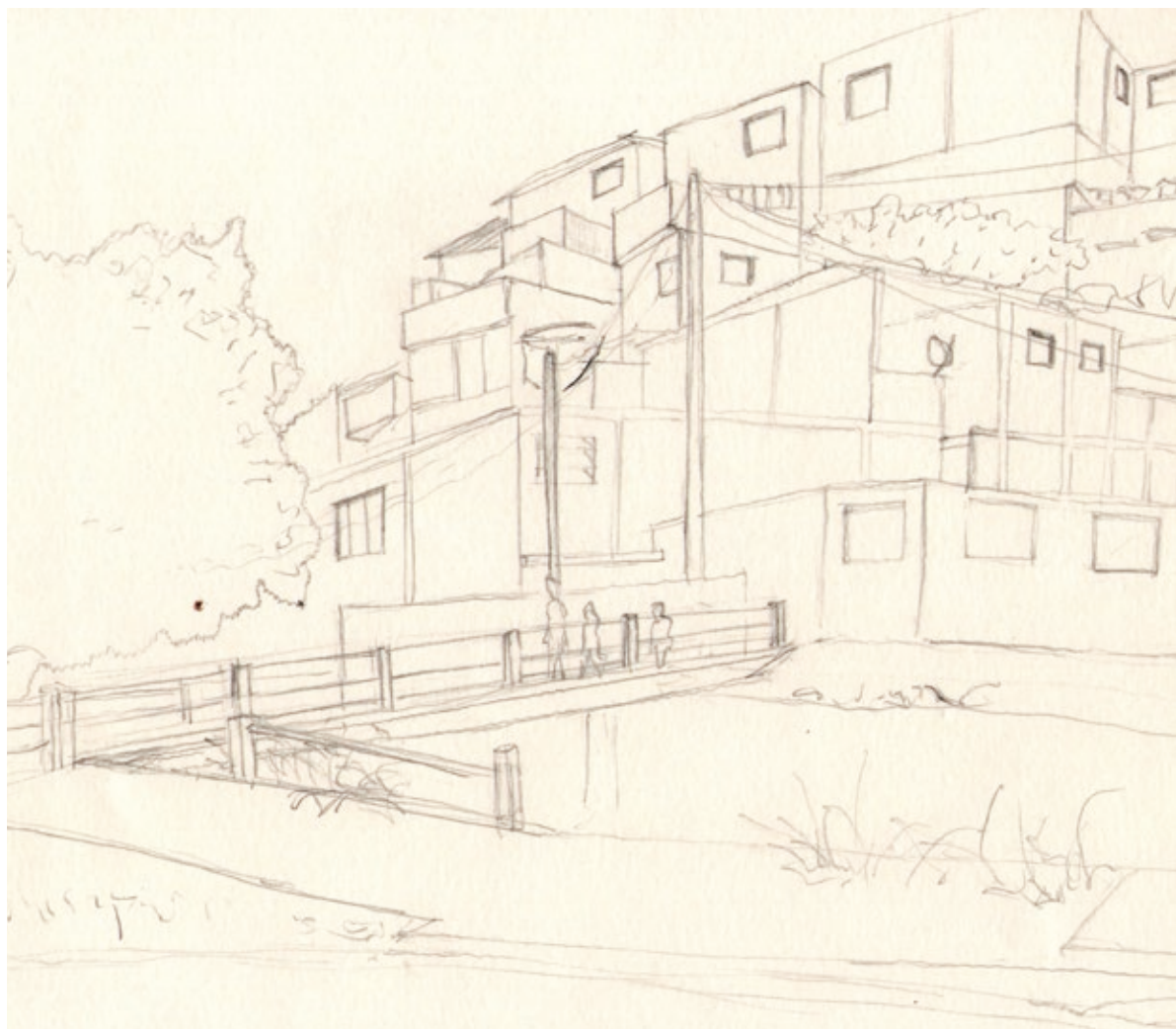


Figura 27: A ocupação se adensa na vertente íngreme a poucos metros do córrego Piqueri

*Arthur Cabral. 2014.*

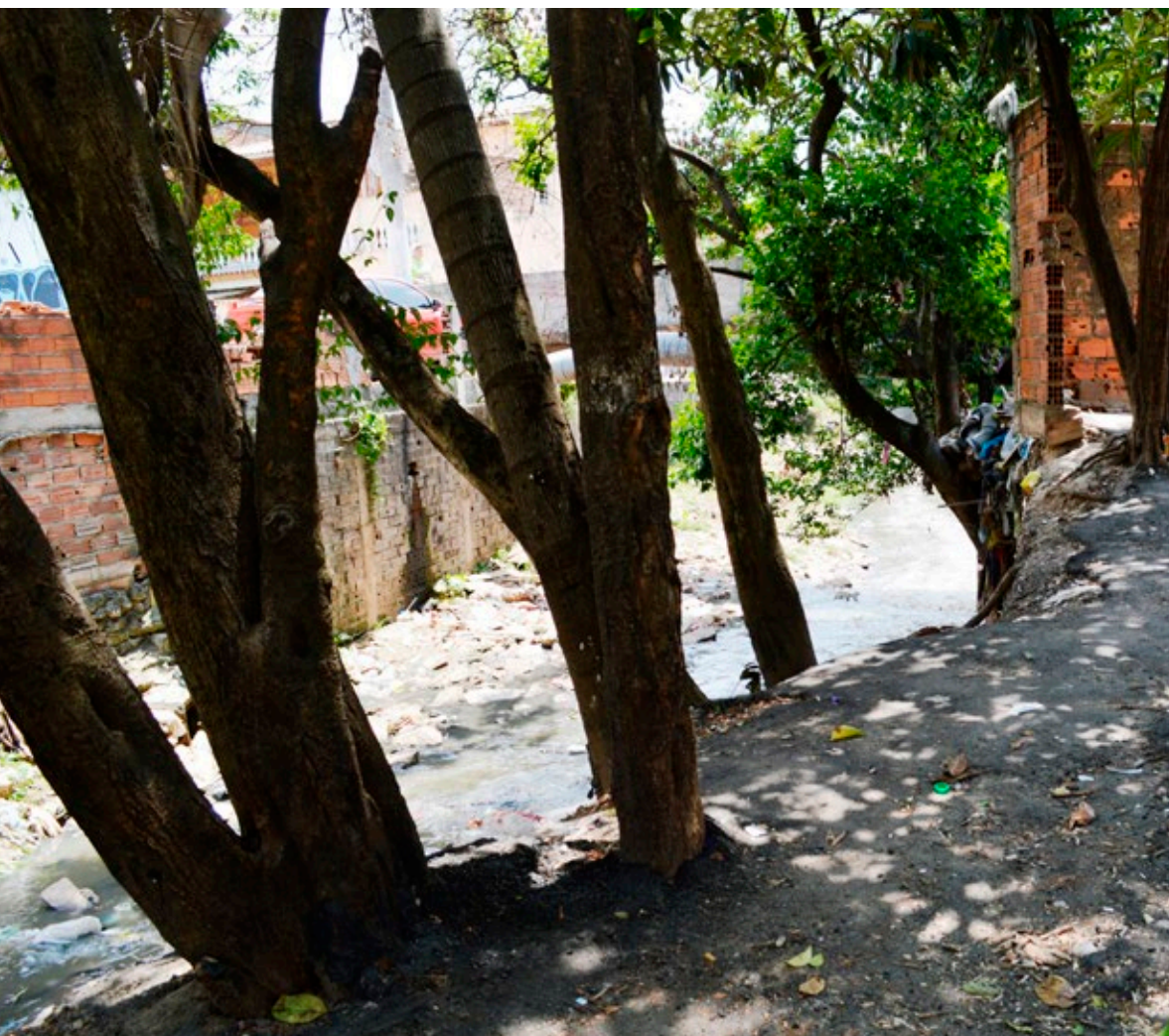


Figura 28: A viela à beira do córrego torna-se muito estreita

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 29: O córrego Piqueri alarga-se nas proximidades da Rua Eduardo Sandoz

*Arthur Cabral. 2014.*





Figura 30: O cruzamento junto à ponte da Rua Eduardo Sandoz se configura como uma praça informal

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 31: Apesar de estreitas, as calçadas em frente ao comércio são apropriadas como espaço de estar

*Arthur Cabral. 2014.*





- ..... TRECHO PERCORRIDO A PÉ
- TRECHO PERCORRIDO DE CARRO OU DE ÔNIBUS
- ▶ PONTOS CORRESPONDENTES À TOMADA DE FOTOS OU À ELABORAÇÃO DE DESENHOS REFERIDOS NO RELATÓRIO

ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMEMBÉ)

Figura 32: Percurso realizado no dia 14 . 01 . 2014

FONTE: MAPA DIGITAL DA CIDADE - 2004 - 1:1000 - PMSP - SMDU (atualizado)

0 50 250 500



Percurso de 14 de janeiro de 2014

Partindo, mais uma vez, de jusante a montante, sigo em direção às nascentes do Piqueri, nos sopés da Serra da Cantareira. Não defini nenhum percurso de antemão, mas uma curiosidade despertada na última vez em que caminhei ao longo das bordas da Vila Zilda me puxa para um ponto específico. A ponte da Rua Eduardo Sandoz junto ao largo da Avenida Antonelo da Messina, onde o curso d'água tangencia a calçada, insere-se no contexto de uma pequena praça informal, embora o córrego permaneça tolhido de seu reconhecimento enquanto paisagem. Ainda que eu esteja familiarizado, desde criança, com as ruas da Vila Zilda, poucas vezes andei a pé para além do córrego. Assim, desconheço boa parte da vertente oeste, à direita do Piqueri, sobretudo na altura da Rua Eduardo Sandoz. Sem afixar, previamente, nenhum percurso sobre o mapa, vou à direção do morro do Jardim Joamar, a oeste do Piqueri.

À medida que avanço de carro pela Avenida Antonelo da Messina percebo as oscilações do relevo, ora em aclave, ora em baixadas mais próximas do fundo do vale. Estaciono na Rua Eduardo Sandoz, sobre a referida ponte. As várzeas do Piqueri tornam-se significativamente mais largas nesse ponto. Com efeito, a montante do pequeno largo da Avenida Antonelo da Messina, o espaço da via estende-se plano por um longo trecho. De um lado e de outro, os beirais das construções assobradadas são o ponto mais alto que se pode avistar. As encostas encontram-se mais afastadas do curso d'água, que escoar vagaroso sob a ponte – apenas a ondulação da Serra da Cantareira, a norte, interrompe a vista da planície.

Sento-me no guarda-corpo de concreto e permaneço alguns instantes sobre o Piqueri. A vista de seu curso sinuoso, no que tangencia o traçado da avenida, revela os modos como o homem habita as bordas ao longo deste vale e as relações que são estabelecidas com o espaço habitado. As construções cujos fundos se voltam ao Piqueri possuem quatro pavimentos e são desprovidas de recuos.

Aproveitando ao máximo o terreno, herdado do espaço à beira do córrego sua forma curva (figura 33). Embora haja fileiras de janelas voltadas tanto ao córrego como à avenida, as moradias se fecham ao espaço público. É indecifrável sua organização espacial interna, bem como os limites entre uma residência e outra. Encaixadas entre a avenida e o curso d'água, as construções da esquina entre a Avenida Antonelo da Messina e a Rua Eduardo Sandoz atestam, espacialmente, a densidade habitacional do bairro informalmente consolidado. Poucos metros a montante, entretanto, rente aos fundos espremidos das casas, é possível avistar um maciço arbóreo que une as duas margens do córrego. Ao longo dos percursos às bordas do Piqueri há diversas frestas no urbano por meio das quais se reconhece o contato direto entre espaços densamente ocupados e uma natureza negada, mas que comparece notória em seus fragmentos.

Continuo o percurso pela Rua Eduardo Sandoz, acessando a vertente direita do Piqueri. As várzeas estendem-se ao longo de toda a quadra seguinte, até que uma curva na via e um aclive suave comecem a delinear uma elevação abatida no terreno. Ao chegar à esquina com a Estrada do Piqueri, todavia, retomo a apreensão das formas sinuosas do vale encaixado entre vertentes íngremes. Várias ladeiras desafiam a encosta, permitindo, à custa de grande esforço, o acesso às casas encarapitadas morro acima. Dado à estreiteza, à declividade acentuadíssima e à ausência de sarjetas ou guias, presumo que essas vias decorram de um loteamento irregular. De fato, ao recorrer ao mapa que trago comigo, percebo distinções entre o desenho urbano das imediações da Estrada do Piqueri e as áreas do entorno, onde o traçado viário amolda-se mais coerentemente à topografia forte. Ao longe, avisto uma série de torres de alta tensão conectadas entre si por cabos arqueados. Esta vista, todavia, se confunde por trás dos muros e telhados das casas, de modo que não consigo situá-la em relação ao córrego (figura 34). Mais alguns passos e perco as referências de minha própria localização. Há um grande galpão em ruínas ocupado por um ferro velho, um corrido de sobrados do outro lado da rua (figura 35). Adiante, avisto, entre as casas, uma mancha verde escuro que acredito ser a Serra da Cantareira. Sigo em sua direção.

A esquina da Estrada do Piqueri com a Avenida Ushikichi Kamia tem seu espaço cercado por muros cegos (figura 36). Apesar do movimento intenso de pedestres e veículos, é notável a diferença em relação à Avenida Antonelo da Mesina, onde a presença de comércio e serviços diversificados a caracteriza como centralidade linear urbana. O aspecto geral desse trecho da Avenida Ushikichi Kamia é o de uma estrada implantada entre chácaras (figura 37). Há um terreno enorme desocupado e, por cima do muro que o delimita, espio tratores e retroescavadeiras estacionados. Os caminhões trafegam intensamente pela via, cruzando de um lado a outro o vale do Piqueri com as mais diversas cargas. As calçadas se encontram desertas, não há nenhum pedestre além de mim. Afasto-me algumas quadras do fundo do vale e pronto chego a uma área de mata junto à esquina com a Avenida Coronel Sezefredo Fagundes. Tenho a impressão de que a vista da Serra da Cantareira, que me acompanhava de longe, se funde, nesse trecho, ao arvoredo denso da área onde estou. Há uma viela de terra batida, uma baixada no terreno e uma casinha por trás de alguns arbustos. Já nos primeiros metros percorridos, grandes poças anunciam a presença de um corpo d'água. Algumas tábuas de madeira grosseiramente pregadas formam a pinguela sobre a qual se atravessa um afluente capilar do córrego Piqueri. Há uma clareira entre árvores em frente à cerca de uma pequena chácara. Galinhas ciscam e cabritos passeiam livremente, a poucos metros da movimentada avenida.

Ao retornar em direção ao Piqueri, percebo, outra vez, a concentração de torres de alta tensão. A ocupação urbana espalha-se em torno da Subestação das Centrais Elétricas de Furnas. Caminho mais alguns passos e percebo o fundo do vale sendo cruzado pelos linhões de força; as construções desprovidas de revestimento, com seu tom alaranjado, parecem miniaturas sob o colosso metálico das torres. Decido cruzar o vale e avanço, agora de carro, pelos arredores do Jardim Fontális. Neste trecho a encosta torna-se ainda mais íngreme e a ocupação urbana volta a se adensar entre grandes terrenos vazios e fragmentos de mata (figura 38). A Avenida Ushikishi Kamia cruza diversos vales menores, configurando-se ora como ladeira, ora apresentando um traçado sinuoso, do qual vias menores per-

mitem o acesso a diversos conjuntos habitacionais ali existentes. Há, ainda, uma centralidade local, com comércio e serviços diversificados, junto a um terminal urbano de ônibus. À medida que me aproximo dos limites a leste da bacia do Piqueri, percebo o vale cada vez mais distante e consigo me situar, do alto, em relação ao córrego e aos espaços ao longo de sua presença dissimulada nas frestas do urbano (figura 39).





Figura 33: Sem recuos, as construções da Rua Eduardo Sandoz ocupam as últimas porções de terra firme à beira do córrego

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 34: A vista das torres de alta tensão se confunde, ao longe, entre fios e telhados

*Arthur Cabral. 2014.*

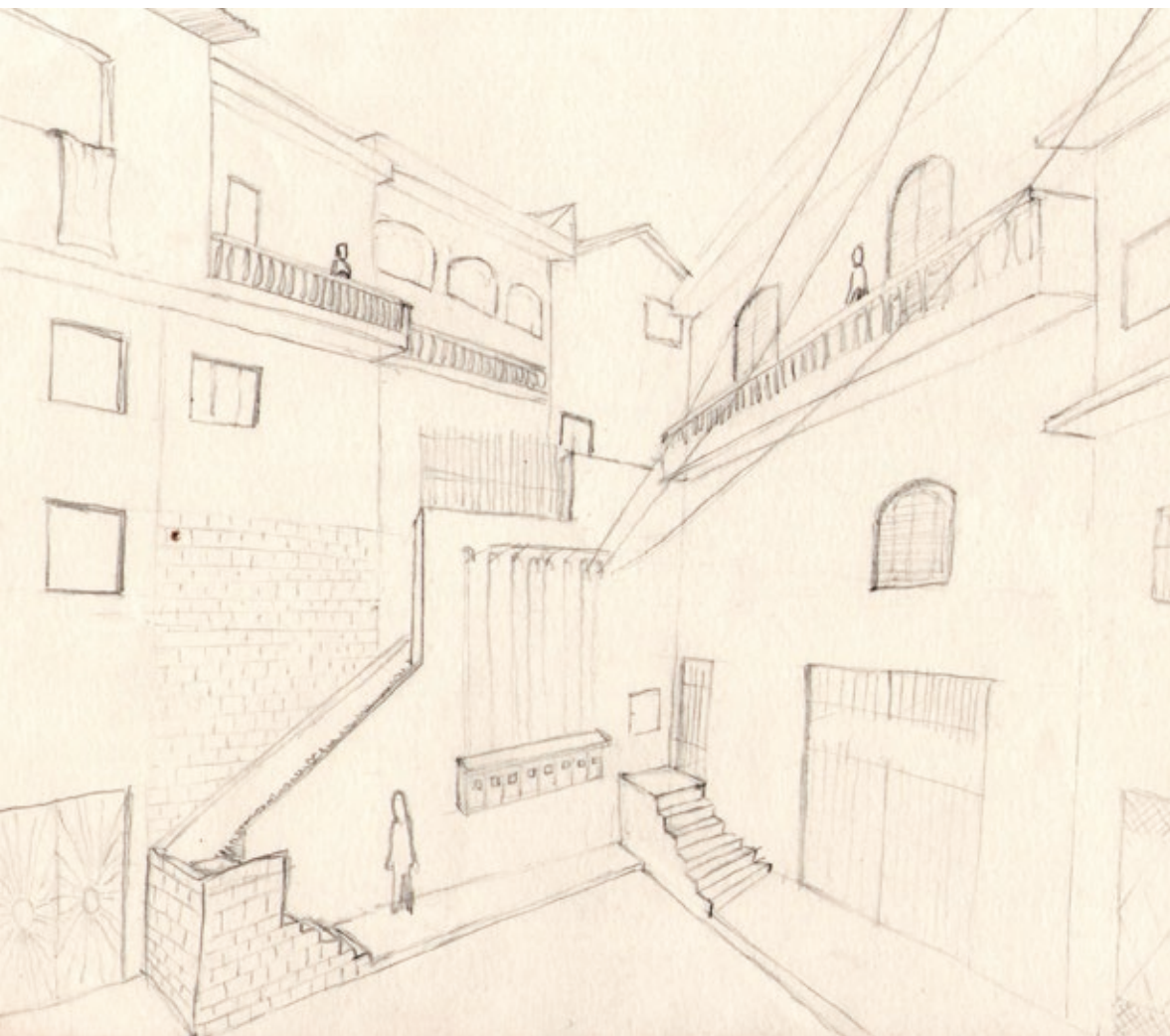


Figura 35: Nas construções assobradadas são diversas as soluções adotadas para os acessos e circulações

*Arthur Cabral, 2014.*

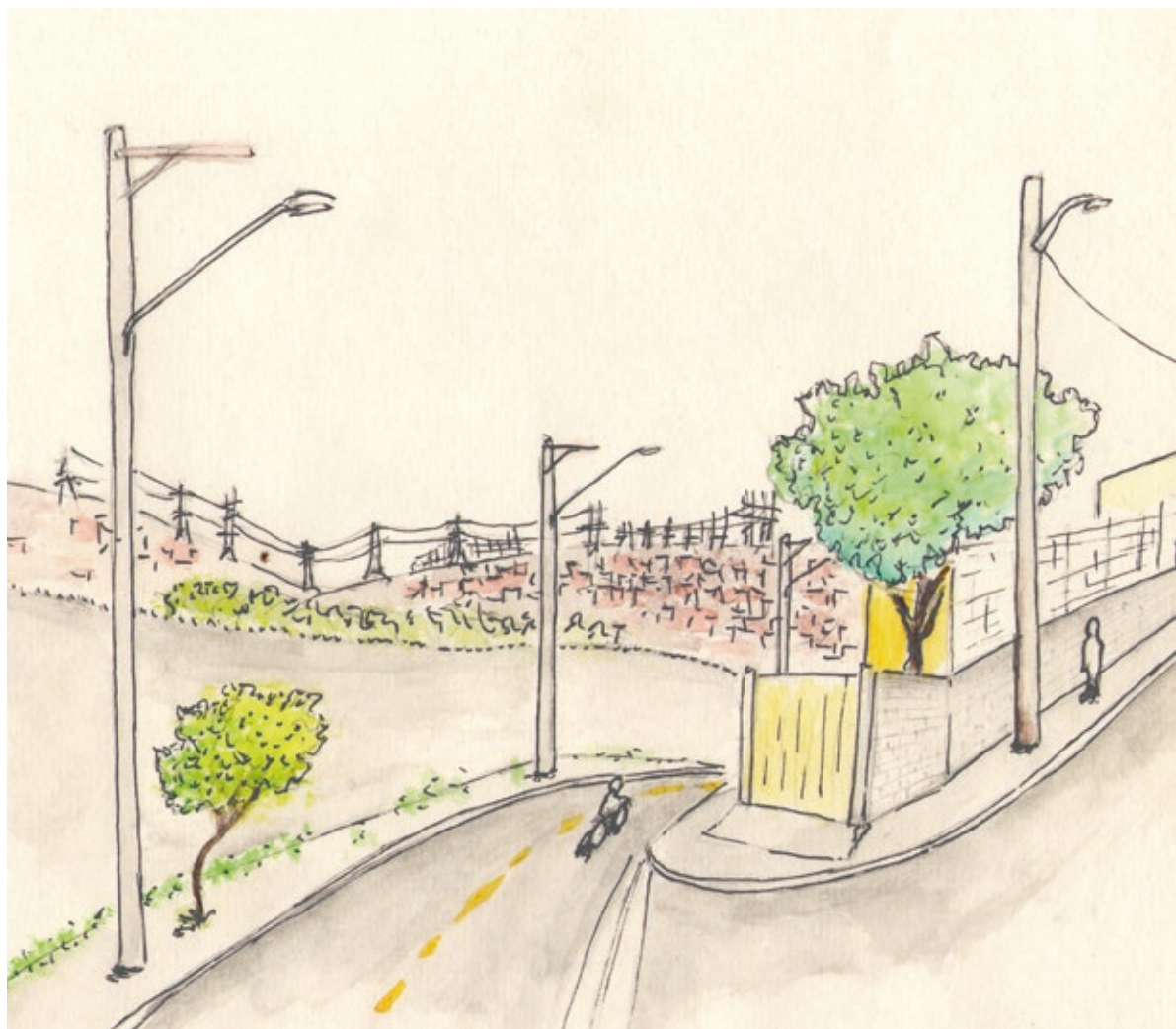


Figura 36: A esquina da Estrada do Piqueri com a Avenida Ushikichi Kamia tem seu espaço cerceado por muros

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 37: Entre muros, espaços característicos de chácaras convivem com comércios e residências

*Arthur Cabral. 2014.*

Figura 38: A ocupação urbana volta a se adensar entre grandes terrenos vazios e fragmentos de mata

*Arthur Cabral. 2014.*





Figura 39: Um pequeno afluent do Piqueri tem seu escoar dissimulado entre as construções da Rua Ushikichi Kamia

*Arthur Cabral. 2014.*



- TRECHO PERCORRIDO A PÉ
- TRECHO PERCORRIDO DE CARRO OU DE ÔNIBUS
- PONTOS CORRESPONDENTES À TOMADA DE FOTOS  
OU À ELABORAÇÃO DE DESENHOS REFERIDOS NO RELATÓRIO

ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMEMBÉ)

Figura 40: Percurso realizado no dia 23 . 01 . 2014

FONTE: MAPA DIGITAL DA CIDADE - 2004 - 1:1000 - PMSP - SMDU (atualizado)

0 50 250 500





Percurso de 23 de janeiro de 2014

A foz do córrego Piqueri é, em geral, despercebida por aqueles que caminham pela Avenida Sete de Setembro. Sob o viaduto da Rodovia Fernão Dias o intenso movimento de veículos distribui-se em diversas faixas de rolamento. Há poucos pedestres, a via é de trânsito rápido. Apressadamente, cruza-se, sem perceber, o limite entre Guarulhos e São Paulo. Ainda que o referido viaduto seja comumente relacionado à divisa dos municípios, é o córrego Cabuçu de Cima que, de fato, no empréstimo de seu traçado, delimita as áreas respectivas a cada prefeitura. Embora frequentemente não se note, a Avenida Sete de Setembro se configura como ponte, poucos metros a leste do viaduto da Fernão Dias. O córrego Cabuçu de Cima é muito largo e escoar ligeiro sobre a calha de concreto a que fora cerceado. O ruído dos automóveis predomina no espaço da avenida e a presença do curso d'água, muito embora forte, raramente é apreendida. Persistente, contudo, a natureza das águas se expressa sob formas sensíveis nos entremeios da ocupação urbana assentada em suas bordas.

As várzeas do Cabuçu de Cima são vastas, estendendo-se por centenas de metros até os primeiros outeiros que as definem. Ao se debruçar sobre o guarda-corpo da ponte da Avenida Sete de Setembro – ato inusitado entre os poucos pedestres que arriscam caminhar pela calçada estreita neste trecho de via expressa – perde-se a noção de que se está junto à avenida, junto ao agito dos carros, sobre uma divisa entre municípios, sob uma rodovia federal (figura 41). O ronco do enorme volume das águas revela seu ímpeto. Embora transfigurado, o córrego persiste em comparecer, desvelando à paisagem várzeas, margens e mesmo a ponte da Avenida Sete de Setembro – apreendida, apenas, no que se debruça sobre ela. O olhar avança quilômetros a montante ao longo do largo vale do Cabuçu de Cima. Cerceados pelos fundos das construções, os espaços à beira do córrego raramente vinculam-se a áreas verdes ou espaços livres públicos (figura 42).

Há uma curva no córrego e, surgindo de trás das construções e do viaduto da

Rodovia Fernão Dias, a foz do córrego Piqueri despeja, num turbilhão, enormes quantidades d'água. O encontro entre os córregos se dá num embate. As águas chocam-se e do impacto emerge uma espuma branca, que flutua por um longo tempo até que o córrego volte à tranquilidade de seu curso. Vencendo os cerca de vinte metros do canal concretado do Piqueri, uma pequena ponte metálica permite o acesso de pedestres à favela de São José. A vista da ponte, ousada em sua pequenez sobre a larga foz, contrasta com a do viaduto da Rodovia Fernão Dias e das torres de alta tensão, cruzando o vale a poucos metros dali. Na margem oposta, as paredes das casas se apoiam sobre o próprio muro de contenção da calha do córrego. A ocupação, formada por construções, em geral, em alvenaria, estende-se entre a rodovia e o córrego Cabuçu de Cima. A pequena ponte, único acesso da Avenida Sete de Setembro à favela, vibra sobre o Piqueri ao constante ir e vir dos moradores.

Da foz do Piqueri sigo em direção à Vila Zilda. No baixo curso do córrego, todavia, são poucas as pontes e caminhos próximos ao vale. Atravesso à vertente esquerda, onde a Avenida Alfred Ávila margeia o córrego. Poucos metros a montante da foz do Piqueri, todavia, há um bloqueio improvisado na via de terra batida, impedindo a passagem de veículos. Com efeito, espio adiante e descubro que, naquele trecho, a avenida torna-se uma viela de pedestres entre barracos de madeira e construções improvisadas. O assentamento precário estende-se ao longo da encosta, que, prontamente, mostra-se bastante íngreme (figura 43). À vertente direita de seu baixo curso, por outro lado, os espaços livres mostram-se ainda menos coesos à presença das águas. Embora nesta vertente as várzeas do Piqueri sejam mais largas, o desenho urbano, compreendido por uma malha ortogonal, mostra-se alheio à presença do córrego. Para chegar à Vila Zilda, assim, tenho de me afastar das bordas do Piqueri, atravessando o bairro do Jaçanã. Reaproximo-me do fundo do vale à altura da foz do córrego Tremembé, na Avenida Paulo Lincoln do Valle Pontin.

Estaciono o carro na Avenida Antonelo da Messina, nas proximidades da ponte sobre o córrego Piqueri. Dentre as poucas praças existentes nos arredores

da Vila Zilda e do Jardim Fontális, chamou-me à atenção, nos levantamentos cartográficos, a presença de uma área intitulada Praça da Ocupação. Situada na vertente esquerda do Piqueri, concluo, pela análise dos mapas, que a área é predominantemente plana e lindeira a quadras densamente habitadas. À medida que caminho pela Rua Apuanã (ou “Aquele que corre”, na língua Tupi) a encosta se revela cada vez mais íngreme (figura 44). Há uma faixa gramada de frente a um conjunto habitacional. A observação das formas do relevo confirma a informação contida no mapa: a Rua Apuanã fora implantada sobre uma linha de drenagem à margem esquerda do Piqueri. Nos relatos de um morador antigo, com quem conversei antes de continuar o percurso morro acima, vem à tona a lembrança do tempo em que escoava por ali, aberto à superfície, um pequeno afluente do Piqueri, canalizado e tamponado nos anos 1990. Nos levantamentos de Sara Brasil, de 1930, a presença do curso d’água capilar se confirma.

Há pequenas chácaras acessadas pela Rua Apuanã, onde fragmentos de maciços arbóreos se avolumam. A densidade urbana afrouxa-se ao longo da encosta, deixando entrever lacunas, áreas de coexistência entre uma urbanização consolidada, embora incompleta, e o espaço não-urbano. Com efeito, entre as chácaras, voltam a ocorrer trechos de corredos de sobrados, espremidos em pequenos lotes. Mais acima, a Rua Apuanã se torna uma ladeira acentuada, onde as calçadas dão lugar a escadarias estreitas (figura 45). O topo razoavelmente plano do morro abre-se em torno da Praça da Ocupação. Confirmando seu caráter de centralidade da antiga favela de Filhos da Terra, a praça delimita-se por ruas de comércio local. Há um pequeno playground à sombra das árvores, além de equipamentos de ginástica e estares com bancos e mesas em concreto armado (figura 46). Adjacente à praça, uma sede comunitária articula atividades e cursos diversos entre os moradores. Nas ruas do entorno, conjuntos habitacionais convivem com as construções mais antigas da favela urbanizada. À medida que caminho ao longo dos topos da vertente a leste do córrego Piqueri percebo o todo do vale que se descortina ao olhar. É possível apreender, em conjunto, os diferentes espaços situados ao longo das bordas fragmentárias do Piqueri a partir dos pontos altos. Vistas a

partir de mirantes inusitados nos arredores da Praça da Ocupação, essas bordas organizam-se enquanto linearidades embrenhadas entre baixadas e elevações, onde se dá o contato direto entre áreas urbanisticamente consolidadas e resquícios de uma natureza em vigência nos sopés da Serra da Cantareira.



Figura 41: Foz do Piqueri no córrego Cabuçu de Cima vista a partir da ponte da Rua Sete de Setembro

*Arthur Cabral, 2014.*

Figura 42: São raros os espaços à beira do córrego Cabuçu de Cima onde as águas são visíveis

*Arthur Cabral. 2014.*





Figura 43: A vertente esquerda do Piqueri, nas proximidades da Avenida Alfred Ávila

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 44: Entre chácaras e construções assobradadas a Rua Apuanã torna-se uma ladeira acentuada

*Arthur Cabral. 2014.*





Figura 45: As calçadas se transformam em escadarias estreitas; avista-se o vale do Piqueri e a Serra da Cantareira, mais além

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 46: Há equipamentos de ginástica e um pequeno playground na Praça da Ocupação

*Arthur Cabral. 2014.*





- ..... TRECHO PERCORRIDO A PÉ
- - - TRECHO PERCORRIDO DE CARRO OU DE ÔNIBUS
- ▶ PONTOS CORRESPONDENTES À TOMADA DE FOTOS  
OU À ELABORAÇÃO DE DESENHOS REFERIDOS NO RELATÓRIO

ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMÊBÉ)

Figura 47: Percurso realizado no dia 25 . 04 . 2014

FONTE: MAPA DIGITAL DA CIDADE - 2004 - 1:1000 - PMSP - SMDU (adaptado)

0 50 250 500



Percurso de 25 de abril de 2014

Caminho pela Avenida Maria Amália Lopes de Azevedo em direção à vertente direita do córrego Piqueri. Mais uma vez, inicio o percurso sem um trajeto previamente definido. Procuo orientar-me pelas características dos espaços ao longo dos quais me desloco, detectando indícios, nas áreas baixas, da presença das águas e me situando em relação ao todo do vale visto a partir das cotas mais elevadas do terreno. Há uma viela estreita em direção ao fundo do vale e uma placa na esquina informa que a Rua Japaratinga não possui saída. Todavia, não é possível reconhecer, de antemão, o espaço final da viela nem o modo como ela se encerra. Há um declive que antecede em poucos metros uma elevação pronunciada no terreno. Avanço em direção ao final da rua e noto a presença de dispositivos de fechamento nos portões de algumas casas semelhantes a comportas metálicas – a área inunda com frequência. A descida é interrompida por um muro cego, aberto, apenas, em uma fresta rente à sarjeta. Agacho-me e tento espiar pelo vão, afastando o mato com as mãos. Como se fosse projetada com tal intenção, todavia, a geometria da fresta provocante é impermeável ao olhar. Apenas o som do vento misturado a um borbulhar de água fresca é reconhecido no que se aproxima o ouvido do vão seco. Ainda que inacessíveis ao espaço da Rua Japaratinga, não é difícil imaginar as águas do Piqueri retomarem suas várzeas em dias de enxurrada, rompendo com seu confinamento entre muros e fundos de casas.

Seguindo os rastros do vale do Piqueri, volto à Avenida Maria Amália Lopes de Azevedo e dobro a esquina seguinte, retomando a direção das águas. Dessa vez, não há placa que indique ausência de saída. Sigo pela Rua Jaupaci e, já nos primeiros metros, avisto a vertente norte do Piqueri pronunciada numa encosta íngreme. Entre as casas há maciços arbóreos. De longe não é possível decifrar se se trata de praças, bosques, terrenos baldios (figura 48). O acesso à encosta é possibilitado apenas por uma longa escadaria improvisada entre as construções. Aproximo-me e constato a presença de um curso d'água cruzado por uma peque-

na ponte. Ao recorrer ao mapa que trago comigo, o identifico como um pequeno afluente do córrego Piqueri, poucos metros acima de sua foz no corpo d'água principal. A montante, uma mureta contorna a calha do córrego, geometrizada numa sequência de segmentos de reta decorrente dos fundos das casas.

Dobro à direita e percorro alguns metros a jusante, no trecho em que a Rua Penaforte se configura como uma viela à beira d'água. A situação do córrego é contrastante ao confinamento existente poucos metros acima. Uma série de arbustos estende-se junto a arvoretas e forrações floridas ao longo de suas margens, abertas ao espaço da via. Embora os fundos das construções da quadra adjacente se fechem às águas, na margem oposta, o espaço abre-se enquanto um jardim junto à Rua Francisco Ventura (figura 49). A presença de tutores improvisados demonstra o cuidado dos moradores em relação à vegetação; banquinhos de madeira colocados sobre a grama revelam a apropriação da margem do córrego enquanto espaço de permanência e convívio em contato com uma natureza ainda presente, embora transfigurada, entre o urbano e o não-urbano (figura 50).

Retorno pela Rua Penaforte, com a intenção de acessar as cotas mais elevadas do terreno. Ao invés de subir a escadaria improvisada da Rua Jaupaci, no entanto, decido seguir em frente, procurando outras soluções urbanísticas adotadas na ocupação da encosta íngreme. Poucos metros adiante há casas construídas entre a rua e o curso d'água, que torna-se oculto a quem por ali caminha. Há uma curva forte na via em direção à encosta e não consigo avistar o que há além. A via torna-se mais estreita e as calçadas, praticamente inexistentes. Ao dobrar à direita deparo-me com uma ladeira muito acentuada (figura 51).

A Rua Penaforte prolonga-se em curva durante toda a subida – ainda que o desenho viário seja sinuoso, amoldado à topografia, o aclave é muito pronunciado e demanda um grande esforço entre as pessoas que por ali circulam. Revelando tanto a inclinação como as formas da colina que delimita, a norte, o afluente do Piqueri, o espaço estreito da rua é aproveitado por garotos que empinam pipa, enquanto outros brincam no meio fio. As calçadas se interrompem em degraus

desajeitados, decorrentes das rampas de acesso às garagens (figura 52). Sentadas sobre eles, aqui e ali, grupos de pessoas conversam tranquilamente – as calçadas são o espaço de estar e convívio em âmbito público. O fluxo de carros é muito baixo e a circulação dos pedestres ocorre, invariavelmente, pelo asfalto, por onde se caminha levando carrinhos de feira ou de obra sem o inconveniente das calçadas estreitas e frequentemente interrompidas. Chego ao topo, na esquina com a Rua Nova Londrina. No corrido adensado de casas, todavia, não há fresta ou recuo que permita o olhar avançar sobre o vale.

Figura 48: Ao fundo da Rua Jaupaci avista-se um arvoredo; a encosta é acentuada e o acesso se dá por uma escadaria

*Arthur Cabral. 2014.*







Figura 49: O pequeno afluente do córrego Piqueri se abre paralelo à Rua Francisco Ventura

*Arthur Cabral, 2014.*



Figura 50: Ao longo da rua sem saída, as margens do córrego são apropriadas pelos moradores enquanto um jardim

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 51: A Rua Penaforte torna-se uma ladeira acentuada em direção ao Jardim Joamar

*Arthur Cabral, 2014.*



Figura 52: As calçadas viram degraus e o asfalto é compartilhado entre o fluxo tranquilo de automóveis e pedestres.

*Arthur Cabral. 2014.*





- TRECHO PERCORRIDO A PÉ
- - - - - TRECHO PERCORRIDO DE CARRO OU DE ÔNIBUS
- ▶ PONTOS CORRESPONDENTES À TOMADA DE FOTOS  
OU À ELABORAÇÃO DE DESENHOS REFERIDOS NO RELATÓRIO

ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÁ E TREMEMBÉ)

Figura 53: Percurso realizado no dia 27 . 04 . 2014  
 FONTE: MAPA DIGITAL DA CIDADE - 2004 - 1:1000 - PMSP - SMDU (adaptado)



Percurso de 27 de abril de 2014

Decidi realizar este percurso pela vertente leste do córrego Piqueri num domingo de manhã, bem cedo. O movimento vibrante de veículos e pedestres que pude constatar pelas ruas da Vila Zilda nos outros percursos talvez não fosse o mesmo neste horário da semana. Talvez eu me deparasse com outras formas de apropriação do espaço livre e outros ritmos de deslocamentos. Sendo muito variadas as relações estabelecidas entre os espaços destas bordas da cidade e as pessoas que as habitam, parecia-me provável a constatação de afetividades especiais com o bairro em seu despertar numa manhã de domingo. Desta vez fui a campo, propositadamente, desprovido de mapas ou nomes de ruas que pudessem servir-me como referência. Até então, eu havia pesquisado, apenas, sobre a existência de um curso d'água em cujas margens desenvolveu-se o bairro do Jardim Hebron, vizinho à Vila Zilda. A direção aproximada de sua foz, no córrego do Piqueri, foi o único dado que considerei, de antemão, como referência para o percurso.

Desço do ônibus em frente ao CEU Jaçanã. É por volta de sete e meia da manhã de um dia que já se faz bonito, poucas nuvens há no céu. Os raios do sol, ainda rasantes, ofuscam levemente minha vista no momento em que os vejo refletidos nas águas do Piqueri, em seu curso rumo a leste (figura 54). As sombras das construções projetadas nas ruas, no entanto, conservam o frescor da madrugada. Logo ali, na Rua Mário Lago, próximo à pequena ponte sobre o Piqueri (figura 55), um jornaleiro ainda ajeita algumas revistas na vitrine de sua banca, que acabou de abrir. O Sacolão do Jaçanã ainda está fechado, assim como o Mercadinho Igarapé, às margens do córrego. Há poucas pessoas na rua, algumas com carrinhos de feira, outras, simplesmente, caminhando devagar. Tudo está, de fato, muito mais silencioso do que pude constatar nos outros percursos que realizei. A manhã, preguiçosa, começava sem pressa neste domingo no Jardim Hebron.

Após atravessar a ponte da Rua Mário Lago, chego a um cruzamento bastante truncado, no qual o encontro de várias ruas estreitas resulta numa sucessão de

esquinas. De um lado, a poucos metros do Piqueri, um barranco muito íngreme e com uma vegetação densa conduz o olhar diretamente a dezenas de metros de altura. Sua superfície concretada o assemelha a um rochedo de proporções gigantescas, no qual as árvores teriam geminado espontaneamente, desafiando a lei da gravidade e a impenetrabilidade das pedras. Na esquina oposta, alguns homens jogam sinuca num puxado de madeira construído junto a um botequim e a um amontoado de bananeiras. A vista do confuso cruzamento completa-se em outra esquina, mais resguardada, na qual as construções assobradadas impedem o olhar de avançar pela Travessa Igarapé Primavera. É por ali que decido continuar a caminhada.

Assim que dobro a esquina, noto que a travessa, embora estreita, é densamente construída. A frente dos sobrados, quase sempre geminados, dá espaço a pequenos comércios. Nos andares superiores – há construções que atingem quatro ou cinco pavimentos – as janelas das moradias abrem-se ao encontro do sol da manhã. Sobre a calçada estreita, uma sucessão de toldos esgarçados apresenta os nomes das quitandas, bares, igrejas. Postes e alguns carros estacionados são o bastante para ocupar o pouco espaço do passeio e as pessoas caminham tranquilamente pelo meio da rua. Não hesito em fazer o mesmo, seguindo meu caminho impressionado pela planura do terreno. A travessa segue reta por muitos e muitos metros sem que seja possível notar qualquer elevação do terreno. As construções altas limitam o horizonte, restringindo o olhar ao eixo da própria via. Naquele trecho da Travessa Igarapé Primavera perde-se as referências visuais da Serra da Cantareira, ao longe, ou de outros morros mais próximos, por exemplo. Eu tenho a impressão de estar caminhando por um lugar baixo, embora não haja indícios que comprovem minha suspeita. De algum modo, o espaço exíguo da via mostra-se acolhedor ao convívio da vizinhança que ali habita. Aos portões de algumas lojas, que começam a se abrir, as pessoas conversam com muita proximidade, cumprimentando, vez por outra, conhecidos que passam por ali. Pelo tipo de convívio constatado, é difícil dizer se este trecho da travessa corresponde a uma centralidade linear, tendo em vista a presença de pequenos comércios, ou se



se trata de uma rua absolutamente local. Não há dúvidas, no entanto, de que este espaço integra múltiplos usos e apropriações, possibilitando encontros em diferentes graus de proximidade.

A rua estreita e plana é, então, interrompida por uma esquina, alguns passos adiante. Não se pode dizer que o espaço resultante do cruzamento com a Travessa Baixa Grande seja amplo. Todavia, o alargamento é suficiente para que, ao esticar o olhar ao longo da rua perpendicular, eu confirme a suspeita de que me encontro na parte mais baixa de um vale. À minha esquerda, em direção ao vale do Piqueri, um morro apresenta-se imponente, rompendo, incisivo, a planura de até então. Andando mais alguns metros pela Travessa Igarapé Primavera, percebo que é, na realidade, um espigão, que se estende paralelamente ao caminho que percorro. A encosta do Jardim Hebron é densamente construída, havendo, inclusive, certa verticalização em alguns pontos. Ainda que eu esteja muito próximo do barranco que avisto, não é possível identificar os espaços livres ali existentes: eu apenas intuo a presença de vielas entre as casas de alvenaria não revestida. Do lado oposto, o terreno também é íngreme, o que evidencia, agora, o vale do afluente do Piqueri. Há ali um pequeno bosque de eucaliptos, cujas copas rarefeitas cintilam com a brisa.

Alguns metros adiante a Travessa Igarapé Primavera e seus passeios públicos se tornam mais largos. À direita, na vertente leste do vale, há três conjuntos habitacionais, compreendidos por edifícios de tipologias e alturas variadas e implantados em diferentes cotas do terreno (figura 56). Entre eles, algumas escadarias precariamente cimentadas disputam a encosta com o mato alto. Do lado oposto, uma esquina e, a seguir, um muro cego que se estende por centenas de metros, vedando um terreno enorme e aparentemente vazio. Levanto o olhar para além de seus limites e percebo a ondulação do terreno, definidora de vales outros, vizinhos ao da Travessa Igarapé Primavera. A densidade construtiva, embora impeça a vista direta do solo e dos caminhos percorridos pelas águas em sua descida morro abaixo, não é capaz de encobrir as formas mais pronunciadas do relevo: enxergo um mosaico de pequenos prismas alaranjados, encaixados cuidadosa-

mente uns aos outros, de modo a formar uma ampla parábola. Ao longe, outro mosaico de prismas ainda menores, outro morro. Suponho que haja um espaço entre os montes, todavia, que permanece absolutamente desconhecido para mim. Entre as dobras do relevo, o horizonte se expande ao longo de uma sucessão de planos, os quais se apresentam ao mesmo tempo em que encobrem espaços intermediários imaginados, supostos.

Olho novamente para o nível da rua e percebo uma baixada muito sutil no terreno, a partir da esquina que antecede o longo muro. Decido caminhar por ali e, já nos primeiros passos, uma descoberta. Escondidas entre os fundos das casas, a pouquíssimos metros da Travessa Igarapé Primavera, as águas de um pequeno córrego escoam abertas à superfície. Trata-se de um afluente do córrego Piqueri, tamponado em sua foz e oculto entre as construções na maior parte de seu curso. Entre os fundos cegos das casas, poucos metros de largura restam ao córrego. As águas, quase paradas, escoam devagar ao longo do terreno que tende ao plano, desviando de touceiras de mato e de sacolas de lixo como se tentassem recriar a sinuosidade de seu curso dentro do canal ao qual foram confinadas. As construções, por sua vez, ora avançando, ora recuando em relação ao córrego, definem um espaço fragmentado. Retorno à Travessa Igarapé Primavera, na tentativa de continuar o percurso à beira do córrego. A montante, seu curso encontra-se no terreno grande, aparentemente desprovido de construções, que observei anteriormente. Sem poder enxergá-lo, então, sigo ao lado do longo muro, supondo sua presença oculta a poucos metros de mim.

Posso ver, então, uma massa de arbustos e a copa de algumas árvores. Há um talude no terreno que supera a altura do muro, provavelmente com um platô em sua cota mais elevada. Tudo indica que o córrego esteja ali, com seu canal, provavelmente, retificado pelo ajuste de terra que originou o talude. Do lado oposto da rua, outro conjunto habitacional. À frente, seguindo o olhar pelo eixo da rua, noto uma edificação de implantação bastante peculiar. A Fábrica de Cultura do Jaçanã define-se por um volume robusto, de quatro ou cinco pavimentos, o qual se projeta sobre a vertente leste do vale, e apoia-se em pilares esbeltos. A presença

desse edifício se destaca da volumetria do entorno e, de algum modo, ressalta ao olhar a dramaticidade do vale em seu encaixe entre encostas íngremes. Caminho mais alguns metros, chegando ao fim do grande terreno. Na esquina com a Rua 9, bocas de lobo alinham-se à posição onde eu suponho passar o córrego. Logo à frente, mais uma vez oculto entre as paredes de fundo das casas, o córrego encontra-se aberto à superfície. Já passa, então, das oito e meia da manhã, boa parte do comércio está aberta e o movimento de pessoas pela rua é mais intenso.

Avisto um arvoredo à frente, aparentemente à beira do córrego (figura 57). Embora meu olhar avance com facilidade muitos metros pelo corredor estreito, não é possível caminhar por ali: as construções ocupam os últimos centímetros de terra que margeiam o curso d'água. Na esquina seguinte tento me aproximar do córrego, entrando na Rua Santa Isabel. Descubro que o arvoredo que eu havia visto é, na realidade, um fragmento de mata bastante fechada presente na encosta oeste do vale. Não é possível determinar os limites da mata, que parece estender-se por centenas de metros morro acima. Caminho em sua direção e pronto me deparo com o córrego, mais uma vez aberto. Neste trecho, apenas uma de suas margens fora confinada pelos fundos das casas. É possível andar entre o córrego e a mata ao longo da Rua Santa Cecília. À beira do asfalto incompleto e da superfície d'água, o mato brota rasteiro em pequenas frestas, assemelhando-se a uma bordadura fragmentária, absolutamente espontânea. Impressiona-me a proximidade entre as cotas da rua estreita, desprovida de passeios públicos, e a da superfície do córrego: a poucos centímetros abaixo do nível da via é possível tocar as águas em seu curso lento. A montante, no sopé do barranco, há alguns mamoeiros junto a um pequeno canteiro de hortaliças e forrações diversas. Neste trecho, de frente para a mata, há alguns sobrados e casinhas térreas, todos com um considerável recuo na frente. Sob os quintais amplos, o córrego volta a encerrar-se na galeria (figura 58). Alguns moradores estendem roupas nos varais, outros varrem a calçada enquanto conversam vivamente. Há vários gatos espreguiçando-se à sombra da mata. Vejo também potes com ração e presumo que os bichos, assim como o pequeno pomar e as forrações, sejam zelados pelos moradores. Curiosa-

mente, a poucos metros a jusante, pilhas de entulho se avolumam junto à água. As afetividades estabelecidas entre as pessoas que habitam essa beira do córrego e o lugar onde vivem, considerando o fragmento de mata na encosta, não se estendem ao curso d'água. De algum modo, procura-se negar o fato de estar à beira de um córrego sujo, poluído.

Sigo alguns metros pela Rua Santa Cecília e descubro que ela não possui saída. Um portão alto delimita uma área grande, aparentemente uma chácara. Observo a forma do relevo, mais além, e percebo a aproximação entre as vertentes leste e oeste do vale. É provável que as nascentes do córrego encontrem-se em tal confluência, possivelmente naquela chácara. Retorno à Travessa Igarapé Primavera e decido subir à vertente leste do vale (figura 59). Sigo a referência, ao longe, do edifício da Fábrica de Cultura do Jaçanã. Logo após o muro de um conjunto habitacional uma escadaria abre caminho em meio ao mato alto da encosta. Subo os primeiros lances e já me vejo obrigado a parar para recuperar o fôlego. Ouço crianças brincando e ao espiar por cima do muro que delimita a escada descubro um campinho de futebol improvisado junto ao patamar do talude. Continuo a subida, Tateando com os pés a posição dos degraus, invisíveis sob o mato. Por fim, chego ofegante ao topo, na Rua Antônio Sérgio de Matos (figura 60).

Durante a subida, olhei diversas vezes em direção ao vale, mas pouco consegui enxergar além do matagal. Só então é que percebo ter percorrido dezenas de metros morro acima. Vejo a Travessa Igarapé Primavera em toda sua extensão, uma fileira de sobrados e, atrás deles, uma lacuna denuncia a presença oculta do córrego. Mais abaixo, é possível ver o grande terreno murado, na mesma travessa. Subo o olhar e descubro uma apreensão absolutamente distinta dos mesmos morros que eu avistara, minutos antes, do fundo do vale (figura 61). Por detrás do relevo ondulado, onde as casas concentram-se umas muito próximas às outras, consigo espiar um cantinho da Serra da Cantareira. Estico o olhar, agora, em direção ao fragmento de mata da Rua Santa Cecília. O arvoredo imponente faz as casas vizinhas parecerem menores do que realmente são. No entanto, descubro que a mata é presente apenas nos sopés da encosta, possivelmente em seu trecho

mais íngreme. Acima das copas das árvores mais altas, o morro eleva-se por mais dezenas de metros, onde as construções reaparecem com grande densidade. No ponto mais alto que avisto sob o céu, repousam torres gigantescas de energia unidas por finíssimos fios condutores, que as guiam numa peregrinação colossal (figura 62).

Ao longe, a escala dos espaços observados se revela como um todo. Alcança-se com os olhos, na perspectiva à distância, suas proporções, suas estruturas principais. A experiência é, todavia, essencialmente distinta da que se tem quando se está imerso entre os poros do espaço, entre as dobras que se ocultam ao observador distante. Contemplando, do alto da Rua Antônio Sérgio de Matos, o vale do afluente do córrego Piqueri, consigo imaginá-lo estático, representado numa pintura silenciosa de paisagem ou numa fotografia, talvez. Por um instante, perco a noção de onde estive, das vielas por onde passei e nas quais as pessoas caminhavam devagar nesta manhã de domingo. É então que me chama a atenção, de repente, nova algazarra vinda de baixo, além do matagal: a partida no campo de futebol havia terminado e vários moleques sobem correndo atrás de uma bola. Desço as escadas e me reconheço, novamente, à beira das águas em seu movimento incessante em direção ao Piqueri.



Figura 54: Vista do córrego Piqueri a partir da ponte da Rua Mário Lago

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 55: O CEU Jaçanã, às margens do córrego Piqueri, fecha-se às águas

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 56: Conjuntos habitacionais na Travessa Igarapé Primavera

*Arthur Cabral. 2014.*





Figura 57: Fragmento de mata à beira de um afluente do córrego Piqueri visto a partir da Rua Santa Isabel

*Arthur Cabral, 2014.*



Figura 58: O pequeno córrego escoa entre o mato rente à Rua Santa Cecília e ao fragmento de mata

*Arthur Cabral. 2014.*

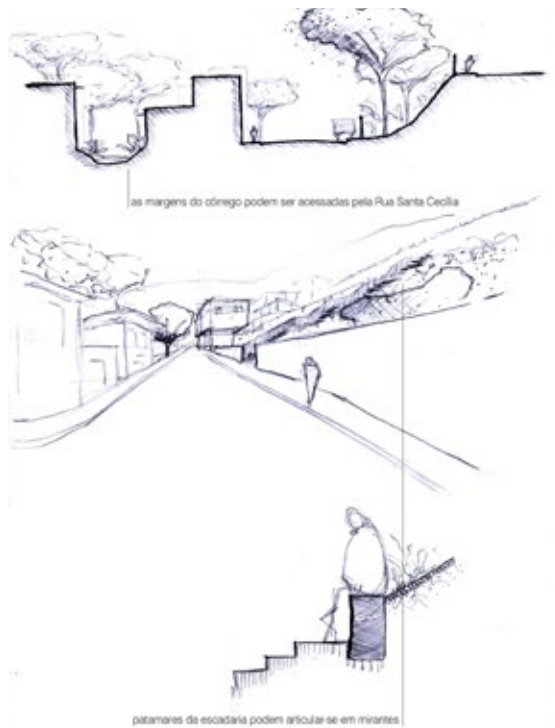


Figura 59: Entorno da Travessa Igarapé Primavera

Arthur Cabral. 2014.



Figura 60: A vista do vale se descortina à medida se sobe a escadaria da Travessa Igarapé Primavera

*Arthur Cabral. 2014.*



Figura 61: Vista do vale do afluente do Piqueri a partir do alto da Rua Antônio Sérgio de Matos

*Arthur Cabral, 2014.*

Figura 62: Nas proximidades da Fábrica de Cultura do Jaçanã avista-se torres de alta tensão nos topos de morros

*Arthur Cabral. 2014.*



## Os espaços das águas

A partir dos percursos realizados notou-se a fragmentação dos limites entre o urbano e o não-urbano. O território das bordas onde se dá tal fragmentação, permitindo a coexistência dessas duas realidades, é fluido: sua forma não é indefinida, mas é essencialmente efêmera, alterando-se com a espontaneidade mesma que caracteriza a urbanização da Vila Zilda e dos bairros adjacentes. Na efemeridade desses espaços, há lacunas onde se manifestam, fragmentariamente, elementos naturais diversos. Entre ocultamentos e aparições, os cursos d'água aparecem ora junto a fragmentos de mata, ora insinuados por trás de muros ou comprimidos entre fundos de lotes.

Os espaços onde é reconhecida a presença das águas, enquanto paisagem, não são passíveis de delimitações a partir de perímetros estanques. Mutáveis como a essência das bordas onde se situam, esses espaços atestam as relações estabelecidas entre as extremidades frouxamente definidas da cidade e uma natureza estranha a ela, nos sopés da Serra da Cantareira. Ao longo do Piqueri e de seus afluentes os espaços das águas ora se alargam, em pontos onde é possível, à distância, apreender por diversos aspectos a situação de várzea e a presença de um córrego, ora se estreitam, em locais onde a ocupação urbana aproximou-se ao máximo dos cursos d'água, comprimindo suas margens entre os fundos das construções.

Na impossibilidade de estabelecer limites às áreas onde a presença das águas se expressa sob formas sensíveis, procurou-se modos de representá-las a partir, justamente, de seu aspecto fluido. Ainda que não sejam plenamente definidas, essas áreas assumem diferentes formas e possuem aspectos muito variados ao longo dos cursos d'água. Com isso, sobre um mapa decalcado em um fundo preto, procurou-se circundar por pontos brancos os espaços nos quais, de diferentes formas, é possível retomar a experiência das águas enquanto paisagem. O afrouxamento e o adensamento desses pontos, ainda que sem definir linhas – e, portanto, sem estabelecer perímetros – reúnem zonas de contato entre as extre-

midades rarefeitas do espaço urbano e os corpos d'água, que atestam a presença de uma natureza que ali persiste, embora degradada. Fotografias coladas sobre o mapa, por sua vez, representam as especificidades de determinados espaços nos quais vem à tona o reconhecimento da presença das águas do Piqueri. De algum modo, assim, procurou-se representar os territórios das bordas a norte da cidade de São Paulo, os quais, embora fluidos, são dotados de expressões de paisagem muito particulares (figura 63).







Ribeirão Tremembé

Córrego Piqueri

Córrego Cabuçu de Cima

ARREDORES DO CÓRREGO PIQUERI  
(DISTRITOS DE JAÇANÃ E TREMEMBÉ)

Figura 64: Parque das Bordas do Piqueri

FONTE: PMSP - SMDU - 2008 (editada)

0 50 250 500



# O projeto - erupções das bordas

<sup>18</sup> Tradução de Vladimir Bartalini realizada no âmbito das disciplinas da Área de Concentração Paisagem e Ambiente do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

## Das caminhadas ao projeto

Como foi visto nos itens anteriores, o ato de caminhar é aqui proposto a partir de sua dimensão estética. É caminhando que o homem se reconhece no mundo. Intimamente relacionado à capacidade sensorial humana, o andar é o ato que possibilita o reconhecimento dos espaços à nossa volta e de nossa presença ao longo deles. É à medida que percorremos os espaços que os reconhecemos e os requalificamos.

*“[...] caminhar não é somente estar-aí no mundo, é estar no mundo de maneira inquisitiva: caminhar é questionar o estado do mundo, é avaliá-lo no que ele pode oferecer aos homens que nele se encontram; caminhar é uma experimentação do mundo e dos seus valores. A caminhada, de fato, requalifica o espaço, no próprio sentido do termo: ela lhe dá novas qualidades, novas intensidades.” (BESSE, 2014, 40)*<sup>18</sup>

Jean Marc-Besse, ao comentar a paisagem a partir da perspectiva teórica do projeto, define a caminhada como uma crítica do real. O ato de caminhar, adotado enquanto obra por diversos artistas ao longo das últimas décadas, caracteriza-se pela ativação da sensibilidade, que leva à articulação do ser caminhante com o mundo. Embora o valor experimental da caminhada já tenha sido abordado e teorizado por autores e artistas os mais diversos, nos dizeres de Besse, caminhar relaciona-se não apenas à apreensão e à revelação do espaço, mas corresponde, também, à construção, idealmente, de outros espaços e de outras representações possíveis.

Sob essa perspectiva, há uma experimentação da paisagem que é ativada pelo caminhar. Enquanto pensamento criador, por outro lado, a abordagem experimental da realidade paisagística é retomada pelo projeto da paisagem. Besse

formula a noção de projeto como a relação, propositadamente ambígua, entre o que existe e o que poderia existir. É preciso colocar a paisagem em imagem, ou representá-la – num ato de projeção – para que se possa imaginar o que ela poderia ser ou se tornar – por meio da projeção. Entre experimentação e realidade, a noção do projeto contida no pensamento da paisagem explora as duas dimensões do ato projetual, testemunhando, por um lado, e modificando, por outro. (BESSE, 2014, 45)

Parte-se da concepção de projeto, assim, como uma forma de invenção que é, ao mesmo tempo, descritiva. As intervenções projetuais que comparecem no presente trabalho, e que têm início com os percursos apresentados, são, assim, entendidas não apenas como a introdução de novas formas no espaço, mas também como abertura àquilo que já existe, mas não se apresenta ainda (ou se apresenta mal), mantendo-se latente nos interstícios de um tecido urbano que se esgarça em suas bordas. Em outros termos, reconhecer e apontar possibilidades subjacentes àquilo que se oferece comumente ao olhar já pode ser considerado, em caso extremo, uma forma de intervenção.

A atenção e a intenção projetuais voltaram-se, ao longo de todas as etapas que deram corpo a este trabalho, à manifestação das relações que a instalação do mundo humano estabeleceu e estabelece com a natureza nesta região específica da cidade, independente da qualidade destas manifestações. Assim, tanto o colocar em evidência algo que já está ali, mas de forma velada, quanto adicionar algo novo (um novo “aporte” ao “suporte”, no dizer de Bernard Lassus) terão sempre em mira o desvelamento e a expressão paisagística das relações entre a terra e o mundo humano.

Os territórios testemunhados nas bordas a norte da cidade estendem-se ao longo de dobras do terreno, entre vales e morros. Nos percursos realizados ao longo dessas bordas, pelos arredores do córrego Piqueri, e nas representações deles decorrentes, apreende-se o espaço de formas muito distintas nas cumeeiras e nos fundos dos vales. Enquanto os topos são reconhecidos enquanto locais onde

prevalece a visualidade na relação sensorial com o meio, permitindo a orientação na vastidão do território, nos pontos mais baixos, por outro lado, experimenta-se a desorientação, a vista é truncada e o espaço aparece compartimentado. Nas cumeeiras perde-se a dimensão corpórea na medida em que o olhar se mostra capaz de percorrer, de um lado a outro, o todo do horizonte. Nas cotas baixas, ao contrário, onde o espaço se delimita entre encostas íngremes ou entre os fundos das construções que comprimem parte dos cursos d'água, não se tem referências de localização e a visão perde sua hegemonia: o corpo todo é posto em contato direto com o espaço.

Estas constatações dos espaços percorridos se aproximam em grande medida do que, nos termos de Bernard Lassus, identifica-se por *aparência visual e descoberta tátil*<sup>19</sup>. Sob essa perspectiva, a paisagem, identificada pela escala visual, tangencia-se constantemente ao lugar, onde se dá a escala tátil. Para Lassus, a descoberta do lugar se dá por meio da desintegração da paisagem e de sua decomposição em fragmentos que desvelam o oculto: quando atingida, uma paisagem se torna lugar. Uma vez desintegrado o panorama cuja unidade é, na paisagem, visual, os fragmentos que o compõem revelam-se no lugar por onde nos movemos, na escala tátil.

O conjunto das intervenções aqui propostas estabelece uma forte proximidade com o que pode se entender como um parque. Sem um perímetro ou um programa de atividades a ser abrigado nele, trata-se, todavia, de um parque pervasivo como o território ao longo das bordas onde se situa. Conforme visto na descrição dos percursos realizados, entre vales e cumeeiras, há pontos que se destacam das linearidades percorridas. Enquanto órgãos dotados de expressões próprias, embora acopláveis e dilatáveis a outros órgãos, esses pontos focalizarão as intervenções projetuais propostas. Tais intervenções, identificando-se ora com “observatórios” situados nos cumes, ora com a materialidade das águas, das rochas e da vegetação reconhecida de forma corpórea nos vales, nascem do testemunho dos espaços das bordas. Ao longo dos espaços onde se concentram as proposições, assim, as linearidades percorridas são insinuadas, não como um trajeto fechado, pré-esta-

<sup>19</sup> LASSUS, Bernard. A obrigação da invenção – da paisagem às ambiências sucessivas. In: BERQUE, Augustin (org.) Cinco propostas para uma teoria da paisagem. Tradução: Vladimir Bartolini.

belecido, mas como percursos mutáveis, como as bordas, a serem redesenhados e resignificados a partir da experiência de sua paisagem.

Enquanto erupções decorrentes do processo de imersão nas bordas, o qual foi experimentado e representado ao longo de todo o trabalho, o pensamento projetual que dá forma ao Parque das Bordas do Piqueri é suscitado pelo próprio território que o acolhe. Deseja-se desvelar, enquanto paisagem, a espontaneidade que há nessas bordas, onde touceiras de mato permeiam o cimentado de escadarias e passeios públicos; onde vielas entre quadras densamente habitadas descortinam fragmentos de mata; onde pontes se configuram como praças sem que, no entanto, seja apreciada a presença das águas que por ali escoam.











Pervasivo, como as bordas onde se situa

Entre áreas de chácaras, remanescentes, e aglomerados densos de casas asso-bradadas, o contato da ocupação humana com uma natureza que sobra, e que, nessas condições, se apresenta ostensiva, desvela uma linguagem que é absolutamente característica das bordas da cidade nos arredores do vale do Piqueri. As diversas manifestações da incompletude da urbanização ali consolidada – lacunas, interrupções, afrouxamentos – e o modo como vêm à tona os elementos naturais que por lá resistem – afloramentos, aparições, transbordamentos – constituem a essência dessa linguagem. Assim como acontece nas tantas línguas, quando faladas ou escritas, o “dialeto” das bordas do Piqueri é dotado de ritmos, de intervalos e continuidades, entre consonâncias e vocalizações. É vibração que percorre o espaço no transcorrer do tempo. É imagem e transmissão do sentido de ser das bordas.

Assim como ocorre com os idiomas no ato da comunicação, a linguagem que caracteriza as bordas é apropriada cotidianamente pelo povo que nelas habita. Na fala do dia-a-dia, contudo, o timbre proveniente do contato da ocupação humana com a natureza emergente nos arredores do Piqueri, por si só, não permite que ressoe a apreciação estética de tal contato. Por outro lado, a possibilidade de assimilação dessa linguagem numa intervenção projetual que devolva a ela aquilo que lhe é a essência faria emergir a experiência das bordas enquanto paisagem. O ponto de partida desse projeto não reside em sua forma, mas na linguagem do território sobre o qual repousa e nos modos como ele é habitado. Assim, nos dizeres de Octavio Paz:

*“Nada nos impede de considerar poemas as obras plásticas e musicais, desde que tenham as duas características indicadas: por um lado, devolver seus materiais ao que são – matéria resplandecente ou opaca – e assim rechaçar o mundo da utilidade; por outro, transformar-se em imagens e deste modo passar a ser uma forma peculiar de comunicação. Sem deixar de ser linguagem – sentido e transmissão do*

*sentido –, o poema é o que está além da linguagem. [...] Em suma, o artista não se serve dos seus instrumentos – pedras, som, cor ou palavra – como o artesão, mas a eles serve para que recuperem sua natureza original. Servo da linguagem, seja ela qual for, o artista a transcende.” (PAZ, 2014, 31)*

Como fora visto, os arredores dos bairros de Vila Zilda, do Jardim Fontális e do Jaçanã tiveram sua ocupação urbana caracterizada pelo empreendimento de loteamentos informais e pela auto construção, processos que levaram a expressivas densidades construtivas e habitacionais. Ainda que seja extremamente escassa, em decorrência disso, a presença de praças e áreas verdes públicas nesses bairros, há terrenos ociosos, encostas com fragmentos de mata, e algumas faixas livres junto aos corpos d’água. O projeto do Parque das Bordas do Piqueri adere-se ao território a partir, justamente, da possibilidade de intervenção ao longo das lacunas entre o urbano e o não-urbano.

Compreendido por uma mancha aparentemente desforme, a espriar-se pela conformação dos vales e topos, o projeto do parque não define perímetro e, com isso, não prevê sua completude: formado por órgãos fisicamente descontínuos, relacionados uns aos outros antes pela expressão dos indícios da presença das águas do Piqueri e da natureza que resiste nas bordas do que por contiguidades espaciais, sua implantação é gradual. A essência do parque reside em ser uma entidade aberta, pervasiva, e em constante interação com as bordas onde se situa. Propõe-se um parque cujo processo de implantação não se conclui, um parque dilatável à beira d’água que se viabiliza a partir do envolvimento em diversos âmbitos da população habitante de seus arredores. Trata-se de um parque que relaciona os espaços residuais entre as franjas esgarçadas do tecido urbano às áreas verdes existentes e que incorpora ao contexto que lhe é próprio as áreas livres institucionais, os equipamentos esportivos existentes, os passeios públicos, as pontes. Apesar de tais especificidades, trata-se, efetivamente, de um parque público: são áreas livres situadas no espaço urbano – ou melhor, no limite dele – nas quais é possível experimentar, esteticamente, as feições de uma natureza externa à cidade. Contudo, a natureza a ser experimentada, enquanto natureza *dessas* bordas,

também é absolutamente específica. É visando à possibilidade de seu reconhecimento, enquanto paisagem, que justifica-se a assimilação da linguagem própria dos territórios ao longo do vale do Piqueri como o partido formal do projeto.

O parque se distribui, assim, ao longo das áreas livres presentes no vale do Piqueri. Embora o projeto não preveja a remoção de construções existentes, há terrenos privados que, ociosos, apresentam grande potencialidade de incorporação ao parque. Espaços livres de instituições de ensino e de equipamentos esportivos e culturais existentes também se integram ao parque, de acordo com a proposta aqui colocada. Visando à possibilidade de desapropriação de certos lotes e a integração de espaços livres institucionais ao contexto do Parque das Bordas do Piqueri, como os do CEU Jaçanã, da Escola Estadual Professora Eunice Terezinha de Oliveira Fráguas e da Fábrica de Cultura do Jaçanã, entre outros, há instrumentos urbanísticos relativos às áreas verdes que devem, aqui, ser considerados. Segundo o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, são diretrizes do sistema de áreas protegidas, áreas verdes e espaços livres, entre outras:

*“[...] IV – implantar ações de recuperação ambiental e de ampliação de áreas permeáveis e vegetadas nas áreas de fundos de vale e em cabeceiras de drenagem e planícies aluviais indicadas na Carta Geotécnica, em consonância com o Programa de Recuperação de Fundos de Vale; [...]*

*XIII – adotar mecanismos de compensação ambiental para aquisição de imóveis destinados à implantação de áreas verdes públicas e de ampliação das áreas permeáveis” (PDE. art. 268)*

São válidas algumas observações referentes às diretrizes supracitadas. Dentre os objetivos do Programa de Recuperação Ambiental de Fundos de Vale, destaca-se o de “integrar na paisagem as áreas de preservação permanente com as demais áreas verdes, públicas e privadas, existentes na bacia” e “integrar as unidades de prestação de serviços em geral e equipamentos esportivos e sociais aos parques lineares previstos” (PDE. art. 272 § único). Essa intenção aproxima-se fortemente do que se propõe no Parque das Bordas do Piqueri, onde se territorializam os

espaços associados às águas. São previstas, também como objetivos do referido programa, ações de saneamento ambiental dos cursos d'água segundo a utilização prioritária de procedimentos sustentáveis. É importante salientar que estas ações, imprescindíveis às etapas iniciais de implantação do parque, devem estar contempladas por um entendimento amplo de infraestruturas de saneamento básico, as quais garantam que a totalidade dos domicílios esteja conectada à rede de coleta de esgoto. Segundo o Sistema de Informações para Habitação Social na Cidade de São Paulo – HABISP – os aglomerados subnormais de Vila Zilda, Jardim Jaçanã, Guapira I, Baixa Grande e Alfredo Ávila, situados na bacia do córrego Piqueri, estão contemplados na meta 36 do Programa de Urbanização de Favelas, sendo que as respectivas intervenções nessas áreas encontram-se, atualmente, em andamento. Além do provimento de infraestruturas de saneamento, de pavimentação e de iluminação pública, o referido programa apresenta atuação na regularização fundiária de favelas e de loteamentos irregulares.

No que diz respeito à obtenção de recursos por parte da municipalidade para a aquisição de imóveis com vistas à implantação de áreas verdes junto aos fundos de vale, segundo a Secretaria do Verde e Meio Ambiente (SVMA), além das dotações orçamentárias específicas, são cabíveis diversos mecanismos: multas impostas por infrações à legislação ambiental, doações, valores advindos de contratos, consórcios, convênios, termos de cooperação, compensação financeira para exploração mineral, indenizações, Termo de Compromisso Ambiental, Termo de Ajustamento de Conduta, valores referentes ao uso do espaço público e receitas advindas de créditos de carbono, entre outros. Tais recursos integram o FEMA - Fundo Especial de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – e, no caso do projeto aqui proposto, permitiriam a integração de espaços intimamente relacionados à percepção das águas ao contexto dos vários núcleos que, ao longo das bordas, dão corpo ao parque.

Ainda segundo o texto do Plano Diretor Estratégico vigente, integram o Sistema Municipal de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres, entre outros:

*“Espaços Livres e Áreas Verdes de instituições públicas e serviços públicos de educação, saúde, cultura, lazer, abastecimento, saneamento, transporte, comunicação e segurança.” (PDE. art. 266)*

Como pôde se observar, há diversos motivos relacionados à dinâmica de consolidação urbana que levam à proximidade entre a localização das áreas institucionais e os cursos d’água. Em geral, os lotes contíguos aos córregos, muitas vezes suscetíveis ao temperamento de suas cheias e aos inconvenientes de sua contínua poluição, são menos valorizados em relação às demais áreas regularmente loteadas e, assim, por interesses do mercado imobiliário, são destinadas com frequência às instituições. Entre os loteamentos irregulares, que caracterizam o modo como se urbanizou grande parte dos arredores do córrego Piqueri, por sua vez, há áreas lacunares, igualmente próximas aos corpos d’água, nas quais o poder público se encarrega de implantar equipamentos sociais diversos.

A integração das áreas livres das instituições de ensino e de equipamentos esportivos e culturais (que estão compreendidas, é válido ressaltar, no Sistema de Áreas Verdes Municipais) ao contexto do Parque das Bordas do Piqueri, assim, permite não apenas a apropriação de espaços onde é possível a emergência de afetividades relacionadas às águas como, também, corresponde à territorialização dos equipamentos sociais ao longo das bordas, onde é retomada sua experiência enquanto paisagem. Essa premissa do projeto que aqui se apresenta, por sua vez, tem forte proximidade com o que propõe o Território CEU, projeto de recuperação e integração de equipamentos públicos atualmente desenvolvido pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU). O objetivo consiste na implantação de novos Centros de Educação Unificada e na sua integração, em âmbito territorial, com os equipamentos públicos existentes no entorno.

*“A integração com os equipamentos públicos do bairro se dará no âmbito programático e através da qualificação dos espaços públicos que os conectam, com vias acessíveis, iluminadas e arborizadas. Esta integração visa ampliar o acesso seguro da população, especialmente das crianças e adolescentes, ao espaço da cidade, consolidando São Paulo como uma Cidade Educadora. [...]”*

*Os caminhos e lugares que conformam o Território CEU ampliam as oportunidades de fruição do espaço da cidade, abrindo os equipamentos sociais para usos múltiplos, intensificando sua apropriação por diferentes grupos sociais e em diferentes momentos do dia e da semana.” (SMDU - Gestão Urbana SP)*

\*\*\*

Assim, ao longo do território à beira do urbano, onde as extremidades da cidade se imiscuem nos sopés da Cantareira, o Parque das Bordas do Piqueri se estende enquanto intenção projetual de retomada de uma paisagem latente, intimamente relacionada à presença das águas. A matéria da qual essa intervenção se apropria, (re)significando-a, é constituída dos elementos naturais e antrópicos que, em constante interação, definem as feições de tal território e os modos como ele é habitado. A especificação vegetal e a escolha dos elementos, bem como o desenho dos pisos e elementos presentes no projeto tiveram como partido, assim, a expressão que é própria das bordas do Piqueri.

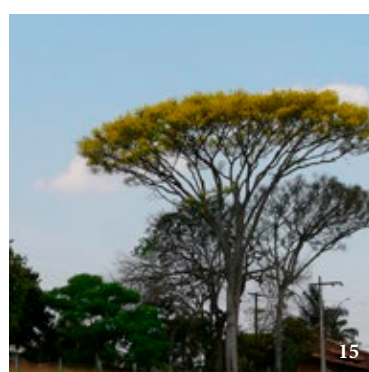
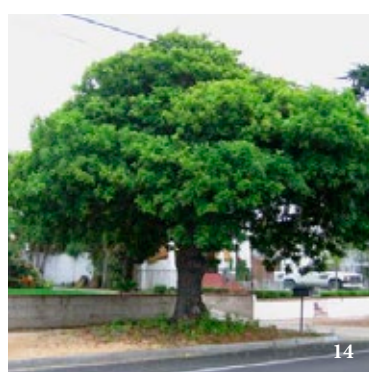
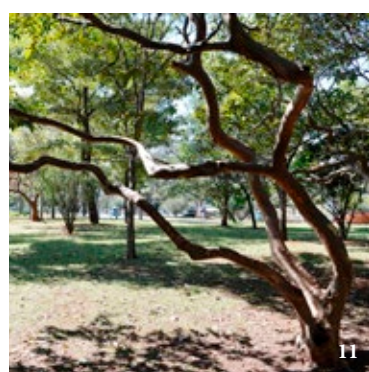
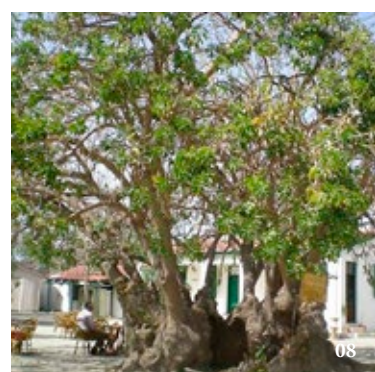
No que diz respeito à escolha das espécies arbóreas, arbustivas e de forrações presentes no projeto, foi considerado o Plano de Manejo do Parque Estadual da Cantareira (SMA-SP. 2009). Em seu anexo 05, o referido plano consta das espécies vegetais com ocorrência registrada nos vários núcleos do parque estadual. Seja na arborização prevista para passeios públicos, seja na reconstituição de bosques e fragmentos de mata, todas as árvores determinadas para o projeto são de espécies que ocorrem na Cantareira (figura 65)

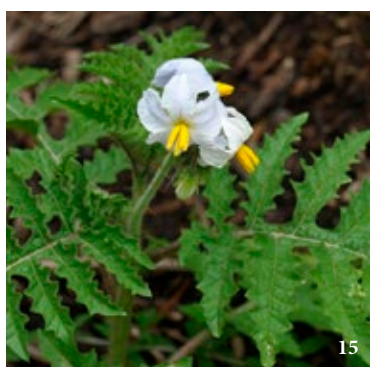
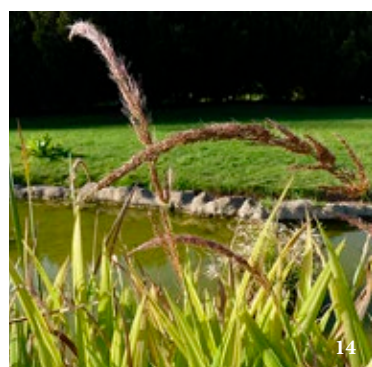
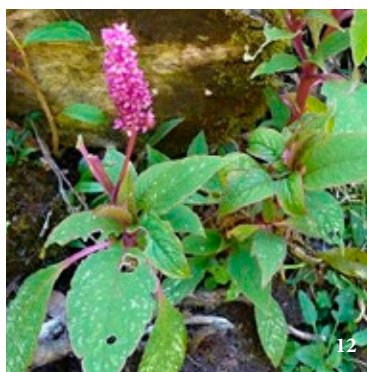
A validade dessa premissa se justifica não apenas por seu viés ambiental: se, por um lado, a sucessão ecológica é garantida pela presença de espécies pioneiras frequentes na região, como a embaúba [65-03] ou o guapuruvu [65-15], e de espécies emergentes em floresta de “clímax”, como o jequitibá-branco [65-02] ou o cedro-rosa [68-04], as texturas e cores, as formas e arranjos, os sabores e aromas que caracterizam, sensivelmente, os sopés da Cantareira, por sua vez, ganham expressão com essa intenção projetual. Pretende-se a integração entre espécies frutíferas [65-07 / 10 / 11] e de floração sazonal [65-05 / 06 / 16], de modo que os

Figura 65: Exemplos de espécies arbóreas com ocorrência no Parque da Cantareira que integram a especificação vegetal do Parque das Bordas do Piqueri

01. *Andira anthelmia*
02. *Cariniana estrellensis*
03. *Cecropia hololeuca*
04. *Cedrela fissilis*
05. *Ceiba speciosa*
06. *Erythrina speciosa*
07. *Eugenia uniflora*
08. *Phytolacca dioica*
09. *Pseudobombax grandiflorum*
10. *Psidium cattleianum*
11. *Psidium guajava*
12. *Ruprechtia laxifolia*
13. *Schinus molle*
14. *Schinus terebinthifolius*
15. *Schizolobium parahyba*
16. *Tabebuia heptaphylla*







traços do parque se transformem ao longo do ano, aos ciclos, permitindo a experiência estética das diferentes fases que definem o tempo da natureza das bordas do Piqueri. A relação tátil é um convite proposto pelas raízes do ombu [65-08], na condição de bancos, espreguiçadeiras, ou pelos ramos pendentes da aroeira-salsa [65-13], à beira d'água. O contato visual, por outro lado, pode gravitar em torno das formas marcantes do embiruçu [65-09] ou da vista, à distância, das cores fortes da chuva-de-ouro [65-12], dentre outros exemplos de árvores da Cantareira que integram o Parque das Bordas do Piqueri.

A natureza que comparece nas bordas, aderente às suas lacunas de modo tão espontâneo, é um ente rústico, em grande medida degradado, mas que é, também, contundente em sua presença inusitada, reveladora da aspereza das relações entre o homem e a Terra. Não pretende-se, aqui, trabalhar possíveis contrastes entre a intervenção proposta e a situação existente. Na tentativa de assimilação das feições das bordas do Piqueri, o projeto se propõe a expressar, sensivelmente, espécies arbustivas e de forrações ruderais que tenham ocorrência registrada no Parque Estadual da Cantareira.

Trata-se de espécies frequentemente observadas em sua ocorrência espontânea em frestas nas calçadas ou à margem dos córregos, em meio ao “mato”, em sub-bosques ou em descampados, apresentando desenvolvimento, em geral, rápido, e certa capacidade de adaptação a diferentes meios. Cabe ressaltar, a princípio, que essa escolha projetual é fortemente experimental: haja vista que boa parte da vegetação arbustiva e herbácea especificada pode não ser cultivada, comercialmente ou nos viveiros municipais, para fins paisagísticos, uma possibilidade para a criação de mudas é a implantação de pequenos viveiros comunitários, nos terrenos que compõem o parque, nos quais a população local pode participar, ativamente, propondo diferentes arranjos para os canteiros e combinações entre as espécies ruderais de acordo com as necessidades ambientais observadas para cada uma delas (insolação, composição do solo, umidade, etc.).

Isto se viabiliza no projeto do parque na medida em que sua implantação é

Figura 66: Exemplos de espécies herbáceas e arbustivas de caráter ruderal com ocorrência no Parque da Cantareira que integram a especificação vegetal do Parque das Bordas do Piqueri

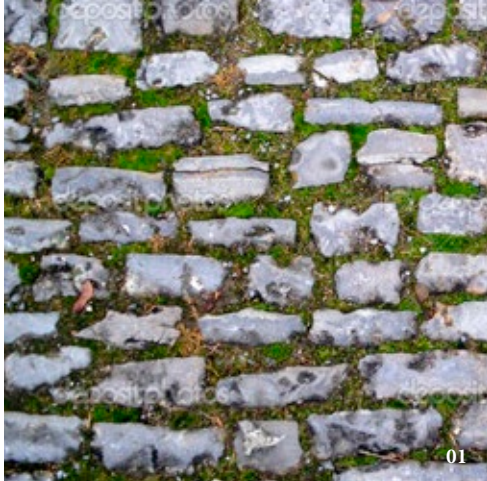
01. *Achyroline satuireioides*
02. *Baccharis trimera*
03. *Bromus catharticus*
04. *Brunfelsia pauciflora*
05. *Commelina erecta*
06. *Coronopus didymus*
07. *Crotalaria spectabilis*
08. *Cuphea racemosa*
09. *Cyperus distans*
10. *Juncus trifidus*
11. *Lantana camara*
12. *Phytolacca thrysiflora*
13. *Rubus rosifolius*
14. *Setaria poiretiana*
15. *Solanum sisymbirifolium*
16. *Thelypteris dentata*

gradual. O processo de experimentação proposto, assim, associa-se diretamente à concepção formal do projeto, que prioriza a expressão das texturas e cores da vegetação local em detrimento do rigor quanto às formas resultantes. Assim, é colocado enquanto expressão estética da natureza vigente nas bordas, o desenho de canteiros aparentemente desformes, onde manchas de tinge-ovos [66-12] podem ser pontuadas por conjuntos de juciri [66-15], por exemplo, ou onde touceiras de morango-silvestre [66-13] definem pequenos espaços junto ao sub-bosque, rodeados por aglomerados rendilhados de rabo-de-gato [66-16]. À beira do Piqueri e de suas afluições, superfícies vastas cobertas por junco [66-10] convertem-se, aos poucos, em campos abertos, onde tufo de tiririca [66-09] definem espaços periodicamente tomados pelas águas.

Os pisos e elementos presentes no projeto são trabalhados sob a mesma ótica. Há a possibilidade de intervenção em vias locais, por exemplo, integradoras de diferentes núcleos do parque, onde a remoção do asfalto – ou de parte dele – pode dar espaço a superfícies rugosas, toscamente pavimentadas com paralelepípedos, entre os quais as juntas largas são espontaneamente povoadas por espécies de gramíneas ou de capins [67-01]. A acessibilidade plena, em casos como este, como será visto adiante, pode ser assegurada pela implantação de passeios em concreto desempenado ou percursos em solocimento [67-03]. Quanto aos aspectos de textura e de cor, este material assemelha-se às superfícies em terra batida, do que decorre o interesse na utilização do solocimento, relativamente resistente às ações das intempéries, contudo, em percursos rentes a maciços arbóreos ou mesmo em áreas de sub-bosque, imiscuindo-se na serapilheira [67-02].

À beira d'água, a substituição de trechos muito específicos do passeio público por grades metálicas permite o contato direto com a vegetação palustre [67-04]. Além disso, as seções de trilhos ferroviários, frequentemente instaladas nas calçadas para evitar o acesso de veículos, são, aqui, ressignificadas [67-05]. Como remissão aos elementos que habitam a paisagem latente das bordas e o imaginário associado a ela, perfis “T” em aço patinável, com diferentes alturas, são fincados nos espaços do parque, entre moitas, pontuando a presença das águas. [67-06]

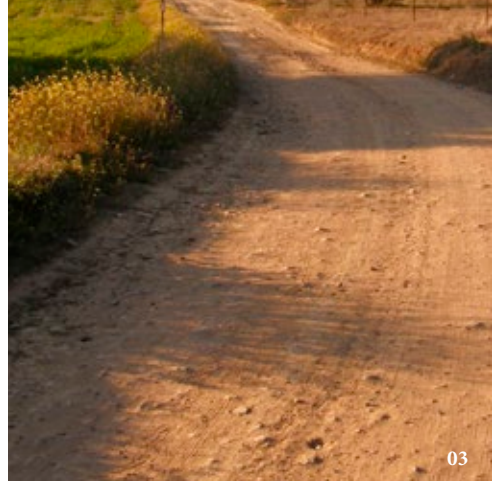
Figura 67: Exemplos de pisos e elementos relacionados à expressão da linguagem do território e especificados no projeto do Parque das Bordas do Piqueri



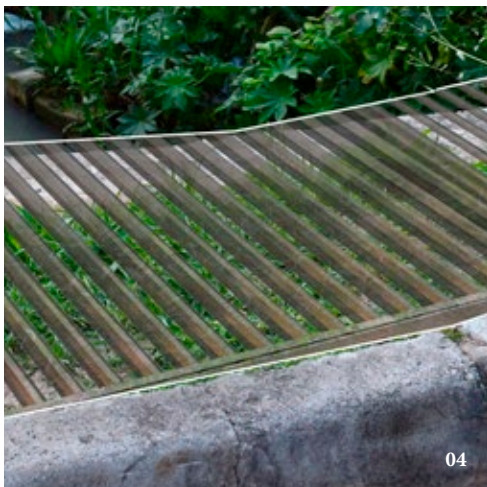
01



02



03



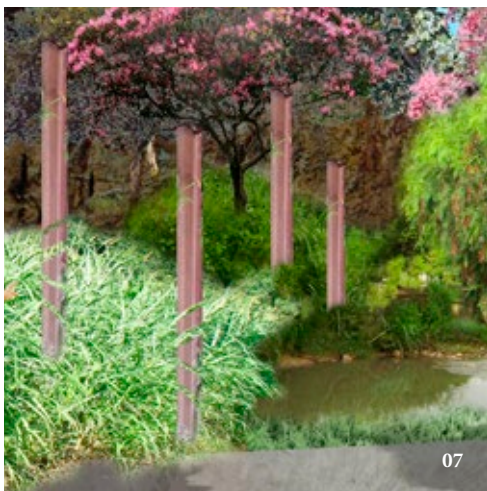
04



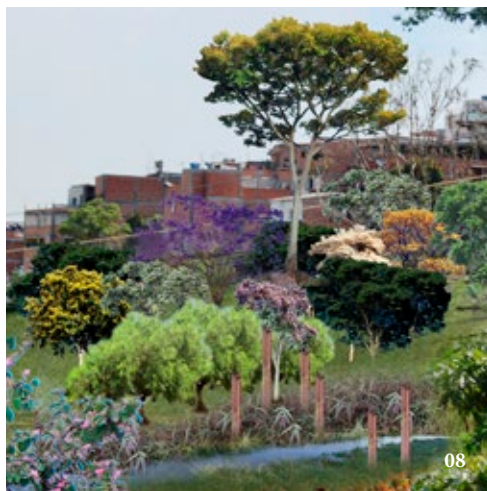
05



06



07



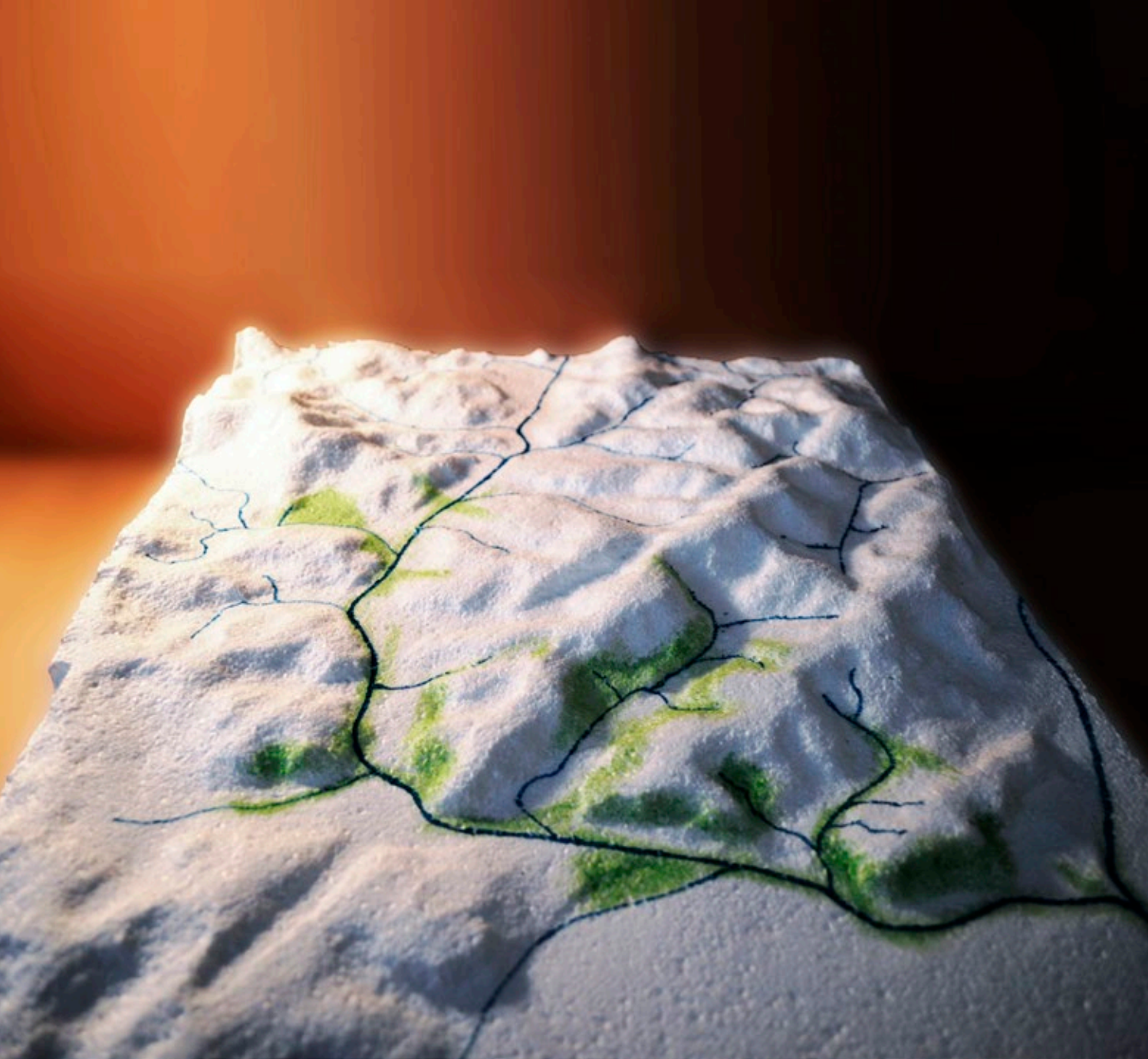
08



09









## Descontínuo, alinhavado pelas águas

Espraiada ao longo do território entre o urbano e o não-urbano, a mancha que dá forma ao Parque das Bordas do Piqueri se constitui de núcleos diversos. Uma vez conformada, sobretudo, por espaços lacunares, característicos dos modos como se dá a urbanização nesse território, trata-se de uma área verde descontínua, de implantação gradual e em constante interação com seu entorno. Trata-se de um ente aberto, um parque que acontece quando percorrido, que acolhe, em seus espaços, a experiência paisagística das bordas.

O parque proposto associa-se intimamente à vivência dos espaços habituais dos arredores do Piqueri, e traz à tona do cotidiano das pessoas que ali habitam, assim, afetividades outras relacionadas aos corpos d'água negados, ao longo da consolidação urbana, enquanto paisagem. Nascidas do processo de imersão no território empreendido ao longo desse trabalho, as intenções projetuais colocadas se apropriam das expressões latentes do contato entre as extremidades precariamente urbanizadas e elementos naturais degradados, mas fortemente presentes no norte de São Paulo. Sem propor, necessariamente, o novo, a premissa do projeto é criar condições para que se expresse, sob formas sensíveis, a paisagem velada das bordas do Piqueri.

Contudo, haja vista o cronograma exíguo, o presente trabalho teve de encarar, dentro da metodologia proposta, a impossibilidade do detalhamento das soluções projetuais para as diversas áreas constituintes do parque na escala de projeto executivo ou em tecer diálogos aprofundados com os moradores do entorno do Piqueri e com os demais agentes relacionados à implantação do parque<sup>20</sup>. Desse modo, na condição de erupções decorrentes da imersão longamente empreendida no território das bordas do Piqueri, apresentam-se, a seguir, diretrizes de intervenção, espacializadas na escala de estudo preliminar, para alguns dos núcleos constituintes do parque.

<sup>20</sup> É válido salientar que as discussões do projeto em âmbito geral com a sociedade civil, visando ao estabelecimento de interfaces participativas, são consideradas, aqui, condições fundamentais à efetividade das intervenções das mais diversas naturezas no espaço público. Assim, o tema deve ser considerado um capítulo em aberto a ser abordado no Parque das Bordas do Piqueri.

Tais soluções constam em anexo ao presente caderno, na escala apropriada, expressas nas seguintes pranchas:

Prancha 01/15: Parque das Bordas do Piqueri - Implantação geral

Prancha 02/15: Praça da Ocupação [01]

Prancha 03/15: Escola Estadual Profa. Eunice Terezinha de O. Frágoas [02]

Prancha 04/15: CEU Jaçanã [03]

Prancha 05/15: Fábrica de Cultura do Jaçanã [04]

Prancha 06/15: Igarapé Primavera [05]

Figura 69: Parque das  
Bordas do Piqueri.

*Implantação geral  
escala indicada*



01

02

03

05

04

0 40





## Praça da Ocupação

Dentre as poucas praças existentes nos arredores do vale do Piqueri, a Praça da Ocupação define-se enquanto espaço de convívio fortemente apropriado pelos moradores do Jardim Filhos da Terra. Situada no topo de um morro à margem esquerda do córrego Piqueri, essa área se relaciona com o fundo do vale por meio da rua Apuanã. Contudo, a ladeira toscamente asfaltada, a partir da qual se acessa chácaras e casas assobradadas, não é o único vínculo entre o topo ocupado pela praça e a baixada que dela se avista.

Oculto sob uma faixa gramada junto à rua Apuanã, um pequeno afluente do córrego Piqueri nasce poucos metros abaixo da Praça da Ocupação e permanece vivo na memória dos moradores do conjunto habitacional ali existente. O ponto de partida da intervenção neste núcleo do parque consiste em desenterrar o braço do Piqueri, de modo a permitir a retenção de seu baixo curso em um pequeno lago de águas claras [01]. Um deck de madeira terraceado [02] se projeta a partir de sua vertente esquerda, bastante íngreme. O leito da rua Apuanã, calçado agora com paralelepípedos, passa a corresponder à margem direita das águas afloradas[03], que escoam vivas antes de repousarem, cristalinas, refletindo o céu. O acesso ao conjunto habitacional é devolvido à condição de ponte [04], poucos metros a jusante de um recanto avarandado, aberto sobre o vale [05].

A montante do conjunto habitacional há um bosque denso, situado em uma chacara remanescente. Mesmo inacessíveis à área pública, os espaços escuros sob as árvores são habitados pelo olhar curioso e pelo imaginário de quem espia entre as grades enferrujadas da chacara antiga. Não é possível precisar o ponto onde nascem as águas, mas intui-se que elas nasçam entre os arbustos do bosque escuro [06]. Intenciona-se, assim, preservar a experiência de se imaginar as nascentes, que não se vê, do córrego que se abre ao parque. Na subida em direção à praça, um renque de aroeiras (*Schinus molle* e *Schinus terebinthifolius*) nos passeios da rua Apuanã sinaliza o prolongamento do parque morro acima[07]. O redesenho do espaço longilíneo da praça [08] propõe, em canteiros geometrizados, o uso compartilhado das vias adjacentes e a conformação de novos recantos à sombra das árvores. A vegetação existente, como uma grande figueira (*Ficus elastica*) é incorporada ao projeto de paisagismo [08]. Os equipamentos de playground e ginástica existentes, nessa proposta, integram-se às áreas de estar e permanência [09].

Figura 70: Praça da Ocupação.

*Implantação geral  
escala indicada*

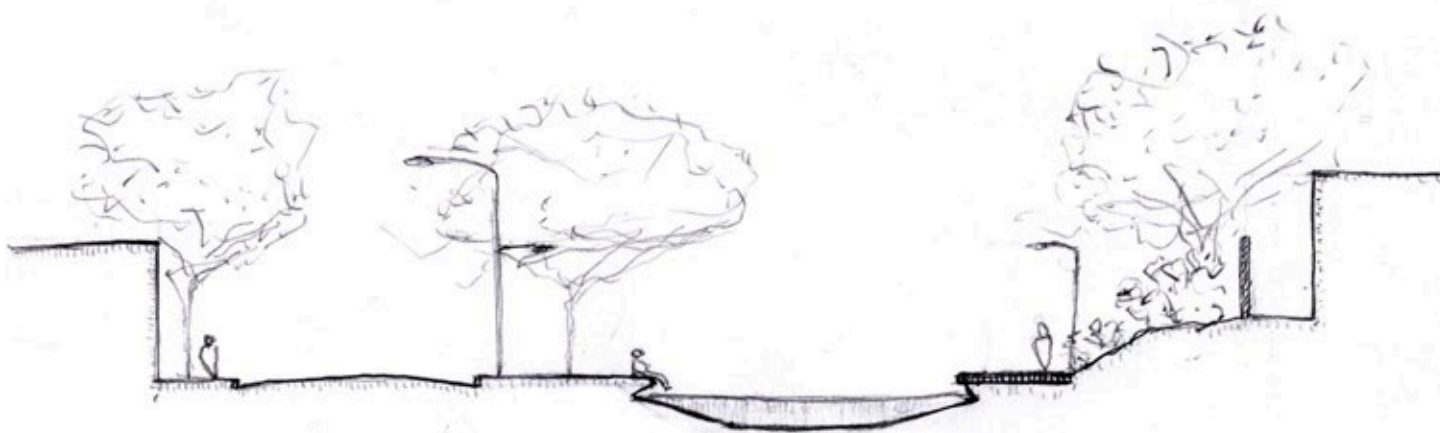


Figura 71: Corte A - A

Deck junto a alargamento  
do córrego

*escala indicada*

0 ————— 20



Figura 72: Corte B-B

Revisão do desenho  
da praça, prevendo o  
compartilhamento de  
seus usos

*escala indicada*



Figura 73: Visada a  
*situação atual*





Figura 74: Visada **a**  
*fotomontagem*



## Escola Estadual Profa. Eunice Frágoas

<sup>21</sup> A Escola Estadual Eunice Terezinha de Oliveira Frágoas atende alunos do ciclo educacional básico (1º ao 3º ano) e do ensino fundamental (4º e 5º ano)

A Escola Estadual Professora Eunice Terezinha de Oliveira Frágoas<sup>21</sup>, situada à foz de um tímido contribuinte do córrego Piqueri, tem seus espaços livres segregados das águas. O vale alarga-se sensivelmente nos primeiros metros da Av. Antonelo da Messina e o escoar vagaroso das águas, embora negado ao público é intuído enquanto único elemento capaz de conformar espaço de tal natureza. O reconhecimento estético das feições específicas das várzeas do Piqueri, onde a confluência de córregos tortuosos define baixadas vastas entrecortadas por águas vagarosas, é a intenção fundamental do que se propõe para este núcleo do Parque das Bordas do Piqueri.

É nesse sentido que se coloca com grande interesse a possibilidade de permear o ato de caminhar dos passeios públicos à beira dos córregos, onde percursos diversos tangenciam as águas e onde, em pontes, se passa de uma margem à outra. À vertente direita do braço do Piqueri, uma área de desnível suave, onde são cultivadas mudas de herbáceas para plantio nos diversos núcleos do parque ou hortaliças para consumo dos próprios moradores, define a chegada da Rua Franco Vittadini ao corpo d'água [01]. Há um passeio lindeiro aos fundos de lotes pelo qual se chega a uma pontezinha, cuja estrutura, em concreto armado, é consolidada à de pequenos recantos elevados, de modo a manter permeável o solo das várzeas [02]. Ao longo das margens, herbáceas palustres (*Colocasia esculenta*) integram-se à vegetação ruderal (*Setaria poiretiana*)[03].

O acesso ao edifício da escola, uma vez integradas suas áreas livres ao contexto do parque, se dá pelo prolongamento dos passeios em estrutura elevada [04]. É possível, também, acessar os fundos da instituição por um corredor lateral, no qual é proposto um pomar de goiabeiras (*Psidium guajava*), pitangueiras (*Eugenia uniflora*) e morangos silvestres (*Rubus rosifolius*) [05]. As quadras esportivas ali existentes integram-se ao parque [06] e são pontuadas, à beira do Piqueri, por conjuntos de paineira-rosa (*Ceiba speciosa*)[07]. As várzeas, nesse ponto, são delimitadas por uma encosta íngreme, onde fragmentos de mata são integrados, visualmente, ao adensamento arbóreo proposto [08]. Nas cotas inferiores é concebido, por sua vez, um amplo gramado, aberto à permanência junto às águas. Alguns metros a jusante, uma pequena ponte [08] e o prolongamento do passeio rente ao Piqueri [10] garantem o acesso pedonal ao morro da Vila Zilda.

Figura 75: E. E. Eunice Frágoas

Implantação geral  
escala indicada

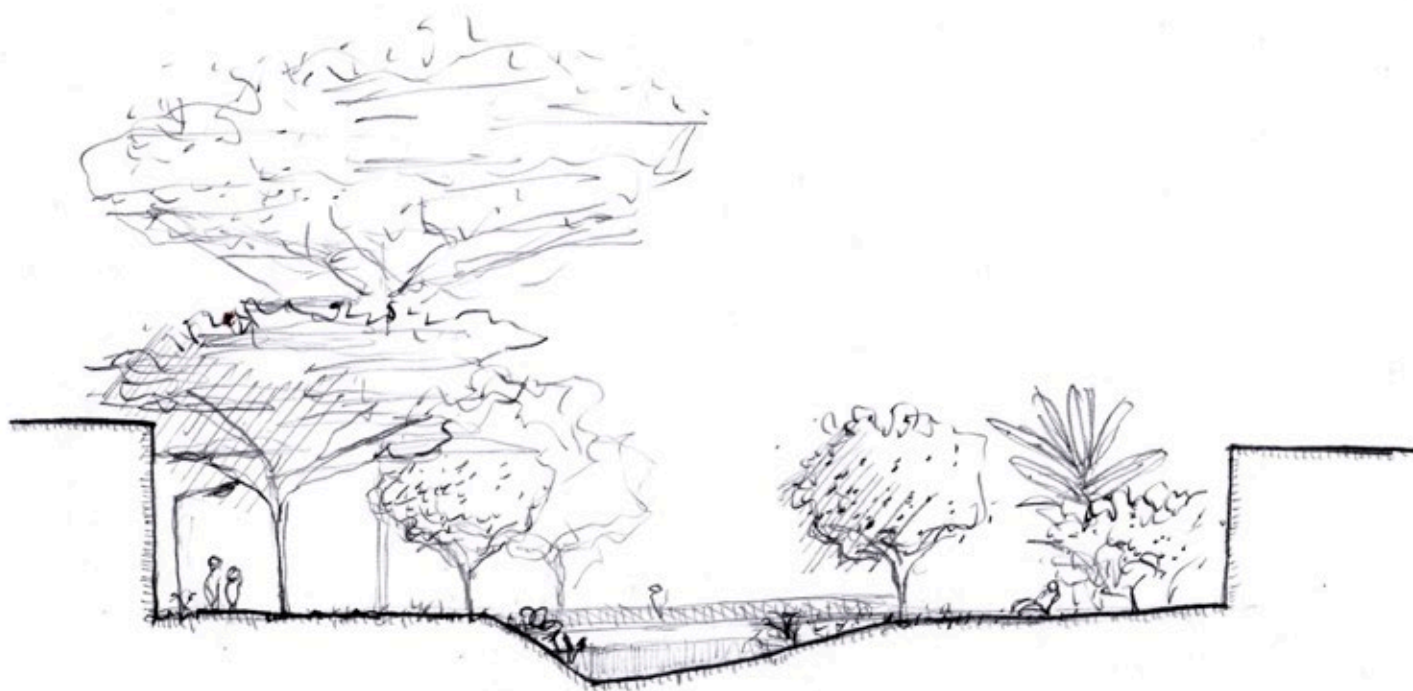


Figura 76: Corte A - A  
Recantos e espaços de circulação junto ao córrego  
*escala indicada*

0 5

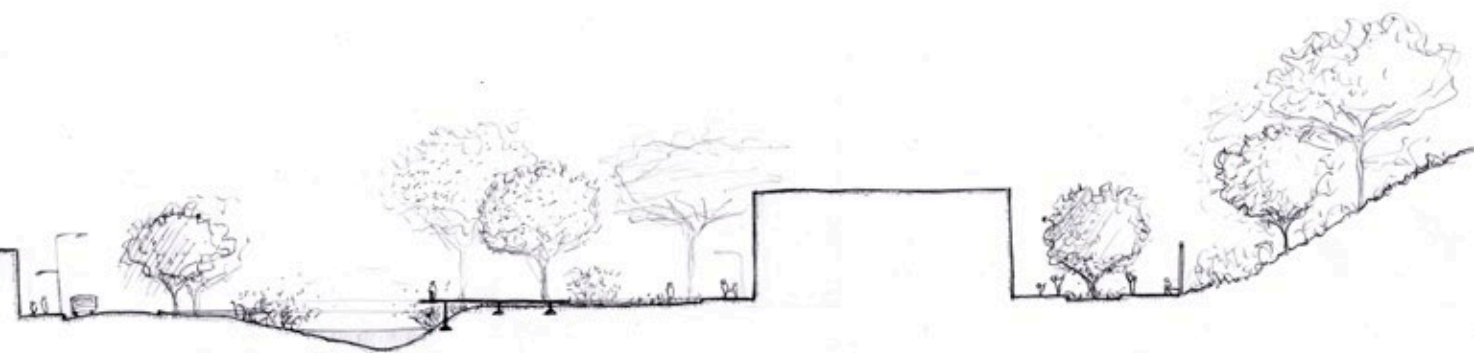


Figura 77: Corte B-B

Estruturas leves elevadas  
permitem a circulação  
à beira d'água sem a  
impermeabilização da  
superfície do solo

*escala indicada*

0 ——— 10

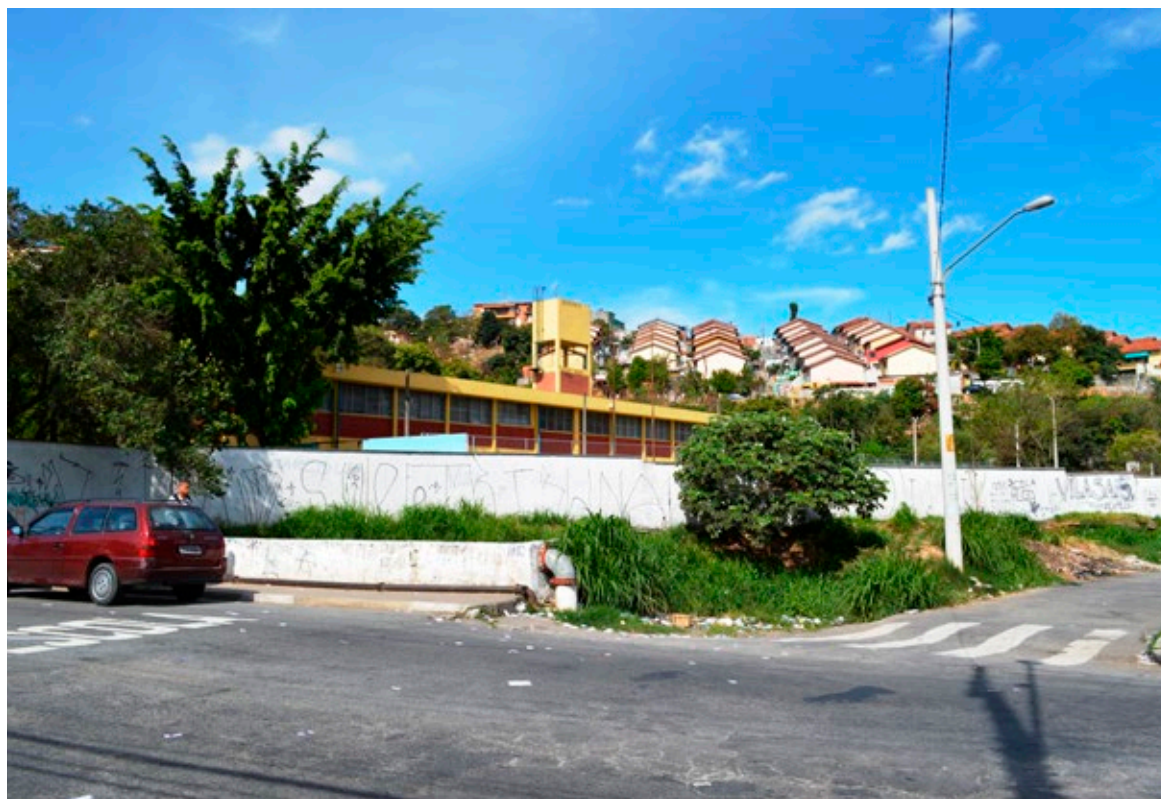


Figura 78: Visada a  
*situação atual*



Figura 79: Visada a  
*fotomontagem*





## CEU Jaçanã

Embora situados junto à foz do córrego Tremembé, maior contribuinte do Piqueri, os espaços livres do CEU Jaçanã<sup>22</sup> fecham-se às águas que o circundam. A integração dessas áreas ao território do Parque das Bordas do Piqueri visa a recuperar a experiência estética do afrouxamento que há nas áreas de foz, onde as margens se afastam e os corpos d'água, mais vagarosos, avolumam-se sensivelmente. Ressignificados, os espaços existentes entre as edificações e os equipamentos esportivos que constituem o CEU Jaçanã passam a mediar novas afetividades relacionadas aos elementos naturais que ali se apresentam.

Com a integração dos espaços livres institucionais ao contexto do parque, os eixos principais de circulação se abrem em acessos diretos aos passeios públicos, o que permite a experiência de diversos percursos pelos arredores da foz do Tremembé. A partir da Av. Maria Amália Lopes de Azevedo uma alameda plenamente acessível [01], relaciona as quadras poliesportivas existentes[03] aos passeios públicos. Na margem oposta, a poucos metros, contudo, um recanto avarandado debruça-se, enquanto espaço de estar e contemplação, sobre as águas correntes do Piqueri [02]. Embora não se possa caminhar por essa margem a jusante, há certa continuidade visual [05] propiciada por um renque de aroeiras (*Schinus molle* e *Schinus terebinthifolius*) ao longo do qual o olhar é levado ao horizonte, onde se perde o Piqueri de vista.

O CEU Jaçanã também pode ser acessado pela Av. Antônio César Neto, onde se propõe uma pequena praça à sombra de jacarandás (*Jacaranda macrantha*) [07]. A escala do edifício de salas de aula relaciona-se à sensação de amplitude da área de foz por um pequeno conjunto de manacás (*Tibouchina mutabilis*) [08], que convidam à aproximação ao córrego. Junto à referida avenida se concentram as piscinas do CEU. Apesar da proposta de substituição de grande parte das pavimentações impermeáveis por áreas gramadas ou com canteiros de forrações diversas, o deck existente tem seu desenho mantido[04], passando a relacionar, agora, o núcleo de esportes aquáticos a um passeio de pedriscos concebido à beira do Piqueri [06]. Delimitado por divisórias em placas de ardósia rentes ao solo, o passeio tem suas bordas difusas, na medida em que as pequenas pedras se imiscuem à relva. Adiante, uma prainha de rio, pedriscos, aroeiras e juncos (*Juncus trifidus*) convida à permanência e à contemplação do encontro das águas [09].

<sup>22</sup> O Centro de Educação Unificado Jaçanã é um equipamento esportivo e educacional municipal que atende alunos da rede EMEI - Escola Municipal de Ensino Infantil - e da rede EMEF - Escola Municipal de Ensino Infantil - além de desenvolver atividades junto à UAB - Universidade Aberta do Brasil - e atividades esportivas e culturais envolvendo, de modo geral, a população moradora do entorno. ([ceujacana.com](http://ceujacana.com))

Figura 80: CEU Jaçanã  
Implantação geral  
escala indicada

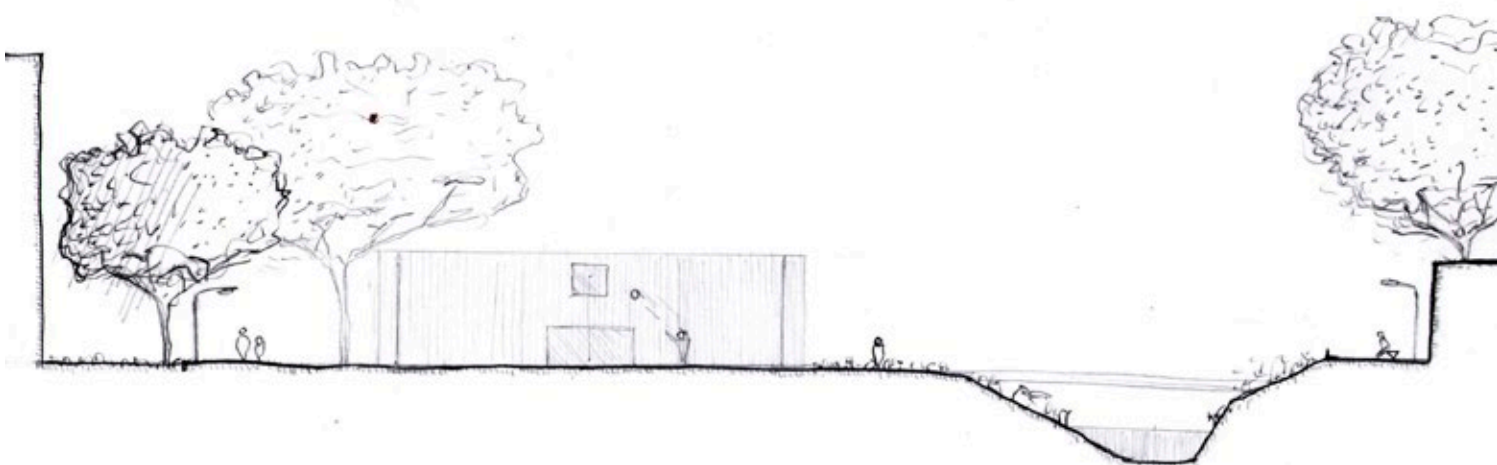


Figura 81: Corte A - A  
Alameda junto a quadras  
esportivas existentes  
*escala indicada*

0 \_\_\_\_\_ 5



Figura 82: Corte B-B  
Prainha de rio e pedriscos  
junto à foz do córrego  
Tramembé  
*escala indicada*



Figura 83: Visada a  
*situação atual*

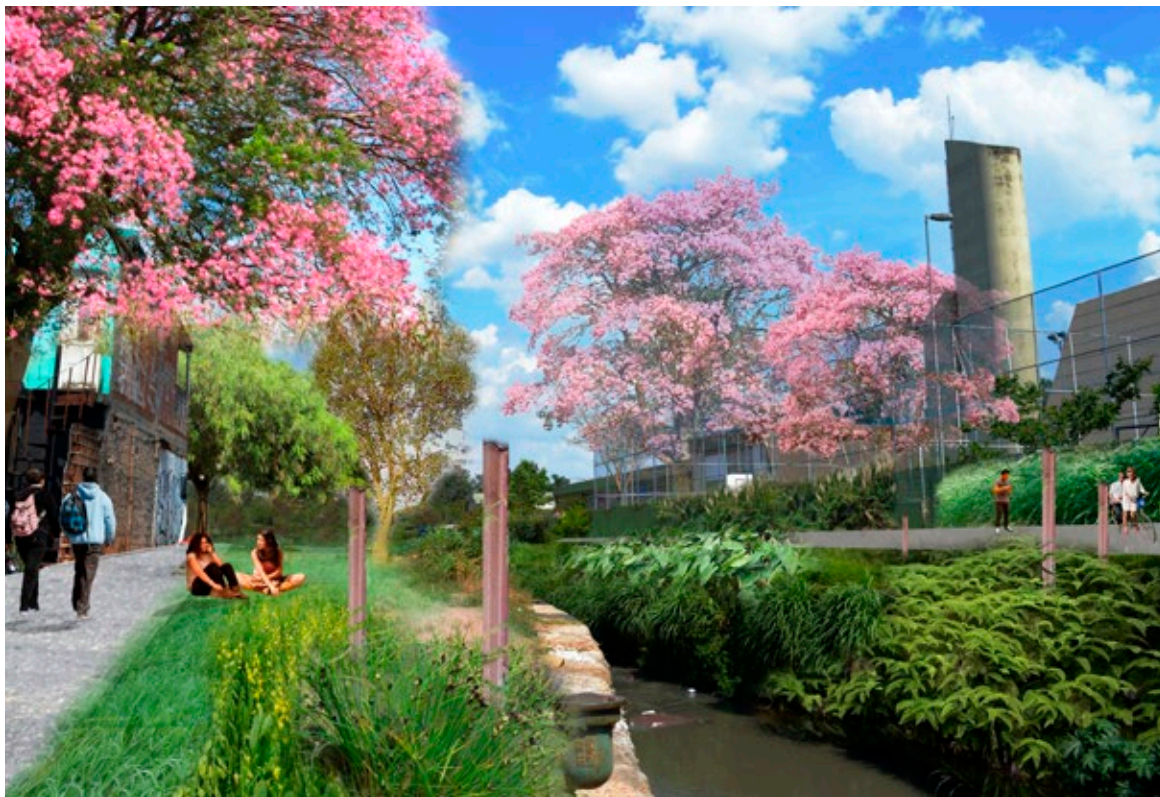


Figura 84: Visada **a**  
*fotomontagem*



## Fábrica de Cultura do Jaçanã

Se as várzeas e as áreas onde confluem as águas do Piqueri, por um lado, expressam, no alargamento do vale, a vastidão de um território que se prolonga plano, a perder de vista, as proximidades das nascentes que vertem do norte em direção ao vale principal, por sua vez, encerram-se fundo em sulcos escavados entre morros. Ali os pequenos córregos, ligeiros, são abrigados, a poucos metros, por encostas íngremes, definidoras de espaços de maior intimidade. Impedido de avançar ao longe, o olhar dá lugar ao reconhecimento tátil destes espaços. A norte do Piqueri, na vertente esquerda do córrego Igarapé Primavera, junto a um linhão de força e a um fragmento de mata adensada, o núcleo do parque balizado pela Fábrica de Cultura do Jaçanã<sup>23</sup> repousa junto às nascentes das bordas.

Paralelo à travessa Igarapé Primavera, principal via de acesso ao bairro de Jardim Hebron, um pequeno curso d'água escoar rente aos lotes que dão fundo à rua Santa Cecília. Na margem oposta à das empenas cegas, uma encosta densamente vegetada ergue-se incisiva a partir da viela sem saída. Nos espaços delimitados pelo barranco, ora mais afastado, ora debruçado sobre a rua estreita, pequenos recantos voltados ao córrego se encaixam, intimistas, à sombra da mata densa [01]. O espaço silencioso da via é percorrido por um passeio em concreto desempenado [02] o qual, contínuo, garante a acessibilidade plena. A substituição do asfalto por paralelepípedos assentados com juntas largas, por sua vez, permite que gramíneas e capins permeiem, espontaneamente, o espaço que une as águas ao morro [03]. Trilhos em aço patinável fincados à beira do córrego e o prolongamento em grades metálicas do passeio convidam ao percurso e à permanência, em certos trechos, junto às águas [04].

A montante, o espaço da viela torna-se um pouco mais largo. Placas em concreto armado cruzam a via de um lado a outro, unindo os recantos da mata aos espaços de permanência junto ao córrego [05]. Conjuntos de manacá-de-cheiro e rabo-de-gato (*Brunfelsia pauciflora* e *Thelypteris dentata*) [06] atestam o alargamento que permite avistar o edifício da Fábrica de Cultura do Jaçanã. O espaço subutilizado de uma olaria, no final da rua, passa a se integrar ao parque, sendo preservada, contudo, a estrutura de um pequeno galpão, sob a qual se descobre o córrego escoando aberto [07]. O passeio prolonga-se a montante, unindo a viela ao espaço livre remanescente sob um linhão de força. O espaço, fortemente apropriado, passa a acolher um pergolado sobre área para food trucks e mesas de piquenique junto às águas [08]. Na vertente oposta, a integração do espaço sob o linhão de força permite o acesso pedonal, por rampas e escadarias, à Fábrica de Cultura, suscitando novas circulações possíveis [09].

<sup>23</sup> A Fábrica de Cultura do Jaçanã é um equipamento estadual que oferece atividades desenvolvidas em ateliês diversos, onde são abordadas as linguagens artísticas de teatro, circo, música, artes visuais, literatura, dança e capoeira. Além disso, são promovidos, com certa frequência, shows e apresentações artísticas diversas abertas à comunidade. ([fabricasdecultura.org](http://fabricasdecultura.org))

Figura 85: Fábrica de Cultura do Jaçanã

*Implantação geral  
escala indicada*

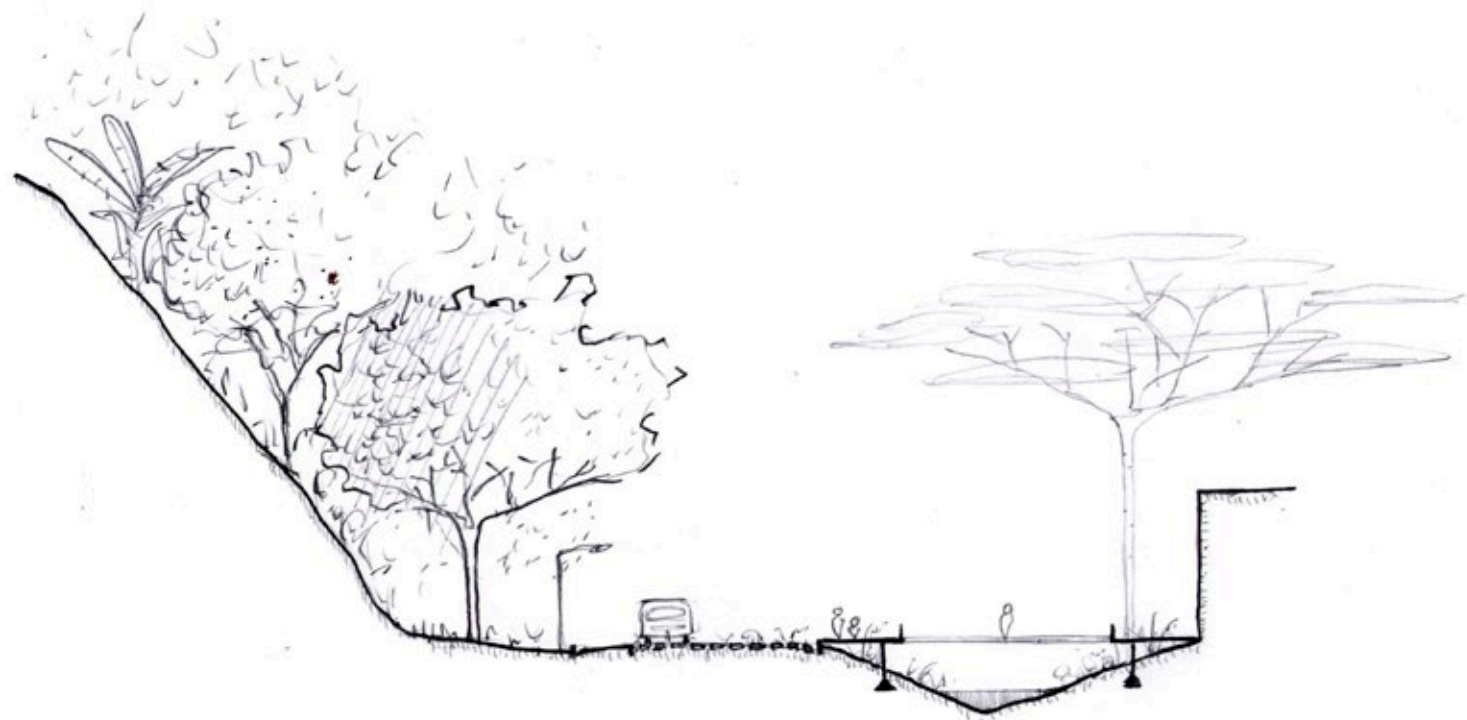


Figura 86: Corte A - A

Pisos em grade, elevados,  
permitem caminhar junto  
às águas

*escala indicada*

0 ————— 5



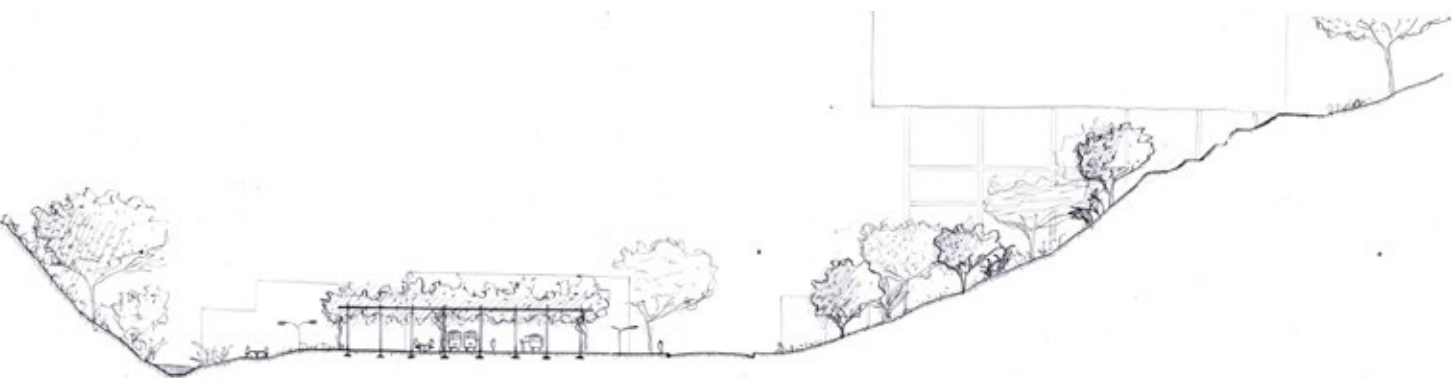


Figura 87: Corte B-B

Pergolado em praça junto  
ao córrego, sob linha  
de força, e escadarias de  
acesso à Fábrica de Cultura  
do Jaçanã

*escala indicada*

0 ————— 10



Figura 88: Visada a  
*situação atual*



Figura 89: Visada a  
*fotomontagem*



Figura 90: Visada a  
*situação atual*



Figura 91: Visada a  
*fotomontagem*



## Igarapé Primavera

A jusante do fragmento de mata remanescente na rua Santa Cecília, o córrego Igarapé Primavera segue seu curso ao longo de um terreno amplo. Embora ocioso, o grande lote, propriedade de uma cooperativa de lotações, vem sofrendo, nos últimos anos, intervenções profundas de cortes e aterros, inclusive em sua área de proteção permanente. O terreno da Tv. Igarapé Primavera, segregado de ponta a outra por um muro alto, estende-se pela vertente direita do afluente do Piqueri, e abriga, além do fundo de seu vale, a confluência de um curso d'água ainda menor, nascido na própria encosta do morro de Vila Zilda. A integração dessa área ao contexto do parque, mediante sua desapropriação, permite a implantação de um espaço público onde as águas ganham expressão a partir de suas diferentes materialidades. Paradas, espraiadas em um lago no baixo curso, ou recém-nascidas, vivas, em seu escoar apressado morro abaixo, as águas se pronunciam a partir da linguagem que lhes é própria neste núcleo do Parque das Bordas do Piqueri.

Antes de escoar confinado entre os fundos das casas da Tv. Igarapé Primavera, a montante, o córrego abre-se num lago serenado [01]. Ao longo de suas margens, blocos de concreto com dimensões variáveis ora configuram bancos, ora convidam à travessia, projetando-se sobre as águas quase paradas. Engastados na encosta, outros blocos formam a arquibancada informal de um gramado que pode ser apropriado enquanto palco, passarela, local de passagem ou permanência [02]. A montante, o córrego escoar entre canteiros palustres e ruderais, ora aproximando-se do passeio público, ora ocluso por conjuntos arbóreos. No topo da encosta, a integração ao parque de um lote ocioso da Tv. São Cristóvão permite a travessia do vale, descortinando vistas e circulações, até então, improváveis [03]. A escadaria proposta, com estrutura elevada em aço patinável, leva o percurso à altura das copas, e confunde-se entre as árvores, à distância. Também em aço patinável, uma ponte de plataformas desencontradas conduz o olhar a uma fenda de poucos centímetros rasgada sobre as águas [04]. Entre juncos, estacas-trilho de variadas alturas balizam, junto à calçada, o espaço das águas correntes [05]. Percursos sinuosos em solocimento desvelam percursos acessíveis e circuitos de caminhada bastante diversos ao longo de bosques e áreas ensolaradas [06].

No topo da encosta, chega-se às nascentes [07]. Abrigadas entre a vegetação do sub-bosque, alimentam o vale de uma água incessante, apressada. É proposto um platô avarandado junto à Rua 09, onde empenas em concreto expressam o contato estético entre o natural e o construído [08]. Bancos corridos, curvilíneos, engastam-se ao aclive suave, atraindo diferentes formas de apropriação [09]. Afastadas das águas, mas relacionadas, visualmente, com elas, duas quadras poliesportivas [10] e uma pequena edificação de apoio (vestiários e depósito) [11] ressignificam os espaços entre os fundos das construções e o córrego para o qual se fecharam.

Figura 92: Igarapé Primavera

*Implantação geral  
escala indicada*

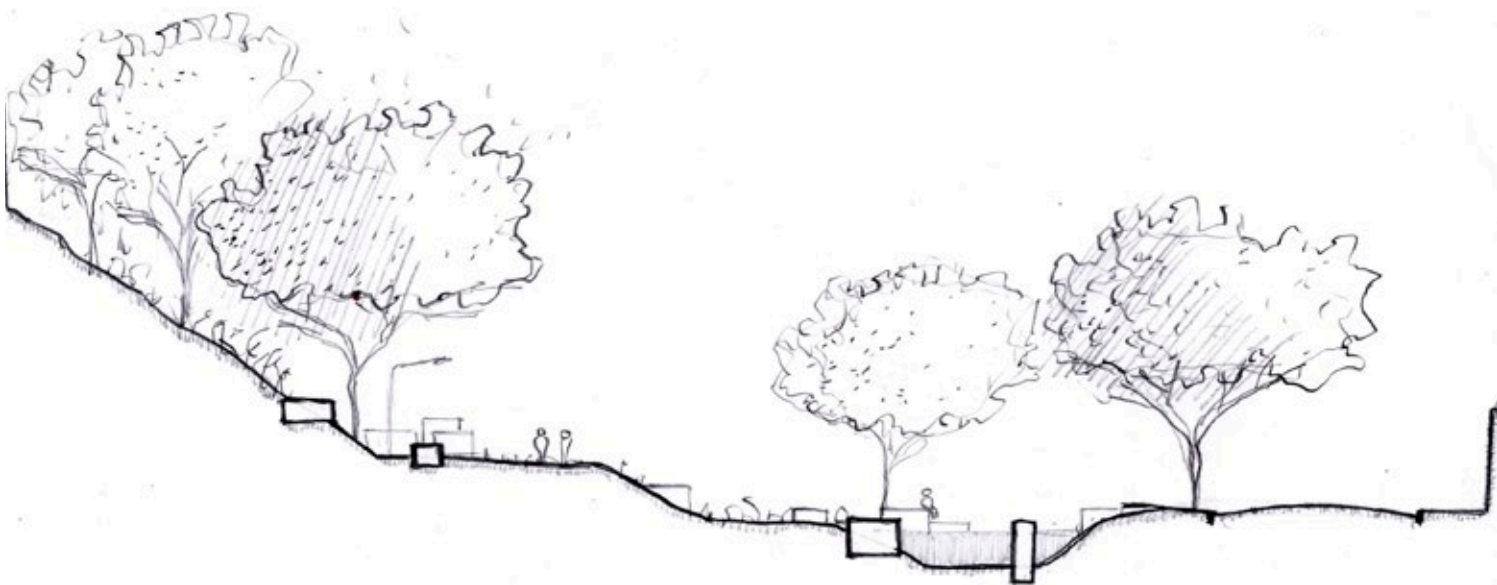


Figura 93: Corte A - A

Blocos de concreto  
definem arquibancada e  
permitem a travessia do  
córrego

*escala indicada*

0 \_\_\_\_\_ 5



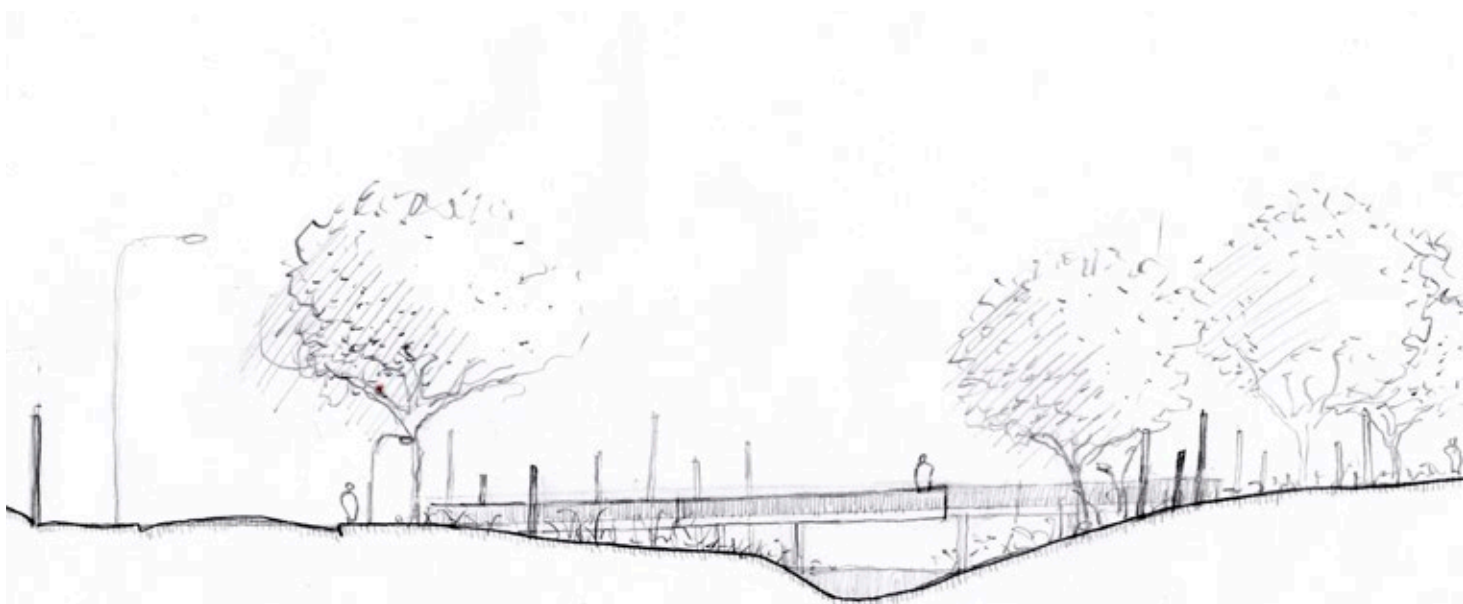


Figura 94: Corte B-B  
Ponte em aço patinável  
e estacas-trilho junto à  
vegetação ruderal  
*escala indicada*



Figura 95: Visada a  
*situação atual*



Figura 96: Visada **a**  
*fotomontagem*



Figura 97: Visada **b**  
*situação atual*



Figura 98: Visada **b**  
*fotomontagem*



Figura 99: Visada c  
*situação atual*



Figura 100: Visada c  
*fotomontagem*



Figura 101:  
Modelo Físico

*vista a partir da encos-  
ta leste*

*escala 1 : 500*





Figura 102:  
Modelo Físico  
*Lago*  
escala 1 : 500



Figura 103:  
Modelo Físico

*Ponte e recantos em  
terra batida junto a  
bosque*

*escala 1 : 500*



Figura 104:  
Modelo Físico

*Escadaria em estrutura  
metálica elevada dis-  
simula-se, à distância,  
entre áreas de bosque  
escala 1 : 500*

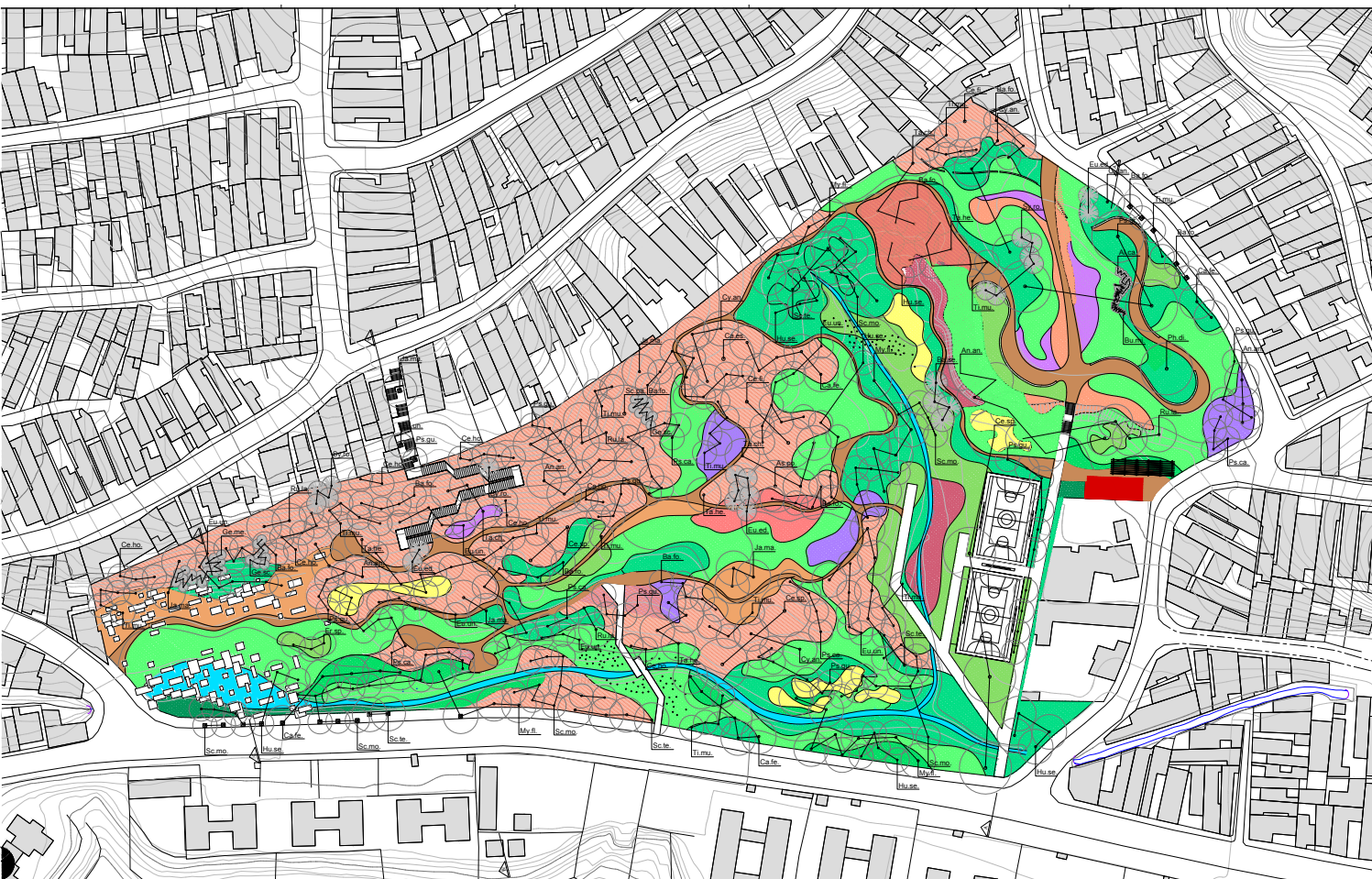


Figura 105:  
Modelo Físico

*Travessias junto a quadras poliesportivas*

*escala 1 : 500*





ESPECIES ARBÓREAS				ESPECIES ARBÓREAS				ESPECIES ARBÓREAS				ESPECIES DE PALMEIRAS			
Altura (m)	DAP	Unidades		Altura (m)	DAP	Unidades		Altura (m)	DAP	Unidades		Altura (m)	DAP	Unidades	
An.sp. <i>Andira anethifolia</i>	2,00	0,03	16	Cy.sp. <i>Cyathochaeta antioquiensis</i>	2,00	0,03	09	Ps.ca. <i>Panicum calayanum</i>	2,00	0,03	19	Tl.mu. <i>Zizanthium mutabile</i>	1,50	0,03	52
As.sp. <i>Aspidosperma polyneuron</i>	2,50	0,03	01	Er.sp. <i>Erythrina speciosa</i>	1,50	0,03	03	Ps.sp. <i>Panicum guianense</i>	2,00	0,03	35	Al.ca. <i>Albizia coriaria</i>	0,50	-	18
Ba.sp. <i>Bauhinia variegata</i>	2,00	0,03	45	Eu.sp. <i>Eugenia uniflora</i>	2,00	0,03	31	Ru.la. <i>Rapanea leviflora</i>	2,00	0,03	13	Ba.sp. <i>Bauhinia variegata</i>	2,50	0,04	04
Ca.sp. <i>Casearia aculeata</i>	2,50	0,04	01	Ha.sp. <i>Hedyotis corymbosa</i>	2,00	0,03	32	Sc.me. <i>Schinus molle</i>	1,50	0,03	43	Sc.me. <i>Schinus molle</i>	0,30	-	44
Ca.fc. <i>Casearia flemingii</i>	2,50	0,03	20	Ja.me. <i>Jatropha macrocarpa</i>	2,00	0,03	09	Sc.te. <i>Schinus molle</i>	2,00	0,03	15	Eu.ed. <i>Eugenia edulis</i>	2,00	0,03	10
Ce.fl. <i>Cedrela fissilis</i>	2,00	0,03	03	My.B. <i>Myrcia floribunda</i>	1,50	0,03	22	Sc.sp. <i>Schinus molle</i>	2,50	0,04	01	Ge.me. <i>Geonoma meridionalis</i>	1,50	0,03	17
Ce.ho. <i>Cecropia hololeuca</i>	2,00	0,03	23	Ph.di. <i>Phytolacca dioica</i>	2,50	0,04	01	Ta.ch. <i>Tabea chrysochloris</i>	2,50	0,03	09	Ge.sc. <i>Geonoma schottiana</i>	1,50	0,03	18
Ce.sp. <i>Cedrela speciosa</i>	2,00	0,03	08	Ps.gr. <i>Passiflora grandiflora</i>	2,00	0,03	03	Ta.hg. <i>Tabea heisterlyi</i>	2,00	0,03	08	Sy.ro. <i>Syngonium rooseae</i>	2,00	0,04	11

Ainda em relação ao núcleo Igarapé Primavera, fora desenvolvido, enquanto tentativa de aproximação da materialidade das bordas trabalhada nas intervenções projetuais, material gráfico referente ao estudo destas soluções em âmbito de projeto executivo.

Trata-se, portanto, do “projeto piloto” de um dos tantos núcleos constituintes do parque que se espalha ao longo do vale do Piqueri e por seus arredores, representados em anexo nas seguintes pranchas:

Prancha 07/15: Movimento de terra

Prancha 08/15: Pisos e elementos - Implantação geral

Prancha 09/15: Pisos e elementos - Área 01

Prancha 10/15: Pisos e elementos - Área 02

Prancha 11/15: Pisos e elementos - Área 03

Prancha 12/15: Pisos e elementos - Área 04

Prancha 13/15: Pisos e elementos - Cortes

Prancha 14/15: Plantio - Espécies arbóreas

Prancha 15/15: Plantio - Forrações e arbustos

Figura 106:  
Igarapé Primavera -  
Projeto Executivo  
*Implantação geral*  
*escala 1 : 2000*

Figura 107: Corte A - A

*escala indicada*





0 ————— 20

À BEIRA DO URBANO

Figura 108: Corte B - B

*escala indicada*



0 ————— 20

À BEIRA DO URBANO

Figura 109: Corte C - C

*escala indicada*



0  20

À BEIRA DO URBANO



## Considerações finais

A cidade de São Paulo se desenvolveu em um sítio cujas feições paisagísticas se relacionam intimamente à ação milenar das águas. Na condição de vestígios, correspondências entre certos espaços livres públicos e a complexa trama hídrica ocultada pelo fazer humano trazem à tona não apenas o reconhecimento da dimensão temporal de uma natureza que permanece viva, embora sobrepujada, mas propiciam, sobretudo, o estabelecimento de afetividades ainda possíveis em relação aos córregos.

No extremo norte de São Paulo, onde o esgarçamento gradual da cidade revela um território de coexistência entre o urbano e o não-urbano, são ainda mais incisivos os indícios da persistência da natureza das bordas, fragmentada, imiscuída a espaços profundamente transfigurados pelas intervenções humanas, mas que comparece ostensiva nos resíduos de sua presença. Manifestação sensível desse território, contudo, a paisagem das bordas da cidade nos arredores do córrego Piqueri apenas insinua-se, latente, em minúcias características das bordas. Materializadas ora em afloramentos de corpos d'água, ora em nesgas efêmeras de capim que habitam, espontaneamente, buracos em sarjetas, essas minúcias, aparentemente insignificantes, correspondem aos elementos capazes de fazer emergir, uma vez devolvidos a seu sentido mais profundo, experiências paisagísticas ao longo das bordas.

Tanto o estudo do território a partir de sua dimensão corpórea, possibilitado pela realização de percursos diversos, como as intenções projetuais propostas, enquanto manifestação oriunda da experimentação sensível dos arredores do córrego Piqueri, focam-se na força expressiva dos pormenores das bordas. Visando ao desvelamento de uma paisagem que existe, mas que escapa à experiência sensível, assim, o partido formal e a manutenção do traço repousado sobre o papel são relativizados frente à vontade de aceitação e de assimilação do imprevisível no projeto do Parque das Bordas do Piqueri.









## Bibliografia

*a. Políticas públicas, planos e projetos contemporâneos relacionados à área de estudo:*

PMSP. PLANO REGIONAL ESTRATÉGICO DA SUBPREFEITURA DE JAÇANÃ-TREMEMBÉ – PRE – JT. 2004.

RENOVASP: concurso de projetos de arquitetura e urbanismo. Elisabete França, Marisa Barda, org. 1. ed. São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular, 2011 (Série Novos Bairros de São Paulo)

PMSP. SEHAB. Cabuçu de Cima – Guia de Centralidades. 2008.

Secretaria do Meio Ambiente. Instituto Florestal. Parque Estadual da Cantareira – Plano de Manejo. 2009.

*b. Análise da dinâmica urbana da cidade de São Paulo e de sua relação com aspectos geofísicos do sítio urbano:*

AB’SÁBER, Aziz. Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo. São Paulo: Ateliê editorial, 2007.

LANGENBUCH, Juergen Richard. A estruturação da Grande São Paulo. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1971.

MORSE, Richard M. Formação histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole). São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

*c. Aspectos sociológicos relacionados às formas de habitar as periferias:*

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. Tese (doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

*d. Relação entre espaços livres da cidade e indícios da presença de córregos apartados da paisagem:*

BARTALINI, Vladimir. Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos. Pós – revista do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da FAU-USP, n. 16, 2004, p. 82-96, e revisado em 2009.

*e. Referenciais teóricos e conceituais contemporâneos referentes à paisagem:*

ASSUNTO, Rosário. A paisagem e a estética. In. Filosofia da Paisagem – uma antologia. Coordenação: Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

BESSE, Jean-Marc. As cinco portas da paisagem – Ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. (Trad. Vladimir Bartalini). In. Jean-Marc Besse. Le Gôut du Monde. Paris: Actes Sud, 2010.

\_\_\_\_\_. Cartographier, construire, inventer. Notes pour une épistémologie de la démarche de projet. Les Carnets du paysage, n. 7, 2001, p. 126-145. Ecole nationale supérieure du paysage, 2001.

*f. Estudo das condições imaginativas relacionadas à experiência do espaço e da água enquanto matéria:*

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

*g. Aproximação ao conceito de bordas, à experiência dos espaços em sua efemeridade por meio da atividade cotidiana do caminhar e às diferentes formas de representação de tais percursos:*

BOGÉA, Marta Vieira. Cidade Errante: arquitetura em movimento. São Paulo: SENAC, 2009.

CARERI, Francesco. Walkscapes : el andar como práctica estética. Barcelona: Gili, 2005.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

HARMON, Katherine A. The map as art: contemporary artists explore cartography. Nova York : Princeton Architectural Press, 2009.

PERNET, Alexis. L'idée du bord. Les Carnets du paysage, n. 7, 2001, p. 6-18. Ecole nationale supérieure du paysage, 2001.

SCHELLE, Karl G. A arte de passear. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SMITHSON, Robert. Um passeio pelos Monumentos de Passaic, Nova Jersey. (Trad. Agnaldo Farias). In. Espaço & Debates, São Paulo, n. 43-44, p. 120 – 128, 2003.

*h. Referenciais históricos e projetuais relacionados a jardins e parques públicos:*

BARZILAY, Marianne. L'invention du parc : Parc de La Villette, Paris : concours international 1982-1983. Paris: Graphite, 1984.

DRESEITL, Herbert; GRAU, Dieter. New Waterscapes, Basel: Birkäuser, 2005.

MOSTAEDI, Arian. Paisagismo – Nuevo diseño em entornos urbanos.

PANZINI, Franco. Per i piaceri del popolo : l'evoluzione del giardino pubblico in Europa dalle origini al XX secolo. Bologna : Zanichelli, 1993.

\_\_\_\_\_. Projetar a natureza – Arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea. São Paulo: Senac, 2013.

